



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

LUANA FERREIRA CÂMARA GENOUD

**SOBRE RESPEITAR TODAS AS VIDAS: ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DA
COMERCIALIZAÇÃO AGROECOLÓGICA DA ECOVÁRZEA EM SUA FEIRA EM
JOÃO PESSOA.**

JOÃO PESSOA

2022

LUANA FERREIRA CÂMARA GENOUD

**SOBRE RESPEITAR TODAS AS VIDAS: ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DA
COMERCIALIZAÇÃO AGROECOLÓGICA DA ECOVÁRZEA EM SUA FEIRA EM
JOÃO PESSOA.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba como parte das exigências para obtenção o título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Dr. Marco Aurélio Paz Tella

JOÃO PESSOA
FEVEREIRO DE 2022

LUANA FERREIRA CÂMARA GENOUD

SOBRE RESPEITAR TODAS AS VIDAS: ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DA
COMERCIALIZAÇÃO AGROECOLÓGICA DA ECOVÁRZEA EM SUA FEIRA EM
JOÃO PESSOA.

Dissertação de mestrado apresentada à
Universidade Federal da Paraíba como parte
das exigências para obtenção o título de
Mestre em Antropologia.

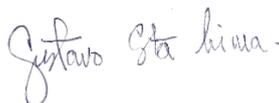
BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof Dr Marco Aurélio Paz Tella – PPGA/UFPB



Membro interno: Prof^a Dr^a Mónica Lourdes Franch Gutiérrez– PPGA/UFPB



Membro externo: Prof Dr Gustavo Ferreira da Costa Lima – PPGS/UFPB

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G335s Genoud, Luana Ferreira Câmara.

Sobre respeitar todas as vidas : análise da produção e da comercialização agroecológica da Ecovárzea em sua feira em João Pessoa / Luana Ferreira Câmara Genoud. - João Pessoa, 2022.

127 f. : il.

Orientação: Marco Aurélio Paz Tella.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Feiras - Produtos agroecológicos. 2. Alimentação agroecológica. 3. Agricultura familiar. 4. Assentamento. I. Tella, Marco Aurélio Paz. II. Título.

UFPB/BC

CDU 339.177(043)

Para mainha e vovó. Por terem me ensinado a cozinhar, a amar comida e a lutar pelo que eu acredito.

AGRADECIMENTOS

Ter conseguido chegar até o final do mestrado e estar entregando minha dissertação é muito gratificante. Ainda mais tendo pesquisado e escrito durante uma pandemia. Eu me sinto muito orgulhosa do que esta pesquisa se tornou, pois em vários momentos não achei que seria possível fazê-la. Esses dois anos foram de muito aprendizado, ansiedade, orgulho e coragem.

Agradeço,

A mim, por ter tido coragem de embarcar no mestrado depois de um tempo afastada do meio acadêmico. Por ter encarado o mestrado enquanto trabalhava ao mesmo tempo. Por ter persistido, ter seguido minha intuição e enfrentado meus medos. É muito difícil, portanto, eu agradeço a força que tive.

A todos os feirantes e todas as feirantes pela disponibilidade de me deixar pesquisar a feira. Sem vocês este trabalho não acontecia. E, principalmente, por fazerem a Ecovárzea acontecer! Agradeço demais por isso!

A minha companheira Laysla, por sempre acreditar em mim, mais do que eu mesma acredito. Por segurar minha mão nos momentos de desespero; por se orgulhar do que escrevo; por me escutar falando sobre a dissertação; por me esperar no carro enquanto eu ia fazer a feira; por me encorajar profundamente. Eu poderia conseguir terminar a dissertação sem seu apoio, mas seria muito mais difícil. Muito obrigada!

A minha mãe e a minha avó que sem elas eu não teria feito faculdade. Obrigada por cuidarem de mim e se dedicarem ao máximo para me dar o melhor. Por acreditarem em mim e na minha educação. Sem vocês eu não seria quem sou agora. Muito obrigada!

A Bruna e Mari, minhas amigas do mestrado, por toda a troca que tivemos. Pela amizade. Pelo companheirismo que criamos umas com as outras por estarmos fazendo um mestrado on-line no meio de uma pandemia. Pelo apoio quando eu precisava desabafar, pelos conselhos e por todo o carinho. Muito obrigada!

A minha amiga Jessica, pelas inúmeras trocas que tivemos. Pelo ombro amigo para me escutar falar da dissertação e de todas as reclamações acerca dela. Pela disponibilidade de ler comigo alguns textos. Pelo carinho que você me transmite. Muito obrigada!

A minha amiga Pamela, que me ajudou a terminar esta dissertação e sempre esteve muito disposta a estar do meu lado, me ouvindo reclamar, me incentivando. Muito obrigada mesmo!

Aos amigos que fiz no mestrado e contribuíram tanto para meu crescimento e para minha caminhada neste programa, principalmente aqueles que faziam parte do grupo de orientação, obrigada demais.

A meu orientador, por estar ao meu lado durante este trajeto. Por ter me apoiado quando troquei de tema, quando me senti insegura, quando fiz minhas escolhas. Muito obrigada!

A minha banca, Mônica e Gustavo, por terem se disposto a ler meu trabalho e contribuído tanto. Vocês foram essenciais!

“Na alquimia colonial e neocolonial, o ouro se transfigura em sucata; os alimentos em veneno”.
Eduardo Galeano

RESUMO

Esta pesquisa investigou, através de pesquisa etnográfica, a produção e o consumo agroecológico na feira da Ecovárzea (Associação das Agricultoras e Agricultores Agroecológicos da Várzea Paraibana) localizada na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa/PB. O propósito deste trabalho foi compreender como a Ecovárzea, através da produção e comercialização de produtos agroecológicos, existe diante deste cenário alimentar hegemônico. Diante de um contexto no qual o Agronegócio, o nutricionismo, os supermercados, a lógica capitalista, a aceleração do espaço/tempo na modernidade e a inserção das mulheres no mercado de trabalho têm contribuído para que os saberes alimentares tradicionais (de produção e consumo), a preservação ambiental e a autonomia de todos os seres estejam em declínio, sendo substituídos pela indústria da alimentação. Desta forma, este estudo etnográfico fez uso dos conceitos de Ecologia da Vida e de Malha (Ingold 2000; 2012) para analisar este processo. Olhar a alimentação através de seu potencial de resistência e de superação da dicotomia natureza/cultura na formulação de uma nova perspectiva de mundo. Assim, é objetivo deste trabalho apreender como os clientes, os agricultores e as agricultoras, a UFPB (Universidade Federal da Paraíba), os movimentos sociais e o estilo da feira contribuem para este movimento.

Palavras-chave: Alimentação agroecológica. Feiras. Agricultura Familiar. Assentamento.

ABSTRACT

This research investigated, through ethnographic research, agroecological production and consumption at the Ecovárzea fair (Association of Agriculturists and Agroecological Farmers of Várzea Paraibana) located at the Federal University of Paraíba, in the city of João Pessoa/PB. The purpose of this work was to understand how Ecovárzea, through the production and commercialization of agroecological products, exists in this hegemonic food scenario. Faced with a context in which Agribusiness, nutritionism, supermarkets, capitalist logic, the acceleration of space/time in modernity and the insertion of women in the labor market have contributed to traditional food knowledge (of production and consumption), environmental preservation and the autonomy of all beings are in decline, being replaced by the food industry. Thus, this ethnographic study made use of the concepts of Life Ecology and Lattice (Ingold 2000; 2012) to analyze this process. Looking at food through its potential for resistance and overcoming the nature/culture dichotomy in formulating a new perspective on the world. Thus, the objective of this work is to apprehend how customers, farmers, the UFPB (Federal University of Paraíba), social movements and the style of the fair contribute to this movement.

Keywords: Agroecological food. Fairs. Family farming. Settlement.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abras - Associação Brasileira de Supermercados

ASA - Articulação do Semi-árido Paraibano

ASO – Ambiente Sem Objetos

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT- Comissão Pastoral da Terra

DHAA - Direito Humano à Alimentação Adequada

ECOVÁRZEA – Associação dos Agricultores e Agricultoras da Várzea Paraibana

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAO - Organização para a Alimentação e Agricultura

IFPB – Instituto Federal da Paraíba

INCUBES - Incubadora de Empreendimentos Solidários

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LABOAA - Laboratório de Botânica Aplicada à Agroecologia

MST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

NEDET - Núcleo de Extensão Territorial e Agroecologi

PRAC - Pro reitoria de assuntos comunitários

PCO - Partido da Causa Operária

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Barraca da tapioca (assim que voltou da pandemia) com uma pichação “Feira Agroecológica”

Figura 2: Foto de algumas barracas com as árvores ao redor

Figura 3: Seu Luiz segurando o medidor de temperatura e o álcool 70%.

Figura 04: Entrada da feira da Ecovárzea

Figura 5: Local de retirada das cestas comercializadas pelo site

Figura 6: Os comerciantes que ficam do lado “de fora” da feira

Figura 7: Os comerciantes do “lado de fora” da feira

Figura 8: Foto de uma barraca de verduras e legumes

Figura 9: Foto do lado esquerdo de barracas da feira

Figura 10: Barraca de tapioca de Tina

Figura 11: Foto do beiju de Tina e de Seu Luiz e a feira no fundo

Figura 12: Muro com o nome “Assentamento Padre Gino

Figura 13 : Foto de algumas casas do Assentamento Padre Gino.

Figura 14: o bolsista da professora Jane conversando com Diomedio em frete ao seu viveiro.

Figura 15: Foto do único lago que abastece o assentamento.

Figura 16: foto da professora Jane conversando com os agricultores

Figura 17: Foto do meu prato com galinha, arroz da graxa, peixe frito, salada, macaxeira, batata doce e caldo de peixe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - A FEIRA DA UFPB	17
1.1 A ECOVÁRZEA	30
1.2 “ANTES A GENTE EXECUTAVA O PLANEJAMENTO, AGORA A GENTE PLANEJA O QUE VAI EXECUTAR”	47
CAPÍTULO 2 – DA ALIMENTAÇÃO HEGEMÔNICA À AGROECOLOGIA.....	54
2.1 O CAMPESINATO E A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO BRASIL	54
2.2 A A MODERNIZAÇÃO DA CULTURA ALIMENTAR.....	60
2.3. A ALIMENTAÇÃO COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA CULTURA/NATUREZA.....	64
2.4. AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA QUE RESPEITA TODAS AS VIDAS.....	71
2.5.AS MULHERES CAMPONESAS NA AGROECOLOGIA.....	78
CAPITULO 3 - AS TRAJETÓRIAS DA MALHA DA ECOVÁRZEA.....	83
3.1 É DANDO QUE SE RECEBE.....	92
3.2 UM EMARANHADO DE PESSOAS PARA QUE A ECOVÁRZEA ACONTEÇA	95
3.3 OS CLIENTES.....	103
3.4 SE A ASSOCIAÇÃO NÃO TIVESSE CONFLITOS, NÃO TINHA GENTE.....	108
CONSIDERAÇÕES	FINAIS
.....	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

INTRODUÇÃO

Todo dia, depois de despertar, independente da hora, todos nós nos alimentamos. Provavelmente, vamos comer o café-da-manhã, mas alguns já acordam na hora do almoço. Quem não segue os comportamentos estipulados socialmente, belisca alguma coisa aqui ou outra acolá. E quem não tem acesso fácil a comida, vai iniciar sua busca por ela. Não importa quem somos, precisamos comer. E precisamos cotidianamente. Muitas vezes, acostumados com termos o alimento pronto e disponível à distância das nossas mãos para ingerimos, esquecemos de nos perguntar de onde eles vieram e como chegaram até ali. Caso nos atentemos qualquer dia a esse detalhe, muitas perguntas podem surgir desta única: quem preparou este alimento? Quem plantou? Quem transportou? Quais materiais foram necessários? O que este alimento representa? Por que eu me interesso por este tipo de comida? Todas as pessoas comem o que eu como? As pessoas sempre se alimentaram dessa forma? E tantas outras perguntas que não caberiam aqui.

A partir da minha relação com a comida, que vem desde pequena, estas questões começaram a fazer eco. Com o processo da globalização e a mudança nos nossos hábitos alimentares, se perguntar sobre qual alimento tenho ingerido e todo o processo que ele passou até chegar a minha mesa se mostrou cada vez mais importante. Segundo Fischler (1995), em um curto período, os sistemas alimentares deixaram de ser ecossistemas muito diversificados para se tornarem hiper especializados e integrados em vastos sistemas de produção agroalimentar em escala internacional. A tecnologia, o marketing, a publicidade e a ciência da alimentação têm afastado o indivíduo do seu saber cultural sobre o alimento e como cultivá-lo, transportando-o para especialistas que agem de acordo com a indústria.

Alimentar-se, portanto, apesar de ser um imperativo vital, vai para além de uma necessidade do nosso corpo, é uma manifestação cultural da vida cotidiana que fala sobre a configuração de determinada sociedade. O cultivo, o processamento, as técnicas, os saberes tradicionais, as partilhas de comida, as escolhas e até o que é proibido são respostas culturais ao ato de comer. Compreender o que comemos é compreender nossa sociedade e as estruturas dela (1964) quem prepara o alimento, quem planta, quem come mais e melhor, quem come o que. A alimentação é um aspecto do nosso comportamento repleto de significações que carrega uma intrínseca relação com o poder (CARNEIRO, 2003). Desta forma, ela é capaz de refletir questões de geração, de territorialidade, de classe, de raça e de gênero e significados religiosos, jurídicos, morais (políticos e

familiares), econômicos (modalidades particulares de produção e de consumo), estéticos e morfológicos.

A Revolução Verde¹, o Agronegócio e os Supermercados acarretaram diversos problemas: empobrecimento dos solos pelas monoculturas, aumento do uso de agrotóxicos, precarização das relações de trabalho no campo, poluição das águas, desertos alimentares, problemas de saúde que não existiam, desconhecimento do que se come, entre outras questões. Assomado a isso temos um ritmo de vida contemporâneo acelerado, com cada vez menos disponibilidade de tempo para se dedicar a fazer sua própria comida, tendo que recorrer a opções mais práticas, os industrializados. Desde então, temos um processo intenso de produção alimentar que aumentou consideravelmente a quantidade de alimentos que são disponíveis, mas não necessariamente a saúde da população.

É a partir deste cenário que surgem em contramão movimentos sociais ecológicos que têm como objetivo frear a expansão da industrialização e alertar a nós consumidores de onde e como estão sendo produzidas nossas comidas. A agroecologia enquanto ciência disputa este espaço com a agroindústria para resgatar as práticas milenares passadas de geração em geração pelos camponeses e trazê-las para a ciência. Ela se apresenta de forma multifacetada como ciência, prática e movimentos social, como uma alternativa a agricultura convencional industrial. A agroecologia é a construção de um novo paradigma para a humanidade (CANDIOTTO, 2020).

Na Paraíba, A Ecovárzea, Associação das Agricultoras e Agricultores Agroecológicos da Várzea Paraibana, nos municípios de Sapé, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa e Conde (região da Várzea Paraibana), pratica a agroecologia. Ela surgiu por meio da necessidade de vender os excedentes destes camponeses assentadas(os) e acampadas(os) da Reforma Agrária pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Preciso esclarecer que utilizarei os termos agricultores, produtores e camponeses para falar dos membros da Ecovárzea, são termos utilizados por eles mesmos e por quem os rodeia e eles respondem a todos da mesma forma.

Através de circuitos locais de comercialização de produtos agroecológicos, a Ecovárzea promove uma nova forma de economia, de alimentação e de modo de viver. A partir de uma perspectiva de Economia Solidária, da Educação Popular e da Agroecologia esta associação existe, por meio de um resgate cultural e uma resistência à

¹ Explicarei sobre a Revolução Verde e o Agronegócio mais a diante, no capítulo 2.

industrialização alimentar, as opressões e injustiças sociais e ao desmatamento que se instauraram na nossa sociedade. A Ecovárzea é o objeto de estudo desta dissertação.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como se formula o enfrentamento da Ecovárzea à agricultura hegemônica calcada pelo agronegócio. Para chegar a este objetivo, analiso a história da Ecovárzea, o espaço de comercialização dos produtos agroecológicos (a feira na UFPB), o estilo da feira e os agentes que ajudam a construir a Associação.

Para chegar no objetivo, frequentei a feira que acontece toda sexta feira na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) das 5h da manhã até as 12h da tarde. A colheita de dados para a pesquisa ocorreu durante o final de abril de 2021 até final de dezembro do mesmo ano, resultando em 8 meses.

A metodologia consistiu em observar a dinâmica da feira, comprar os produtos agroecológicos, conversar e entrevistar agricultores, clientes, professores da UFPB e membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT). Ademais, acompanhei as redes sociais da Ecovárzea e dos projetos ligados a ela e conversei por meio de redes sociais com pessoas ligadas a Associação. Utilizo-me do WhatsApp² para conversar com algumas pessoas que mantive contato na feira. Por exemplo, conversei com o presidente da Associação como ferramenta para estar um pouco mais próximo de seu território. Fora isso, vi vídeos e li textos já produzidos sobre a Ecovárzea.

Quase toda sexta-feira, durante os 8 meses, frequentei sozinha a feira e me apresentava enquanto pesquisadora e consumidora. Já fui em diversos horários, contudo, o mais comum era as 7h da manhã. Comprei mercadorias, tomei café da manhã, conversei com clientes e agricultores. Isso durava em torno de 1 a 2h. Trata-se, portanto, de uma observação participante (MALINOWSKI, 1984) que se desdobra na participação da feira enquanto pesquisadora, consumidora e observadora.

Realizei no total 4 entrevistas semiestruturadas que foram gravadas. Essas entrevistas aconteceram com pessoas que não estavam diariamente na feira e eu precisava marcar um momento para conversar. De resto, optei por realizar conversas informais e

² WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

não me ater a gravar, pois percebi que foi a melhor maneira que encontrei para colher dados.

Utilizo-me como ferramenta de análise a Ecologia da Vida de Tim Ingold (2000), seu conceito de malha e sua crítica à dicotomia cultura/natureza para deprender como a produção de alimentos agroecológicos existe em um mundo voltado para uma alimentação industrializada.

Este trabalho contém três capítulos. No primeiro capítulo, abordo como cheguei até o tema, a relação com ele e como me inseri no campo, a partir da minha posição enquanto consumidora da feira agroecológica. Após esse momento, apresento longamente a Ecovárzea, desde sua história calcada nas Ligas Camponesas até como a encontro agora na minha pesquisa. Falo dela enquanto sua perspectiva agroecológica, de economia solidária e de educação popular.

Na segunda sessão, por sua vez, estabeleço o debate acerca da alimentação enquanto um aspecto cultural, principalmente no que concerne sua produção industrializada atual em relação aos saberes tradicionais (práticas agroecológicas). Para tanto, faço um breve resgate histórico do campesinato brasileiro e sua luta pela terra para depois partir para a introdução da modernização agrícola e uma análise do ritmo de vida atual e as consequências de ambos na alimentação contemporânea. Além disso, apresento a alimentação como potencial para superar a dicotomia cultura/natureza. Finalizo o capítulo explicando o conceito de agroecologia e seus princípios e a participação das mulheres na Associação e na agroecologia, compreendendo o caráter combativo da associação enquanto exemplo agroecológico.

No terceiro e último capítulo, descrevo como a UFPB (a reitoria e os grupos de pesquisa), a CPT, os clientes, os produtores, os comerciantes que ficam do lado de fora da feira e as outras feiras agroecológicas formam o que Ingold chama de malha, constituindo a Ecovárzea enquanto feira agroecológica e projeto de vida. Assomado a isso, analiso o estilo da feira e sua ligação com o espaço da Universidade como essenciais para seu bom desempenho e para a disseminação dos ideais agroecológicos.

CAPÍTULO 1 - A FEIRA DA UFPB

Assim que cheguei em João Pessoa³, em 2018, me aproximei de pessoas da militância, principalmente das mulheres da Marcha Mundial das Mulheres/PB. Logo, vendo que eu gostava de cozinhar, elas me indicaram uma feira orgânica fruto de assentamento da reforma agrária, a feira da Ecovárzea. Eu fiquei empolgadíssima, eu não frequentava feiras orgânicas de onde vinha, em Natal no Rio Grande do Norte. Eu era acostumada a frequentar grandes feiras de rua - que vendem de tudo e ocupam vários e vários quarteirões - com bastante intensidade quando adolescente. Quando me mudei para a região metropolitana de Natal (eu morava antes bem perto da feira), fui diminuindo o ritmo de ida, pois ficou mais difícil ainda acompanhar a feira devido à distância. No entanto, minha avó vez ou outra pegava um ônibus e atravessava a cidade só para ir à feira. Ter acesso a uma feira perto de casa, aqui em João Pessoa, e ainda mais orgânica (eu não sabia ainda que era agroecológica) me deixou extasiada.

Lembro-me da primeira vez que fui, uma colega da Marcha passou lá em casa bem cedinho para me buscar, pois quanto mais tarde se chega menos chance se tem de pegar variedade de produtos, e me levou na UFPB. Quando olhei a feira, bem pequenininha comparada com as de Natal, estranhei, mas me senti abraçada (mais adiante neste capítulo descreverei melhor como a feira é). Tinha uma parte com uma tenda e umas mesas, duas mulheres fazendo tapioca, muita conversa, um clima de estar dentre conhecidos. Uma sensação de cotidiano, de que essas pessoas se encontram toda sexta, se veem, socializam, compartilham aquele espaço e depois voltam para suas casas. Antes do trabalho, antes do estudo, antes de fazer o almoço, as pessoas vão a feira, socializam e esperam a outra sexta.

Passei a ir vez ou outra na Ecovárzea, intercalava com outra feira orgânica (mas não agroecológica⁴) mais perto da minha casa. Em 2020, quando a pandemia estourou e o prefeito fechou as feiras de rua⁵ e manteve só os supermercados abertos, fazendo com que as pessoas aglomerassem em um local fechado e mal estruturado que resultou em muitas contaminações não notificadas de trabalhadores (MATIOLI; PERES, 2020), eu parei de ir às feiras. A ideia de comprar todos meus vegetais, frutas, legumes e goma de

³ Eu sou de Natal, no Rio Grande do Norte, e me mudei pra João Pessoa em decorrência de um concurso que passei para ser professora de sociologia do Estado da Paraíba.

⁴ Explicarei mais adiante a diferença entre produto orgânico e agroecológico)

⁵ Um decreto 09/05/2020 da prefeitura fechou as praças e as feiras livres na cidade de João Pessoa.

tapioca sempre no supermercado me entristeceu bastante, mas era o que tinha que ser feito nesse momento ímpar. A ansiedade que tomava conta de mim no único dia a cada três semanas que eu me programava para ir ao supermercado era incontrolável. Me lembro vivamente que nas primeiras vezes eu tentava fazer o mais rápido possível as compras em grande quantidade para não ter que ir com muita frequência. Eu ficava tonta, esbaforida, minha vista ficava turva, via os produtos como de relance, corria de um lado para o outro tentando terminar o mais rápido possível. Esperava nas filas enormes com o coração em pânico e toda vez que eu chegava em casa, meu corpo ficava quente, eu tinha dor de cabeça e certeza de que estava infectada, precisava de uma tarde toda para me recuperar.

A minha conexão com as feiras, com as comidas orgânicas, com a alimentação cresceu com a pandemia. Eu cozinho para mim mesma, todo os dias, há anos. Tenho uma relação especial com a cozinha, por conta da minha avó, desde pequena. E tenho também um perfil no Instagram⁶ no qual eu posto receitas que eu mesma faço. O meu encontro com as feiras orgânicas ou agroecológicas em João Pessoa e a importância do alimento para nossa sociedade, que a pandemia me fez perceber mais ainda, me trouxe esta necessidade de estudar alimentação. Quando entrei no mestrado, eu me propus a estudar hip-hop, mais especificamente como as mulheres e os homens que não performam uma masculinidade padrão estão socializando nas batalhas de rap de João Pessoa. Eu ainda admiro muito esta minha ideia de trabalho, mas a inviabilidade de frequentar as batalhas por conta da pandemia e a minha paixão por alimentação falaram mais alto.

No mês de agosto de 2020, eu já tinha mudado meu campo para a alimentação, mas ainda estava à procura do meu tema. Foi quando participei de um mutirão da Sociedade do Bem Viver, projeto idealizado pelo grupo Subverta, vertente do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade). Mesmo não sendo filiada ao partido, pude participar do mutirão, pois a ideia é chamar o máximo de voluntários para fazerem campanhas de arrecadação de dinheiro com a finalidade de comprar alimentos agroecológicos (não poderiam ser outros) para doar cestas agroecológicas para populações de comunidades periféricas em cidades por todo o Brasil, conectando os produtores agroecológicos a populações carentes, principalmente por serem as que se encontram mais distantes de uma alimentação saudável (PETRO, 2017). Aqui em João Pessoa, o mutirão fez parceria com

⁶ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários. Meu perfil no instagram é @aluanacozinha.

a Ecovárzea para comprar alimentos e distribuir cestas na comunidade São Rafael. Minha relação com a Ecovárzea, pois, se aprofundou e a perspectiva da agroecologia (que eu já tinha lido a respeito) também. Foi a partir daí que me veio a ideia de compreender a perspectiva agroecológica de construção de um mundo novo, pautado em uma lógica de desenvolvimento que engloba a valorização de todos os seres vivos, da terra, da fauna, da flora, dos rios, das populações autóctones, dos diferentes povos e etnias, das mulheres e das crianças. Indo de frente a perspectiva capitalista de desigualdade e lucro incessante.

É importante para nós antropólogos compreendermos que a vida acontece para além das interações humanas, sem superá-las. Quando nos dispomos a estudar as relações entre os seres humanos, há um foco no social, ignorando muitas vezes a fluidez do viver. Estudar a alimentação agroecológica e suas perspectivas social e produtiva escancaram essa questão. Os indivíduos se relacionam entre si, é fato, assim como se relacionam com a natureza. Não de forma separada, há a construção de uma malha que interliga os indivíduos, os seres vivos, suas práticas e a vida que pulsa a partir da experiência do cotidiano. É necessário, portanto, superar a dicotomia natureza/cultura em nossas investigações e compreender que a natureza também faz parte da nossa percepção de mundo e tudo é dotado de vida (INGOLD, 2012). A alimentação proporciona este debate e é por meio deste viés que minha pesquisa se constrói.

A Ecovárzea, que já era um espaço que me sentia acolhida, mostrou o lugar ideal para realizar meu campo. Uma colega de mutirão que era encarregada diretamente de fazer as compras com a Ecovárzea me passou um contato para eu conversar e ver a possibilidade de pesquisa. Quis aproveitar essa minha inserção no mutirão para legitimar minha pesquisa, já que eu já vinha de um local “conhecido” e não “do nada”. No entanto, a tentativa de uma entrevista com esse contato se mostrou bem complicada. Acredito ter sido pela modalidade online. O WhatsApp é um meio de diálogo que as pessoas utilizam para tudo ultimamente e acaba ficando difícil de distinguir um assunto passageiro do dia a dia de um assunto mais sério, pois a internet, principalmente no meio da pandemia, acabou borrando a barreira entre assuntos profissionais e pessoais. Ou seja, muitas vezes as pessoas visualizam uma mensagem com a intenção de responder depois, sendo que outras mensagens de amigos, de grupos, de trabalho etc. aparecem, fazendo com que aquela outra mensagem visualizada acabe no esquecimento. Pelo que percebi, foi o que aconteceu recorrentemente. Meu contato concordou em conversar comigo, mas não conseguimos encontrar um horário que ela estivesse livre para uma conversa por vídeo,

no aplicativo Google Meet⁷. Decidimos, pois, conversar por mensagem de áudio na nossa conversa no WhatsApp. Contudo, havia muita demora para responder, até que não obtive mais resposta. Ainda estava um pouco receosa de ficar fazendo campo na feira, já que tinha reduzido muito minha ida, intercalando com outra feira, indo só 1 vez a cada 3 semanas na pandemia.

Recorri novamente a minha amiga e pedi o contato direto dela de compra dos produtos. Com este contato, obtive sucesso. Contactei-o, falei que estava fazendo uma pesquisa interessada em entender como a Ecovárzea produzia e comercializava os produtos agroecológicos e perguntei se poderíamos conversar. Ficou acordado que nos encontraríamos na próxima feira para papear. Eu só sabia seu nome, nada mais.

Renato⁸ é um jovem agricultor de 20 anos que está responsável pelas entregas de cestas online da Ecovárzea. Quando o encontrei pela primeira vez, entendi que ele poderia não me responder tudo que estava interessada para aquela entrevista, mas já era um pequeno passo. Nós nos encontramos na parte das entregas online, que é mais separada da feira, onde ficam Renato e mais dois jovens. Sentamo-nos em bancos de plásticos a uma boa distância um do outro e ambos estavam de máscara. Utilizei uma por cima da outra. Ainda não tinha ideia de como seria minha pesquisa em meio a uma pandemia e como seriam minhas conversas. Mas ocorreu tudo bem. Ele concordou que a entrevista fosse gravada, deixei claro desde o começo que não era nada oficial, que era só uma conversa e queria gravar apenas para não esquecer as coisas.

No decorrer da conversa, Renato me falou sobre sua inserção na Associação e como as coisas estavam na pandemia, mas quanto a algumas informações mais detalhadas ele disse que não conseguia responder por ser novo na Associação e sugeriu que eu conversasse com Seu Luiz (ou Luizinho, utilizarei as duas formas, pois é assim que faço no cotidiano), o presidente da Associação⁹, porque “ele que fundou tudo aqui” (palavras de Renato). Perguntei se ele achava que Seu Luiz conversaria comigo, ele disse que sim, que ele era ótimo de conversa e se eu quisesse poderia falar agora mesmo. Eu falei que preferia em um outro momento. Depois de alguns minutos, Seu Luiz apareceu para dar

⁷ Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google.

⁸ Os nomes dos meus interlocutores não são fictícios, eles permitiram que fossem usados nesta pesquisa.

⁹ Alguns meses depois, a presidência mudou, houve uma votação em uma assembleia no dia 21/07/2021 (que fazia tempo que não tinha por conta da pandemia) e a presidência passou de Seu Luiz para Jácia, Seu Luiz passando a ser o vice.

uma olhada, provavelmente ficou intrigado com quem estaria conversando com Renato. Falei que voltaria para conversar com ele na outra sexta e ficou tudo combinado.

Na outra sexta, amanheceu chovendo muito. Achei inviável ir à feira na chuva, que não tem uma boa estrutura para isso, por causa da Covid-19. Pedi para Renato avisar a Seu Luiz que eu só poderia estar presente na outra sexta. No dia, fiquei nervosa, e quando cheguei na feira resolvi fazer minhas compras primeiro e depois conversar com Seu Luiz. Não o encontrei na entrada e fiquei um pouco aflita de ter perdido a oportunidade, fiz minha feira e fui perguntar a Renato onde estava Seu Luiz. Achei-o em uma barraca, tomando conta da produção de um agricultor que não pode ir naquele dia. Apresentei-me a ele que disse se lembrar da promessa da nossa conversa. Sentei-me em um banco de plástico a uma distância considerável dele e começamos a conversar. Eu mal comecei a falar e Luiz já desatou a contar a história toda da Ecovárzea. Tive vergonha de pedir para gravar, pois queria algo bem informal e não queria que um celular no meu colo gravando desse outro rumo a conversa. A partir desta conversa com Seu Luiz, eu me senti me inserindo no campo.

A metodologia usada consistiu em ir à feira nas sextas-feras. Chego lá, cumprimento a menina da kombucha que conheço, a dos livros infantis, falo com Seu Luiz, geralmente trocamos algumas palavras engraçadas, rimos e eu sigo para comprar. Comprar produtos toda sexta-feira, mesmo o mínimo possível, além de ser uma prática minha, tem sido minha estratégia de não me mostrar como uma pessoa que só vem ali para coletar informações, mas mostrar meu papel como consumidora e participante desde modelo. Acredito na agroecologia e a consumo, isto é, eu a construo, para além da minha posição enquanto antropóloga.

Além disso, consigo diversificar meus informantes, tento puxar uma conversa aqui, outra acolá. É um pouco difícil, não é uma situação de extremo conforto, as vezes estar nessa posição de querer iniciar conversas me trava, inclusive. Mas tudo vai acontecendo aos poucos. De início eu tomava café na feira, separada de todos, por conta da Covid-19 e puxava conversa mais nas barracas ou na fila de espera do beiju. Com o passar do tempo, uma mesa foi colocada ao lado da tapioca e foi lá que conversei com vários clientes e com pessoas envolvidas diretamente na Associação, enquanto comia tapioca. Foi a forma que encontrei de me aproximar. Muitos momentos depois de comer permaneço na mesa, papeando com os que chegam. Às vezes, depois comer, vou conversar um pouco com quem já estou enturmada, com os professores dos projetos que

aparecem lá para o final, com a menina que vende kombucha, com Seu Luiz, com Juliana, com Jácia e Renato e com as mulheres dos cosméticos. Depois de um tempo, por causa da pandemia, vou para casa, tudo isso dura em torno de 1 a 2 horas. No total eu entrevistei 5 pessoas oficialmente, gravando e informando que aquilo era uma conversa para a minha dissertação.

Contudo, boa parte dos dados que colhi foi em conversas informais que não achei necessário gravar, pois eram conversas na mesa da tapioca, com outras pessoas. Conversas que surgem no cotidiano de quem está ali toda sexta feira, comprando e comendo tapioca. Acho necessário deixar isto claro, pois muitos dados trazidos vêm destas conversas informais.

Todavia, meu estudo de campo não se finda na minha ida a feira. Tenho utilizado muito a internet, principalmente o WhatsApp, como forma de me manter mais presente no campo. Converso com Seu Luiz por essa rede social, ele me manda foto do assentamento, das mudas que estão para serem plantadas, da plantação e dos bichos. Permite que eu veja um pouco do assentamento já que não pude ir até lá muitas vezes. Esta impossibilidade acaba reduzindo minha pesquisa, pois tenho que acabar focando mais no momento da comercialização e diminuí, inclusive, um pouco da minha relação com as mulheres, já que a possibilidade de ir até a casa delas, conversar com elas no ambiente da cozinha poderia ser uma boa forma de aproximação. Desta forma, a conversa na rede social acaba amenizando esta falta.

Ademais, é muito interessante como estamos vivendo em um mundo que é ao mesmo tempo físico e virtual. Não tem como desvincular a internet e seu uso (principalmente por meio dos celulares e dos dados móveis) como parte essencial do nosso cotidiano. É como se o celular fosse uma extensão do corpo contemporâneo. Diferente do que muitos estudiosos pensaram com a implementação da internet nas nossas vidas, o On-line não usurpou o Offline, eles convivem, fazendo parte agora de uma experiência compartilhada.

Com o advento da pandemia, fazer Etnografia On-line¹⁰ se mostrou indispensável, pois não podemos mais circular nas ruas como antes. Mesmo fazendo campo presencial, encontro diversas restrições. É incabível que vá recorrentemente nos assentamentos, tanto

¹⁰ As abordagens etnográficas na internet possuem vários nomes, entre eles: Netnografia, Etnografia Virtual, Etnografia On-line etc. (FERRAZ, 2019).

por poder me contagiar, quanto por contagiar os camponeses. Se antes da pandemia, as redes sociais já eram essenciais para uma dissertação, agora é mais ainda. O WhatsApp e o Instagram são recursos metodológicos que me permitiram aprofundar meu campo. Através do WhatsApp, converso com Seu Luiz e com os dois professores da UFPB que estão próximos da Ecovárzea por conta dos projetos que participam¹¹. Caso eu tenha alguma dúvida sobre algo que esqueci de alguma conversa na feira, imediatamente digito no WhatsApp e no mesmo dia (ou poucos minutos depois) tenho resposta sobre, não preciso esperar até a outra sexta. Com meu Instagram, acompanho as postagens dos projetos que estão em parceria com a Ecovárzea. E no meu Instagram de comida, adicionei uma jovem da Ecovárzea e ela acompanha meus conteúdos e isso rende conversa na feira e uma troca bem legal. Os meus interlocutores fazem parte da minha realidade, consomem conteúdos na internet e interagem comigo a partir dela.

Para uma perspectiva clássica da antropologia, pode parecer um desvio da forma tradicional de fazer etnografia, os estudos cibernéticos. No entanto, segundo Ferraz (2019), ignorar o meio digital na contemporaneidade é ignorar processo importantíssimos da nossa cultura que são essenciais para a pesquisa, pois se ignora as múltiplas formas de relações sociais. Não há necessidade de que algum método despreze o outro, cada campo e cada pesquisa irá dizer o que é melhor, inclusive, a união dos dois, como é o caso do meu.

O mais interessante é que trabalho com camponeses, que por viverem no meio rural, muitas vezes associados com um espaço de “atraso” em oposição a cidade como “moderna”, poderiam ser previamente pensados como pertencentes somente a uma etnografia tradicional (sem inclusão da internet). Contudo, independente da pandemia, estes sujeitos estão inseridos no mundo digital. O acesso à internet 3G em smartphones encontra-se difundido mundo a fora, inclusive entre os camponeses da Ecovárzea. Isto ocorre obviamente de maneira desigual. Contudo, ainda assim, mantém diversos segmentos da sociedade conectados. Segundo Latour (2012), é necessário compreender o mundo atual como hibridizado e inferir os significados na conexão entre os humanos e a tecnologia. Seu Luiz, por exemplo, camponês que trabalhava em grandes fazendas de cana de açúcar como boia fria¹² passou por um processo de luta e conquista de sua própria

¹¹Tive contato com dois projetos da Universidade que estão em constante contato com a Ecovárzea, fazendo pesquisas e projetos de extensão com a Associação, são eles: NEDET (Núcleo de Extensão em Desenvolvimento Territorial) e o LABOAA (Laboratório de Botânica Aplicada à Agroecologia).

¹² Trabalhador rural itinerante que se ocupa em tarefas temporárias sem vínculo empregatício.

terra e agora produz e comercializa produtos agroecológicos, comunica comigo pelo WhatsApp e assiste vídeos no Youtube¹³ sobre autoajuda (pois para ele é como ele se mantém renovado e disposta a aprender mais).

A própria pesquisa bibliográfica e a escrita etnográfica, momentos pré e pós campo, estão sendo feitos por recursos on-line. Estou sentada na minha mesa, utilizando meu computador e pesquisando na internet para poder escrever. Fugir desta nova realidade é inviável. Além disso, utilizo um grupo comigo mesma no WhatsApp como diário de campo. Pelo fato de o uso do celular ser tão comum, mandar mensagens instantâneas para mim mesma tem se mostrado menos invasivo (e mais rápido e eficaz) do que ficar com o caderno na mão tentando anotar o que vejo. Quando saio da feira, mando áudio para mim contando como foi e quais pontos achei mais interessante. É um método que tem dado certo para minha pesquisa, pois além de estudante de mestrado, sou professora de sociologia, tendo uma carga horária muito grande que muitas vezes impossibilita que pare algumas horas para escrever em um caderno tudo que eu vi no campo. Toda sexta quando saio da feira, já vou para casa, preparar meu almoço e depois dar aula. As mensagens de áudio são um ótimo recurso.

Além de utilizar o WhatsApp como ferramenta, analiso os perfis do Instagram da Ecovárzea, do NEDET (Núcleo de Extensão Territorial e Agroecologia) e da LABOAA (Laboratório de Botânica Aplicada à Agroecologia) e os conteúdos deles como dados de pesquisa. Ademais, na plataforma do Youtube tem alguns vídeos sobre a Ecovárzea que também tem servido de material para pesquisa. De acordo com Ferraz, a “observação oculta em mídias sociais é uma técnica capaz de coletar dados da cultura (on-line e off-line), no ambiente digital.” (p. 54; 2019).

Inclusive, a relação que a Ecovárzea tem com os professores da UFPB é bem interessante na minha pesquisa, pois, no dia que tive minha conversa com o presidente da Associação (Seu Luiz), eu me senti classificada e colocada no grupo dos professores da UFPB. Esse laço é muito estreito, pois há muitos projetos com professores e bolsistas estudando sobre agroecologia e trazendo um retorno para a Associação. Eu me apresentei enquanto estudante do mestrado, mas depois falei também da minha profissão como professora de Sociologia da Rede Estadual da Paraíba, disse que tinha vindo de Natal para cá por conta deste trabalho. Passei, então, a ser chamada de professora. Provavelmente há

¹³ YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

uma separação entre mim e os professores que fazem parte dos projetos. Contudo, este local de autoridade deixou minha participação mais oficializada.

Conhecer estes professores me permitiu ter uma troca muito interessante sobre a Ecovárzea, além de me sentir bem recebida, pois eles me trouxeram informações sobre alguns detalhes da Associação. É bem interessante o fato deles serem todos de fora da Paraíba, um de Brasília e outro de Mato Grosso do Sul e ambos serem homens. Sou a única mulher que converso mais com o presidente e os outros produtores e estou de forma independente circulando pela feira como professora. A outra única mulher que tenho visto é bolsista de um núcleo de pesquisa e está associada a um dos professores.

Esta minha posição enquanto mulher pesquisadora me toca e me afeta (FAVRET-SAADA, 2006). É impossível falar do meu estudo sem falar dessa questão. Ela vem da minha experiência e eu a vivencio durante toda a pesquisa. Não ser tocado pelo que se estuda é impossível. Antes mesmo de pensar em estudar alimentação, eu já a vivia. Assim como Saada, nesta pesquisa eu relato parte de minha afetação. Acredito, inclusive, que é uma premissa da Antropologia ser afetada, se envolver e relatar isso, pois o que pesquisei foi o que foi vivenciado por mim, por minha história, meu passado e meu presente e os dos meus interlocutores. Eu, enquanto uma mulher pesquisadora, apresento características que me colocam em certo tipo de interação que um homem pesquisador não vivenciará da mesma forma. Isso se estende a outros marcadores sociais da diferença¹⁴ como raça, classe e territorialidade.

Antes de ir campo, o ser mulher está contornando meus passos: me preocupo com a roupa de ir para estar mais segura, me preocupo com não aparecer meu decote ou pelos nas minhas axilas, me preocupo com meus gestos, com as brincadeiras, com deixar as coisas esclarecidas para que nada seja confundido e que não tenha constrangimentos. Infelizmente, é algo que foge ao meu controle. Outras pessoas na feira estranharam eu estar conversando sozinha com um agricultor homem e soltaram uma piada. Relembrar meu local delimitado de mulher me afeta e dói. Tive dificuldades iniciais de chegar perto de algumas agricultoras, por elas serem mais “quietas”. Vejo muitos homens conversando

¹⁴ De acordo com as pesquisas do Núcleo de Estudos Sobre Marcadores Sociais da Diferença, da USP, os marcadores sociais da diferença dizem respeito às hierarquias e desigualdades entre as pessoas e os modos como são construídas socialmente. São marcadores sociais da diferença as categorias de gênero, raça, classe e sexualidade, por exemplo. Esses marcadores são vistos de forma interseccional e interligadas, ou seja, parte-se do princípio de que são categorias que, em caso prático, não podem ser analisadas compartimentadamente, sem considerar os atravessamentos mútuos que exercem entre si.

com outros homens em tons de brincadeira e sendo bem recebidos, não vejo tantas mulheres nesta posição.

Por muito tempo dentro da Antropologia se acreditou que o pesquisador é um sujeito neutro. De acordo com Evans-Pritchard (1978), seu gênero era neutralizado pela sua representação enquanto pesquisador. Entretanto, algumas pesquisas abordam esta questão (BONETTI&FLEISCHER, 2006). Ao adentrar meu campo, minhas interações partem da minha demarcação social e meus interlocutores me demarcam, me identificando enquanto mulher, jovem, branca, universitária e classe média. Assim como nós pesquisadores observamos os nossos interlocutores e compreendemos de onde eles veem, acontece conosco. Pode ser que tenhamos uma propensão maior para reaver nossos preconceitos, no entanto, esta dupla avaliação e enquadramento é o que caracteriza o encontro entre pesquisador e interlocutor. Não adianta fugir disto, minha pesquisa é um retrato deste encontro e o que resultou dela é resultado do que eu vivenciei com meus demarcadores junto de meus interlocutores com seus demarcadores. É uma troca.

A minha relação, enquanto mulher e feminista, com a alimentação me fez buscar compreender o debate em torno da comida e como ela escancara as relações sociais (com enfoque na de gênero), afluindo na minha pesquisa sobre a alimentação e suas formas de revelar as estruturas sociais e suas formas de resistência a elas, que chegou na Ecovárzea. A comida sempre esteve presente na minha vida como algo mágico, eu sempre amei comer e acompanhar minha avó cozinhando. Desde pequena, gosto de observá-la cozinhar. Ela preparava a comida diariamente para mim e ainda fazia vários bolos (de macaxeira, de ovos, da moça, mesclado, de batata), coxinhas, pasteis e outras delícias que eu ficava lambendo as panelas que ela deixava para eu “raspar”. Nós nos sentávamos na mesa grande de madeira que tinha na sala da casa, ela batia o bolo com uma colher de pau grande e eu ficava perguntando a ela como ela fazia esse bolo. O bolo mesclado (que é o de ovos e chocolate) me intrigava muito, pois eram dois sabores ao mesmo tempo, e eu perguntava como ela conseguia deixar desse jeito, esse desenho na massa do bolo. Acho que minha paixão por comida veio daí, das minhas tardes na cozinha com ela, dos cheiros, dos cafés que desde pequena nós bebemos juntas, porque aprendi esse vício com ela.

Por minha avó ser do interior do Rio Grande do Norte, a sua comida carrega as origens de uma alimentação baseada nos saberes tradicionais, no alimento que vem da terra, da natureza e é pouco ou nada processado (POLLAN, 2008). Um alimento que

minha avó reconheceria em qualquer lugar. Acredito que seja essa minha conexão com a cozinha de vovó que me fez indagar, anos depois, porque estamos cada vez mais comendo produtos que não são comidas. Alimentos ultra processados¹⁵ que têm substituído (muito mal) a alimentação tradicional, adoecendo a nós e a natureza.

As formas de se alimentar vem se modificando com o passar dos anos, tanto por ser um aspecto cultural que pressupõe mudança, mas principalmente pela intensificação industrial das nossas sociedades. O alimento, antes ligado à terra e ao cultivo, agora é cada vez mais associado aos supermercados e às fábricas. Quando, contudo, ainda é possível comprar alimentos de feiras livres, viabiliza-se outros modos da sociedade gerir sua alimentação, ampliando o debate em torno dela.

É por isso que pesquisar a Ecovárzea e sua produção agroecológica parte também de mim, mas me supera. A minha conexão com a comida, com o ser mulher, com a Antropologia e com a crença por uma consciência das nossas escolhas são pontapés para minha pesquisa. Vivo em um país marcado pela colonização, pela exploração do meio ambiente para a venda no mercado internacional de commodities¹⁶ que tem uma rica tradição de alimentação, com misturas culturais portuguesas, indígenas, africanas, asiáticas, italianas etc. Mais ainda quando me refiro ao Nordeste brasileiro, fortemente influenciado pela cultura e culinária indígena e africana. Temos aqui a macaxeira, a tapioca, o beiju, o milho, o cuscuz, a canjica, a pamonha, o hábito de comer galinha caipira, bode, moela... Essa riqueza cultural em contraponto ao agronegócio e a ultra industrialização.

Foi então que eu comecei a me perguntar sobre como a sociedade passou a dar menos importância a cozinha do cotidiano e ao alimento fresco, substituindo-os por comidas prontas, congeladas e industrializadas (POLLAN, 2014). O alimento está presente principalmente no âmbito doméstico, relacionado, ao cuidado da casa e da reprodução da vida dos indivíduos. As mudanças nas formas de alimentar tem embaçado as fronteiras da alimentação enquanto doméstico, mas não destruindo. Ainda assim, é no nosso dia a dia que nos alimentamos. Todos os dias temos que fazê-lo, muitas vezes sem perceber sua importância, que é muita.

¹⁵ Alimentos ultraprocessados são aqueles que passaram por maior processamento industrial. No geral, possuem alta adição de açúcares, gorduras, substâncias sintetizadas em laboratório e, principalmente, conservantes (Guia alimentar para a população brasileira, 2014)

¹⁶ Commodities (termo em inglês) são produtos de origem agropecuária ou de extração mineral, em estado bruto ou pequeno grau de industrialização, produzidos em larga escala e destinados ao comércio externo.

Afinal, a alimentação, as vestimentas, o consumo, os lazeres, as emoções etc. são manifestações culturais da vida cotidiana que permitem a compreensão das estruturas sociais e suas relações de classe, raça e gênero. Há um distanciamento da cozinha e uma mercantilização dos alimentos nunca vista antes. Por um lado, a obrigatoriedade feminina de prover o cuidado doméstico diminui, por causa da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Em contrapartida, não houve uma redistribuição igualitária de papéis no lar, mas por um desígnio deste espaço doméstico para a indústria.

Às mulheres, restam ser relegadas, pois são as que mais preparam o alimento e as que mais passam fome na nossa sociedade, as mais atingidas por uma alimentação menos saudável e menos segura (LIMA et al, 2019). Agora, os alimentos vêm prontos, a capacidade de distinguir o que é correto para comer vem pronta também, basta você pagar (POLLAN, 2008). Isto é, o alimento virou um dos maiores produtos da indústria global. Partir a procura de segmentos da sociedade que fazem um movimento diferente é essencial para compreender este cenário e é a partir disso que surge minha pesquisa.

Ir ao supermercado, ao mercadinho, ao açougue ou a feira são tarefas geralmente feitas pelas mulheres, as donas de casa. (MATIOLI; PERES, 2020) Todos os dias os supermercados estão cheios de pessoas que vão comprar produtos para se alimentar. Seja um prato de arroz e feijão, uma fruta, um salgadinho, uma pizza congelada ou um refrigerante, a alimentação tem que ocorrer diariamente. Os fluxos em volta dessa tarefa que parece somente trivial demonstram uma estrutura social complexa. Acompanhar este caminho conhecido, mas que traz muitas surpresas é o meu objetivo. Estamos acostumados a automaticamente irmos aos supermercados sem nos perguntar se sempre foi assim. Os costumes não são fixos, mesmo as vezes aparecendo.

Quando falamos de produção de alimentos no Brasil, a gente fala também das mulheres camponesas. Quem planta e semeia no roçado, homem e mulher camponês, faz o alimento brotar da terra, com muito suor. Na cozinha, as mulheres preparam o alimento. Em vez de todos agora compartilharem esse espaço e deixar de sobrecarregar as mulheres que semeiam, plantam e cozinham, a indústria tenta tirar a o que sempre foi reconhecido como comida da boca da população e, principalmente, das mulheres.

Como forma de analisar esta situação na qual a alimentação se encontra e uma outra via de produção, a produção agroecológica, utilizo a superação da dicotomia natureza/cultura (que irei pontuar agora, mas explicar melhor no capítulo 2) e o conceito

de malha de Tim Ingold (que explicarei no capítulo 3). A ascensão da perspectiva cartesiana, juntamente com o surgimento da modernidade e do capitalismo, modificaram a percepção dos humanos sobre eles mesmo e sobre o mundo. A partir disso, os não humanos, tanto na prática quanto na teoria, se reduziram “aos meros objetos que os teóricos da tradição ocidental sempre os supuseram ser” (INGOLD, 2000, p. 75). É possível ver isso na forma como consumimos nossos alimentos. Nos distanciamos não somente do alimento in natura e dos saberes tradicionais, mas deixamos de compreender de onde ele vem e o que comemos e como subjugamos os animais a virarem mercadorias industriais, aprisionando-os em cativeiros desde seus nascimentos, com suas vidas reduzidas pela inserção de hormônios e sua procriação incentivada a exaustão com o único objetivo de virarem uma bandeja de peito de frango no supermercado.

O nosso modo de produção alimentar e nossos estilos de vida ocidentais têm levado esta ideia de superação do humano a níveis nunca visto. Trata-se do que Viveiros de Castro fala sobre a cultura ocidental estar imaginando “uma continuidade física e uma descontinuidade metafísica entre os humanos e os não humanos, a primeira fazendo do homem objeto das ciências naturais e a segunda das ciências da cultura” (CASTRO, 2007, p. 13). Segundo José Augusto de Pádua (2010), a ciência analisa as sociedades como se elas flutuassem acima do planeta, da biosfera, desconsiderando as interações entre natureza e cultura e as consequências dessas interações. Segundo ele:

[...] no sentido de a humanidade flutuar acima do planeta, como se os seres humanos não fossem animais mamíferos e primatas, seres que respiram e que precisam cotidianamente se alimentar [...] Como se não fossem, em verdade, seres que, mais do que estabelecer “contatos” pontuais, vivem por meio do mundo natural, dependendo dos fluxos de matéria e energia... (PÁDUA, 2010, p. 91).

Esta análise desaponta no imaginário social, que enxerga o ser humano o centro do universo e a natureza subjugada a ele. O que os seres humanos não previam era isso interferiria em suas vidas, com a má alimentação mundial acarretando doenças e o colapso ambiental nas nossas portas.

Alicerçado neste panorama que esta pesquisa de mestrado se pergunta: como tem acontecido as disputas no cenário da produção de alimentação? Existem formas de resistência? Como estas resistências acontecem? Como as mulheres estão inseridas nesta resistência? É o que eu tentei compreender ao estudar a Ecovárzea.

1.1 A ECOVÁRZEA

Quando você chega na feira, dependendo do horário que você vai, porque ela começa entre 4 e 5 horas da manhã, você sente o cheiro de terra e folhas molhadas. Tem um brilho da manhã que incide em cima das barracas e das pessoas andando e perguntando os preços, do cheiro do café e da tapioca de Tina e de Solange que ficam no meio da feira, lá para o final.

Figura 1: barraca da tapioca (assim que voltou da pandemia) com uma pichação “Feira Agroecológica”



Fonte: Acervo da autora

Figura 2: foto de algumas barracas com as árvores ao redor



Fonte: Acervo da autora

De início, os agregados que aproveitam a feira se juntam na entrada para vender pão de fermentação natural, queijos (de manteiga e de coalho), manteiga da terra, mudinha de plantas, kombucha¹⁷; outros distribuem jornais de partidos de esquerda, vendem livros infantis ou fazem um som com o pandeiro, estilo uma ciranda. Mas ainda não chegamos na feira mesmo, estamos pertinho, antes, paramos de frente para Seu Luiz, agora nesse momento de pandemia, e temos nossa temperatura medida, bastante álcool 70% na mão e um sorrisão danado. Depois disso, entramos num espaço pequeno, que é um estacionamento da UFPB, do lado do Centro de Convivência, organizado de tendas verdes e agricultores com a camisa e o boné da Ecovárzea também na cor verde, geralmente são duas pessoas em cada barraca, expondo seus produtos. Chegamos à feira da Ecovárzea.

¹⁷ O Kombucha é uma bebida fermentada feita a partir de chás, como o chá preto ou chá verde, adoçados, contendo uma cultura de leveduras e bactérias, conhecidas como SCOBY, que equilibram a flora intestinal, ajudando a fortalecer o sistema imunológico e melhorar o funcionamento do intestino.

Figura 3: Seu Luiz segurando o medidor de temperatura e o álcool 70%.



Fonte: Acervo da autora

A Ecovárzea, no entanto, é mais do que uma feira. Ela tem seu início plantado na disputa pela terra. Podemos datar o início destas lutas com as Ligas Camponesas, que tem um grande reconhecimento até hoje como movimento de peso na região da associação. As Ligas surgiram em torno de 1950 no engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão, nos limites da região do Agreste com a Zona da Mata de Pernambuco. De acordo com Rangel (2000), os trabalhadores ocuparam o engenho, conseguindo judicialmente a desapropriação do terreno do Engenho Galileia, propriedade pertencida ao senhor Oscar Beltrão, representando um grande exemplo para outras rebeliões e se tornando a “Liga Mãe” do movimento. Existem muitas versões sobre a criação da Liga de Galileia. Uma delas diz que dos seus objetivos, o principal era lutar pela reforma agrária e melhoria de condições de vida para quem necessitava viver de forma sustentável em suas comunidades de origem no setor camponês, longe do sistema escravo que assolavam os camponeses, e, também, gerar recursos comuns para a assistência educacional e de saúde, e para comprar adubos, com a finalidade de melhorar a produção (ALVEZ, 2017).

Em uma Live no Youtube intitulada “Populações Tradicionais e Rurais em Tempos de Pandemia”, Alane Lima (Presidente do Memorial das Lutas e Ligas Camponesas e camponesa filiada a Ecovárzea) conta a história de João Texeira, trabalhador que chegou em Sapé vindo de Pernambuco. É assim que se inicia o advento das Ligas na Paraíba. João, negro e camponês, chega para trabalhar nas terras do pai de sua futura esposa, Elizabeth. Ele já tinha um pensamento de mobilização e organização dos trabalhadores rurais que trouxe de Pernambuco e não tardou até começar a incitar os seus colegas a se revoltarem contra a situação deplorável em que se encontravam.

A partir disso as Ligas Camponesas se expandiram, em 1959 para a Paraíba e para outros estados como o Rio de Janeiro e o Paraná, aumentando o impacto político do movimento. Da Paraíba, o mais importante foi o de Sapé, justamente o de João Texeira, que teve uma forte expressão organizativa a partir de 1962 com a morte dele, chegando a dez mil membros e tornando Elizabeth Texeira, esposa de João, uma liderança nesse processo (ARAÚJO, 2016). Foi um dos movimentos que teve mais mobilização pela reforma agrária no Brasil até sua repressão brutal após o Golpe Civil/Militar de 64, que com o AI-5 criminalizou organizações contrárias ao regime militar.

No entanto, o fim das Ligas Camponesas não aniquilou completamente a pauta. Em Sapé, local que foi arduamente reprimido devido a sua grandeza na participação do movimento, ficou acesa a chama da reforma agrária. Seu Luizinho, presidente da Associação, diz que se mudou com 5 anos para morar no canto que João Texeira tinha feito história. Não sabia direito quem era essa figura. Quando se fez trabalhador, já crescido, um padre lá da Itália começou a pregar que os trabalhadores daquela terra abençoada (a Zona da Mata, segundo Luizinho, é a região com a melhor terra da Paraíba) devia se unir e reivindicar o direito a ela que pertencia a eles, que de enxada e enxada sob o sol escaldante do Nordeste, faziam as plantas florescerem.

Nacionalmente, na década de 1990, o debate em torno da reforma agrária é retomado com a Via Campesina, movimento que surgiu em 1992, na Nicarágua, como uma rede transnacional de movimentos sociais rurais, seu objetivo é defender dos camponeses através da influência nas decisões sobre políticas agrícolas que afetam direta ou indiretamente os movimentos do campo (LA VIA CAMPONESA, 2008). Por volta desse período, na região da Várzea, com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Caritas Diocesana e do Gabinete do Deputado Frei Anastácio, iniciou-se o processo fervoroso de luta pela terra.

A relação da CPT com os trabalhadores rurais foi essencial, a confiança proveniente dela fez com que muitos trabalhadores adentrassem nesta disputa. Seu Luiz relatou que começou a participar das reuniões que aconteciam na igreja até o dia da ocupação das fazendas. Neste dia, no ano de 1996, sem que ninguém soubesse, a não ser sua mulher, partiu num caminhão, cheio de gente, com muito medo e sem saber direito como seria. Antes do sol raiar, estava montando acampamento nas terras disputadas. O medo da represália e a distância da sua esposa que não tinha notícias suas o acompanharam dia e noite. Não teve tanta represália por parte dos trabalhadores da fazenda, pois havia acabado de acontecer o massacre do El Dourado dos Carajás¹⁸, e a carnificina proveniente dele diminuiu a ação dos fazendeiros. Contudo, os momentos de enfrentamento marcam ainda seu Luiz, que diz que naqueles dias, no meio do mato, tentando dialogar com trabalhadores da fazenda e resistindo para pegar a terra que pertencia aos seus, não se tinha ideia de como as coisas funcionariam.

O processo de assentamento da Ecovárzea, de acordo com Pinto (2010) e Marcos et al (2005), se deu quando as Usinas Santa Helena e Madalena (situadas em Sapé e Cruz do Espírito Santo, respectivamente) faliram, abrindo espaço para ex-trabalhadores canavieiros se articularem com apoio da Cáritas e da CPT, dando início a um processo de organização e luta pela ocupação da terra lento e difícil, uma vez que a repressão e perseguição aos agricultores foi brutal.

Ocorreram muitas idas e vindas, ocupações, repressões, recuo, novas ocupações e mais repressão marcam esses anos até que no final da década de 90, camponesas e camponeses que antes eram escravizadas(os) e exploradas(os) por senhores de engenhos e fazendeiros conquistaram sua terra, dividindo-a à 104 famílias, reunindo mais ou menos 600 pessoas. Houve um impasse com o INCRA quanto a definição do local, mas os trabalhadores reafirmaram que as fazendas inicialmente ocupadas eram essenciais como símbolo de luta (Pinto, 2010) e, então, puderam gerir suas terras¹⁹ e protagonizar espaços políticos e econômicos de produção e comercialização decorrentes delas, podendo produzir o que quisessem e pudessem (RODRIGUES, 2018 apud ALANE, 2019).

¹⁸ O Massacre de Eldorado do Carajás foi o assassinato de dezenove sem-terra que ocorreu em 17 de abril de 1996 no município de Eldorado do Carajás, no sul do Pará, Brasil decorrente da ação da polícia do estado do Pará.

¹⁹ As parcelas de terra que os agricultores conseguiram na Reforma Agrária têm 6,5 hectares cada.

Assim, passada a conquista da terra, os camponeses e camponesas assentadas(os) e acampadas(os) da Reforma Agrária pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), localizados na Região da várzea e litoral sul paraibano, especificamente, nos municípios de Sapé, Cruz do Espírito Santo, João Pessoa e Conde, situados no estado da Paraíba, se viram livres e donos de seu próprio espaço.

Os camponeses nunca tinham produzido para si mesmos antes, eles eram acostumados a receber ordens e a lidar diretamente com a terra, isso eles sabiam, mas todo o processo de planejar para comercializar, isso não. “A gente antigamente executava o planejamento, hoje a gente tem que planejar e executar”, essa fala de Seu Luiz mostra as dificuldades enfrentadas pelos camponeses. Segundo ele, todos os camponeses se viam envergonhados de comercializar, de entrar no mercado, de disputar com outros fazendeiros e com outros agricultores. A CPT junto com projetos da UFPB foi essencial para auxiliar nessa reorganização dos camponeses e na construção de suas autonomias que lhe foram retiradas desde sempre.

Não foi uma tarefa fácil. Alane Lima (2019) fala em como é desafiador aos camponeses acostumados a obedecer a ordens dos fazendeiros, sem espaço para construir conjuntamente durante toda sua via, terem que partir do zero, sem educação para o comércio. Não é que os camponeses não têm capacidade de comercializar, mas a falta de educação e incentivo por toda suas vidas os colocaram em uma posição de desvantagem. A necessidade de se organizar coletivamente só aumentou.

Criou-se, então, em 2001, a Associação dos Agricultores e Agricultoras da Várzea Paraibana (ECOVARZEA) com estatuto e regimento internos. Mas oficialmente só passou a existir em 2005. Segundo seu estatuto, “a Ecovárzea se constitui como uma organização de princípios educativos, de integração e cooperação de economia solidária” (SILVA, Nelsânia, 2006).

Esta atitude não apenas auxilia economicamente os agricultores, mas sim abre espaço para a formação de outras vias de comercialização que não estejam nas mãos do agronegócio, isto é, abre possibilidades para o desenvolvimento de novas realidades de autonomia e coletividade que destoam na visão desenvolvimentista do capitalismo. Afinal, são pessoas que lutaram pela sua própria terra, em um país que é marcado na sua história pela má distribuição dessa, na qual as pessoas que trabalham nela não tem garantia de usufruí-la a seu dispor e, mais ainda, de forma ecológica, já que a terra é gerida

a partir de uma lógica de superprodução. Essas pessoas além de conseguirem suas terras, se juntam e decidem criar uma rede solidária de comercialização que mesmo estando inseridas em um sistema capitalista, tenta destoar de sua lógica.

É por isso que a luta se deu coletivamente e continua até os dias de hoje. A CPT conseguiu parceria com a EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) e um técnico trouxe uma experiência do Rio Grande do Sul de agricultura agroecológica, através da mediação de professores da UFPB. Ao produzirem para si mesmos, viram sua produção criando excedentes. A partir daí surge a necessidade da união coletiva entre os agricultores que vislumbraram que sozinhos não conseguiriam obter tanto sucesso, mas coletivamente poderiam se ajudar a estipular canais de comercialização que eliminassem a figura do atravessador. Este motivo, segundo ARAÚJO et al (2014) apresenta-se em experiências similares de implementações de outras feiras agroecológicas pelo país.

Foi a partir dela que se fez acontecer a feira da Ecovárzea. O primeiro local a ser escolhido foi o bairro de Mangabeira e em novembro de 2001 fizeram sua primeira feira lá. Depois de seis encontros que não obtiveram muito sucesso, a feira parou. Seu Luiz lembra desse momento como se fosse hoje. Por conta da greve que estava acontecendo na UFPB²⁰, não puderam comercializar logo na Universidade. Foram tentar, então, em Mangabeira, por ser um bairro central que tem um fluxo grande de pessoas. Segundo ele, os agricultores estavam nervosos, não sabiam muito como se comportar com os clientes. Foi um desastre. E nas outras tentativas, só foi piorando. Segundo seu Luiz, o problema em si não era estar cara a cara com os clientes, mas a concorrência com outras feiras que não vendiam produtos agroecológicos, portanto, apresentavam produtos que os clientes já estavam acostumados quanto a variedade e tamanho.

Segundo Tânia da CPT, os produtos da Ecovárzea não tinham como competir com as bananas, as cenouras e as batatas cheias de agrotóxicos dos vendedores convencionais. Além dos produtos serem menores, por serem fruto de uma produção agroecológica em desenvolvimento, a variedade não era a mesma. Tinha semana que vinha pés de alfaces, bonitos, em grande quantidade, mas não se conseguiam as alfaces do mesmo jeito na outra semana, nem na mesma quantidade. Os clientes não estavam preocupados, necessariamente, com a qualidade, mas com que estavam acostumados. João Peres e Victor Matioli (2020) falam como os supermercados implantaram um estilo de

²⁰ A UFPB esteve em greve durante o primeiro semestre do ano de 2001.

comercialização de alimentos que mostra o alimento com uma aparência superficial que não condizem com a realidade do campo. Assim, quem faz diferente e não está subjugado a esse sistema, enfrenta várias dificuldades.

Depois desses fracassos, os agricultores perceberam que comercializar não era tanto o problema, mas planejar sua produção era essencial. Seu Luiz fala que esse momento foi dolorido, muitos se desanimaram, não viram futuro no que estavam fazendo. Contudo, a Associação permaneceu de pé. Coincidiu com o fato de a UFPB já ter retomado suas atividades. Aconteceu uma reunião, por intermédio da CPT em diálogo com a UFPB, com a Associação e um Superintendente da Universidade. Nesta reunião, em abril de 2002, ficou acordado que a Ecovárzea poderia comercializar na Universidade e poderia aproveitar para inaugurar a feira no dia de um evento que iria acontecer.

Desta forma, em 2002, a Ecovárzea implementou sua feira no Campus I da Universidade Federal da Paraíba na cidade de João Pessoa, se tornando a primeira feira agroecológica da cidade. Onde se comercializa produtos agroecológicos produzidos pelos camponeses e camponesas dos Assentamentos Padre Gino, Dona Helena, Rainha dos Anjos, Boa Vista, Vida Nova, Santa Helena, 21 de Abril, Nova Vivência, Dona Antônia, Gurigi, comunidade de Barra de Antas e Acampamento Ponta de Gramame.

Toda sexta-feira, os agricultores acordam por volta de 1h da manhã para se preparem para o dia que vem nascendo. Muitos me confessaram que nem dormem da quinta para sexta, dão um cochilo no ônibus no caminho. Eles arrumam seus produtos no caminhão e algumas coisas dentro do ônibus que são responsáveis por trazê-los para a cidade. Quem já tem seu próprio meio de transporte não depende do ônibus ou caminhão²¹. Em torno das 2h este ônibus sai passando por cada assentamento para buscar os agricultores. Quem não pode ir, porque produziu pouco e não vale o custo de pagar motorista, ônibus e frete de caminhão, manda suas poucas coisas por outros agricultores e assim vão se ajudando.

De Sapé e Cruz das Almas até João Pessoa é um pouco mais de 1h de estrada. Quase 4h da manhã os agricultores chegam na Universidade, suas barracas estão guardadas em um prédio vizinho ao local da feira (o DCE) e é o momento de montá-las,

²¹ Estes veículos são da Associação que conseguiram por meio de um projeto com o Governo Federal verba para a compra.

porque os clientes já estão chegando. Das 4h30min às 11h30min toda sexta-feira, faça chuva ou faça sol, a feira da Ecovárzea acontece.

Figura 04: Entrada da feira da Ecovárzea



Fonte: Acervo da autora

Em tempos anteriores a pandemia, a feira acontecia da seguinte forma: barracas de metal dispostas na calçada do lado do estacionamento, com lonas na cor verde cobrindo. Do lado oposto da calçada tinha mais barracas. Totalizando duas fileiras opostas, com um espaço no meio para os clientes olharem os produtos, circularem e comparem. Mais adiante, do lado esquerdo, na calçada, tinha o local das tapiocas. Com duas mesas para se sentar. Este local é um dos mais movimentados, com bastante conversa e vários pedidos para comer as tapiocas e os beijus. Outras pessoas foram se assomando a feira, por sua perspectiva agroecológica de respeito a vida e sustentabilidade. Vendendo kombucha, pastas veganas, queijos coalho ou de manteiga, manteiga da terra, roupas, livros infantis, pães de fermentação natural e aconteciam também aulas de yoga gratuitas no Centro de Convivência (prédio da UFPB) que é ao

lado. Elas não fazem parte da Associação, não membros, no entanto, são acolhidas e misturadas nesse espaço da feira.

Com a pandemia, as coisas mudaram. A primeira mudança visível é o tamanho da feira. Não que ela fosse muito grande, mas a redução foi significativa. Ela se encolheu no espaço do estacionamento, o local da tapioca veio para o centro, em frente a uma pichação com o nome “Feira Agroecológica da Ecovárzea”, no final da feira e as mesas foram retiradas. Inicialmente, com a volta da feira na pandemia, ficou apenas uma barraca por semana, revertendo quem ia de 15 em 15 dias. Em agosto de 2021, quase um ano e meio de pandemia, as duas barracas voltaram a funcionar simultaneamente toda sexta.

Há agora uma separação mais visível entre as pessoas que são da Ecovárzea e os agregados que comercializam outras coisas. Eles ficam na entrada da feira, que agora está “cercada” por fitas para delimitar o espaço e as pessoas não entrarem sem terem suas temperaturas medidas. Esta decisão foi tomada pelos próprios integrantes da Ecovárzea como uma medida de segurança contra a Covid-19 e para não ter futuros problemas com a reitoria da Universidade.

Do lado da feira, em frente ao Centro de Vivência, tem três barracas de metal montadas com várias cestas prontas de produtos na modalidade retirada. É nesse local que as pessoas que pedem seus produtos pelo site da Ecovárzea retiram suas compras. É um local separado, que as pessoas que estão destinadas a separar as mercadorias e montar as cestas passam o tempo todo lá, não ficam comercializando na feira. São dois homens jovens e uma mulher adulta, os meninos em torno dos 18 a 20 anos e a mulher com 35 anos. Eles têm mais habilidade com a tecnologia para conferir as compras no site e falar com esses clientes.

Figura 5: Local de retirada das cestas comercializadas pelo site



Fonte: Acervo da autora

Antes de entrar na feira realmente, Seu Luiz está na “porta” medindo a temperatura e passando (bastante) álcool 70% nos clientes. O clima ainda é alegre. Todas as vezes que eu fui havia mulheres tocando coco “do lado de fora”, bem pertinho de Seu Luiz, trazendo um clima de alegria a feira. Todas as pessoas, que eu tenha conseguido observar, estavam usando máscara tanto “dentro” quanto “fora”. Estou colocando essas aspas porque a divisão está sendo feita por minha observação, não é uma categoria que as pessoas utilizam, pelo menos não comigo. Mas para uma melhor compreensão do espaço, as utilizo. Pois, há uma divisão espacial que segmenta a feira e o que está “fora” da feira, mesmo sendo “quase a mesma coisa”. No entanto, quem está fora não faz parte da Ecovárzea e não tem o reconhecimento da UFPB.

Figura 6: Os comerciantes que ficam do lado “de fora” da feira



Fonte: Acervo da autora

Figura 7: Os comerciantes do “lado de fora” da feira



Fonte: Acervo da autora

São pessoas que aproveitam o estilo da feira, por ser agroecológica, ter uma perspectiva de desconstrução de um mundo capitalista (que muitos entendem que não engloba só a produção de alimentos), e ser na Universidade, espaço no qual estes diálogos acontecem com frequência²². É uma troca boa para ambas as partes, pelo menos até antes da pandemia, pois agrega ao estilo da feira, assim como é um espaço que abre para a comercialização de outros produtos e alcança um público maior. Contudo, na pandemia e com a mudança de reitor da Universidade (que se apresenta mais conservador), esta relação pode apresentar alguns pontos críticos. O PCO (Partido da Causa Operária) distribui seus jornais na feira, do “lado de fora”. Uma das vezes que fui, alguns participantes do partido estavam com cartazes escritos com “Fora Bolsonaro” e os seguranças da UFPB foram lá mandar eles abaixarem os cartazes, justificando que estavam aglomerando. Foi um momento de tensão, pois a Ecovárzea ainda não tinha tido uma conversa com o novo reitor oficial, o Professor Valdiney Gouveia, que ele já tinha demonstrado insatisfação com o uso do prédio em frente para deixar guardadas as barracas. Como as pessoas que ficam na frente não tem autorização do reitor e fazem oposição direta a ele, a Associação fica numa posição complicada.

São no total 14 barracas, 6 do lado esquerdo e 8 do lado direito, elas ficam de frente uma para as outras. No início, do lado direito, tem uma barraca que vende muda de planta, terra vegetal e alguns milhos. Do lado esquerdo, a primeira barraca vende bastante banana, macaxeira, inhame e batata doce. Quinzenalmente, a primeira barraca é a de cosméticos naturais, que fica ao lado da entrada, bem perto de Seu Luiz. Essa barraca é composta apenas de mulheres que só vão a cada quinze dias por ficar custoso pagar o frete dos produtos toda semana. Nela se vende *shampoo*, sabonete, chá, pomadas... tudo feitos à base de plantas medicinais. Do ladinho sempre tem alguma fruta ou verdura, como maxixe ou coco seco. Elas vendem também ovo capoeira, de galinhas criadas livres. No geral, ficam duas pessoas em cada barraca. Dessas pessoas, tem em torno de 8 mulheres na feira comercializando. Todas são agricultoras. Algumas acompanham seus maridos e debulham feijão para comercializar, ficam em uma cadeira um pouco afastada, enquanto os homens comercializam.

²² Esta parte será melhor trabalhada no terceiro capítulo desta dissertação.

Figura 8: Foto de uma barraca de verduras e legumes



Fonte: Acervo da autora

Figura 9: Foto do lado esquerdo de barracas da feira



Fonte: Acervo da autora

Fora a barraca da tapioca, que é bem movimentada e sempre tem a mulher que faz a tapioca e o beiju e alguém recebendo os vários pedidos, os agricultores não precisam chamar a atenção dos clientes ou disputando com os outros, então eles são mais “quietos”. O que quero dizer é que eles ficam nas barracas esperando alguém chegar, falam o preço, embalam se for para comprar, tranquilamente. Tem uma exceção que é o agricultor que vende bananas no começo da feira, que fala alto, solta umas piadas, fica oferecendo as bananas, mas sem competição, mais como algo extrovertido. Consegui perceber que as mulheres inicialmente se mostram mais quietas. Não vi muita conversa entre elas e os clientes, enquanto a desenvoltura para a venda estava presente mais entre os homens. Um olhar por cima, claro. Pois, quando eu fui conversar com as mulheres dos cosméticos e a da galinha, elas não perderam tempo na conversa para me fazerem comprar seus produtos.

Figura 10: Barraca de tapioca de Tina



Fonte: Acervo da autora

Figura 11: Foto do beiju de Tina e de Seu Luiz e a feira no fundo



Fonte: Acervo da autora

Associação possui mais de 48 sócios (ou famílias, como também falam), que, juntamente com seus familiares que estão envolvidos na produção, resultam em cerca de 120 pessoas cultivando e se beneficiando dos produtos dentro da perspectiva da agricultura familiar agroecológica. No total, 56 pessoas participam da feira constantemente, pois muitos sócios são acompanhados de familiares em suas barracas que não são associados. Dessas 56 pessoas que frequentam a feira, 26 são mulheres e 30 são homens. Quanto a questão da etnia, 7 se autodeclararam brancos, 27 pardos e 22 negros.

Todos os agricultores se vestem com uniformes e bonés verdes com a sigla da Ecovárzea e da CPT neles, materiais ofertados pelas Cáritas. Além das barracas, caixotes montados formando um quadrado expõem mais produtos em frente a maioria delas. Todos os alimentos seguem uma vertente ecologicamente responsável (sem utilizar agrotóxico ou produtos químicos) e consistem em frutas, verduras, cereais, leguminosas, aves, remédios caseiros, mudas de plantas, lanches, flores, mel de abelha, ovos de galinha, leite fresco e comidas típicas.

O espaço da Universidade proporciona uma exclusividade própria da feira agroecológica, com professores, militantes e estudantes que discutem sobre agroecologia ou assuntos que a perpassam, sendo assim, o sucesso da feira foi garantido. Desde o começo o arrecadamento da Ecovárzea dentro da UFPB foi só aumentando. Iniciaram com o evento na Universidade, depois se instalaram de vez. Mas ainda passaram por três lugares até se fixarem onde estão atualmente, do lado do Centro de Convivência.

Após as onze horas, os agricultores já estão arrumando o que restou ²³e não foi vendido, desmontando as barracas, guardando tudo. Eles vão fazer o caminho de volta para Sapé que os espera com uma outra feira²⁴. No total, a Ecovárzea tem três feiras: um na UFPB, nas sextas pela manhã, uma no IFPB- Jaguaribe (Instituto Federal da Paraíba) nas terças pela manhã e outra em Sapé nas sextas a tarde. As mesmas famílias frequentam as feiras da UFPB e do IFPB, mas não a de Sapé, só alguns vão. Ela acontece separada das feiras tradicionais do município e os preços são mais baixos do que na UFPB devido ao público ser diferente, não ter o mesmo poder aquisitivo e ter menos gasto com o deslocamento.

Encabeçar a produção de produtos agroecológicos não é um processo fácil, manter uma produção sustentável diante de uma agricultura tradicional que visa a todo custo aumentar sua produção às custas da qualidade do produto e do respeito ao meio ambiente, retira os agricultores de uma mesma lógica de disputa tradicionalmente capitalista. A organização coletiva, portanto, é extremamente necessária para encarar este desafio.

A produção vendida na feira é realizada pelas famílias de agricultores e agricultoras separadamente, cada família possui uma parcela de terra onde realizam seus roçados, suas hortas, cuidam de seus animais, preparam bolos e remédios caseiros. Já a organização dos produtos para comercializar é feita coletivamente dentro da Associação com reuniões de planejamento de produção. Ou seja, existe uma autonomia, em que cada um é responsável pela sua produção, no entanto, deve-se seguir as regras estabelecidas coletivamente na Associação, como a proibição do uso de agrotóxicos, preservar o ambiente, participar ativamente das reuniões e assembleias e pensar no coletivo. Para que as coisas funcionem adequadamente existe uma comissão de ética que regulamenta o funcionamento desses princípios. Isso acontece devido a necessidade de se pensar no

²³ As sobras dos alimentos ou são doados para alguns funcionários da UFPB ou voltam com os agricultores para servir de comida para os animais ou fertilizante natural.

²⁴ Não são todos os produtores que vão para essa feira, só alguns.

coletivo, tendo em vista que existem diversas famílias trabalhando conjuntamente, gerando diversos conflitos que necessitam de mediação. O regulamento da Associação foi discutido e aprovado pelos agricultores, desta forma, facilitando a adesão de todos.

Para ingressar na Associação e na comercialização da feira, basta que você venha de algum assentamento da reforma agrária e tenha vontade de produzir agroecologicamente. Renato, jovem agricultor, fala sobre sua iniciação na Ecovárzea, segundo ele:

“Tem os critérios, tem que fazer parte de um assentamento e tem que produzir de maneira orgânica. Mas pra ter a prova um técnico vai lá, dar suporte, faz uma vistoria, faz análise do produto, por exemplo, ai fica apto a comercializar aqui.”

Com seus 20 anos, ele cresceu com o assentamento já oficializado. A incerteza sobre o rumo que a luta iria tomar não fez parte de sua trajetória. Contudo, a implementação da agroecologia e da feira da UFPB, mostrando que é possível sobreviver no campo enquanto agricultor, cunhou a vida de Renato. Depois de acompanhar sua mãe nas reuniões da Ecovárzea, ela como cozinheira (mas sem participar da produção agroecológica), ele decidiu produzir agroecologicamente e se efetivar na associação, aos 18 anos. É um trajetória que traz uma resistência dentro do campo, tendo em vista que os jovens, em geral, veem seus pais trabalhando até muito velhos sem conseguir dinheiro para viver seus últimos anos em paz, por conta da desigualdade rural. Renato, no entanto, viu na Ecovárzea um futuro próspero. Agora ele produz agroecologicamente e cuida da distribuição das cestas vendidas online pelo site.

Conjuntamente à organização interna, há a interlocução com outras feiras. Existe um grupo que se reunia (antes da pandemia) no Mosteiro de São Bento, em João Pessoa, formado pelos coordenadores de todas as feiras realizadas nas regiões do Litoral e da Várzea. Além disso, existe uma articulação entre todas as Feiras Agroecológicas do Estado, através da Articulação do Semi-árido Paraibano (ASA). Desta forma, para fornecer produtos agroecológicos, a Ecovárzea articulou reuniões associativas mensais para buscar apoio nos municipais de Sapé, Cruz do Espírito Santo e Santa Rita para a empreitada “agroecológica” que vislumbravam (SILVA, Nelsânia, 2006).

Há, portanto, um intercâmbio entre experiências significativas entre grupos de agricultores. Este intercâmbio não parou após o estabelecimento da feira, mas permanece

constante, uma vez que se entende que comercializar alimentos agroecológicos consiste em um processo. Parceiros da Ecovárzea visitam tanto a feira como as áreas de assentamento em dias de comemoração, fortalecendo os vínculos.

1.2 “ANTES A GENTE EXECUTAVA O PLANEJAMENTO, AGORA A GENTE PLANEJA O QUE VAI EXECUTAR”

Uma das maiores dificuldades de todos os camponeses pelo Brasil a fora é conseguir vender sua produção a preço justo e receber por ela sem a presença de terceiros que pagam menos do que deveriam e muitas vezes nem pagam ²⁵(MATIOLI; PERES, 2020). Para os camponeses recém assentados de Sapé, Cruz do Espírito Santo e Conde, essa angústia não foi diferente. Eles agora tinham uma terra, mas como comercializar com autonomia? A figura do atravessador tinha que ser eliminada, foi a partir disso que se viu na organização coletiva a saída.

Para chegar até a feira sem a ajuda de atravessadores, os produtos são transportados de forma coletiva e o frete é dividido pelo número de participantes. O lucro obtido pelos agricultores é individual, no entanto, para manter o funcionamento da Associação é arrecadado 5% do que foi vendido para o fundo da feira que constitui em uma poupança coletiva. Esta poupança é bastante significativa, tendo em vista que funciona para suprir as despesas coletivas como alimentação nas assembleias, reuniões da coordenação ampliada, alimentação dos encontros, passagens da coordenação para visitar outras experiências, investimentos na infraestrutura da Feira.

Além disso, caso algum membro do grupo esteja passando por alguma dificuldade, este fundo faz o papel de banco e empresta direto para ele. (ARAÚJO, Tarcisio; LIMA, Roberto; MACAMBIRA, Júnior; ROCHA, Odilson, 2014) O que acaba contribuindo para outro aspecto importante na produção agrícola: a dependência de investimento de bancos que cobram juros altíssimos. No caso do fundo, os empréstimos podem ser feitos por qualquer pessoa, desde que seja da associação, e não se cobra juros. Desta forma, este recurso consiste em mais uma ferramenta em prol da autonomia e da segurança dos agricultores.

²⁵ Segundo Matioli e Peres (2020) muitos atravessadores compram produtos de agricultores que não podem comercializar em feiras ou nos armazéns de comercialização por um valor muito inferior ao que vendem. Muitas vezes, prometem pagar só depois de revender os produtos e acabam não retornando com o dinheiro.

O modelo econômico capitalista é dominante, mas há outras formas de organizar esta esfera social sem ter que enquadrar todos os aspectos da vivência humana em uma submissão ao lucro, buscando construir outras formas de economia. É a partir disso que a Ecovárzea exerce uma Economia Solidária.

Por Economia Solidária se entende um tipo de economia socialmente justa que compreende os demais aspectos da vida humana e social, como a biodiversidade e as necessidades humanas de todos e todas. Compreende-se numa perspectiva horizontal, sem padrão e sem objetivo de lucrar acima de tudo. A solidariedade, como o próprio nome sugere, é o princípio que rege esse tipo de economia, desta forma, a exploração dos trabalhadores é substituída pela cooperação e corresponsabilidade e o autoritarismo pelo poder compartilhado.

Reconhecer a dimensão econômica como essencial a vida humana quando se está dentro de um sistema capitalista não é apoiá-lo, mas construir outras formas de gerir a sobrevivência humana. A Economia Solidária constrói novas relações de trabalho, de respeito à biodiversidade, à vida e às relações de trabalho humanizadoras que compreende a realidade social dos trabalhadores. É, literalmente, trabalhar em conjunto, numa perspectiva de “igual para igual”, sem deixar de levar em conta a autonomia das pessoas, a partir de uma perspectiva sustentável. O trabalho é visto para trazer autonomia, cooperatividade e não pura competição e individualismo. O compartilhamento é um dos princípios desta economia, tanto o lucro quanto as sobras são divididos entre todos os participantes do processo produtivo, pois o objetivo não é o acúmulo de capital, mas sim o ser humano.

No decurso do processo de assentamento dos camponeses da Várzea Paraibana o objetivo principal foi a busca por alternativas econômicas que valorizassem o produtor, uma vez que diante da lógica do agronegócio se terceiriza todo o processo, deixando o pequeno produtor lá embaixo na obtenção de lucro. Ao não fazer parte de todas as etapas da produção e comercialização, os agricultores recebem uma pequena parcela, pois seu trabalho é desvalorizado dentro do sistema capitalista, barateando-o. O atravessador, que irá transportar os produtos até os locais de venda, compra o produto por um preço muito baixo, chegando muitas vezes a pagar somente após um tempo (ou nem pagando), conseguindo uma maior porcentagem de lucro. Por último, as grandes redes de supermercado são os que obtêm mais lucro ainda. Assim, se divide desigualmente o capital ganho, sendo aquele que lida com a terra o mais prejudicado, enquanto aquele que

comercializa e não está nem perto do cuidado com o alimento, quem lucra mais. A alienação em torno de todo o processo auxilia no aumento das desigualdades, sendo inclusive, um dos fatores da qualidade dos alimentos pouco importar e o uso de agrotóxico ser tão estimulado.

A Economia Solidária tenta dismantlar este sistema, depositando na coletividade dos agricultores uma autonomia quanto as outras esferas da comercialização. Além disso, ultrapassa a lógica economia da organização, compreendendo que cuidar do meio ambiente é também parte da lógica produtiva, uma vez que ao não ter esse cuidado a terra pode se exaurir. Não somente a terra, como o próprio agricultor. Contudo, é uma prática e exatamente como o nome sugere está sendo edificada pelas experiências humanas que podem ser falhas em alguns momentos, mas não deixam de fazer parte da tentativa de erguer algo diferente.

Desta forma, é necessário situar a Associação em uma disputa com o sistema capitalista global. A Ecovárzea não é um sistema fechado a parte do capitalismo, modelo vigente no globo, é um território que constrói, inclusive, um modelo com o objetivo de confrontar os princípios capitalistas. Conrad Kottak (2006) chama atenção para a necessidade de a Antropologia compreender esta relação entre dinâmicas locais e globais. Desta forma, as disputas de poder quanto aos recursos naturais e como isso interfere em todo o globo é essencial para se compreender a alimentação de qualquer população no mundo.

Acostumados, antes de se assentarem, com o agronegócio, os agricultores tiveram que se reinventar. Com o apoio dos técnicos e o câmbio de experiência, eles visualizaram outros exemplos de produção e comercialização agroecológica no Rio Grande do Sul o que viabilizou o processo (LIMA, 2019). Um dos pontos que facilitaram foi a falta de recursos para obter agrotóxicos devido ao alto custo, permitindo que a agroecologia fosse ainda mais exitosa.

Para que tudo ocorra como planejado, há uma coordenação executiva composta por coordenador/a executivo/a, um/a vice coordenador/a, um secretário/a e um tesoureiro/a, um conselho fiscal com três sócios e um conselho de ética também composto de três pessoas, todos/as eleitos/as em assembléia geral que se reúnem antes das assembleias para discutir os problemas antes de destinar aos demais participantes (SILVA, 2006). Seu Luiz é o presidente (como é chamado pelos outros feirantes), ou seja,

o coordenador executivo. Não tive contato com os outros membros dessa coordenação. Segundo Renato, em tempos normais, isto é, sem estar em pandemia, de dois em dois meses uma equipe de fiscais vai de lote em lote verificar como estão sendo as produções. É difícil se manter na produção agrícola sem um incentivo, sem fiscalização, para garantir que não haja deslizamentos, e em caso de ocorrer, sejam tratados. Desta forma, todo mundo também faz o papel de fiscal do outro e de ajudante. Há muita troca entre os agricultores, que se veem como uma “família”.

Não é um percurso fácil, uma vez que a prática da comercialização exige planejamento da produção, da organização e de atender os anseios dos parceiros consumidores que estão acostumados a ter uma disponibilidade de produtos na quantidade que desejam todos os dias nas prateleiras dos supermercados. Trabalhar com outra lógica é também ensinar aos consumidores como funciona a realidade, sendo desde o princípio composto por trocas.

Foi necessário formações, uma delas sobre como conquistar e se comportar com consumidores, como se organizar em grupo, boas práticas, intercâmbios de produtos, entre outras (LIMA, 2019). Constituindo, assim, um longo caminho de troca e aprendizado. Este aprendizado se mantém até hoje, uma vez que uma preocupação constante é a diversidade de produtos na feira. Existem diversas demandas para os agricultores, dentre elas a preocupação com a produção em relação à sua diversidade, quantidade, qualidade, adubação, planejamento, acesso à água e energia e como ministrar tudo isso é dos aspectos mais importantes que demandam uma cultura de planejamento da produção de forma diferenciada e coletiva.

Antes da pandemia, aconteciam formações com os agricultores com uma certa frequência, de acordo com a disponibilidade dos projetos da UFPB. A INCUBES (Incubadora de Empreendimentos Solidários), o LABOOA (Laboratório de Botânica Aplicada à Agroecologia) e o NEDET (Núcleo de Extensão Territorial e Agroecologia) são exemplos de agentes que estão desde o começo dialogando com a Ecovárzea. Eles propõem projetos e os viabilizam, colocando editais na Universidade, propiciando uma troca entre estudantes, professores e a Ecovárzea. Além disso, mantém o estudo e a prática da agroecologia em renovação. Com a pandemia, até novembro de 2021 não estavam acontecendo as formações presenciais, pois era inviável reunir várias pessoas presencialmente nas áreas rurais devido às restrições da pandemia. Alguns projetos se iniciaram de forma remota e até o presente momento (Janeiro de 2022) só aconteceu um

momento presencial, mas de forma reduzida e com todas as restrições que o momento impõe. Nas minhas idas a campo, tenho encontrando representantes do NEDET e do LABOOA quase toda sexta feira. Inclusive, fui associada um pouco a eles, por ser da universidade. Estes projetos garantem a continuidade e renovação da agroecologia.

A organização da feira acontece, portanto, em diversos espaços para além do momento da feira. Os agricultores fazem reuniões, encontros e cursos. Encontram-se sistematicamente toda semana e ao término de cada feira também, além disso fazem assembleias extra-ordinárias e ordinárias mensalmente (na pandemia houve um período de hiato, depois as reuniões passou a ser online e depois voltou a ser presenciais, porém menos frequentes). Cada fim de feira se discute questões concernetes a problemas e emergências da comercialização que não possam esperar um próximo encontro. Já nas assembleias, a pauta consiste na avaliação e planejamento de ações a serem desenvolvidas (SILVA, Nelsânia, 2006). Tudo isso é referente a tempos “normais”, pois com a pandemia esses encontros estão suspensos para não haver aglomeração, com exceção da reunião pós feira que já engloba todos que estão compartilhando aquele espaço²⁶.

A partir desta organização, o alcance da Ecovárzea tem se mostrado cada vez mais avançado. A Associação é cadastrada no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) desde 2010. Inicialmente eram os agricultores individualmente que faziam parte do programa junto com a Assistência Técnica e a Secretaria de Educação e Agricultura do Município e depois passou a ser via cooperativas. A Ecovárzea se mantém até hoje, no entanto, com a nova gestão de 2021 do município, o contato com o agricultores familiares está acontecendo de forma escassa. Até junho de 2021 ainda não haviam comprado os produtos dos agricultores para fazerem as cestas para as escolas (que em momento de Educação Remota, tem distribuido cestas básicas para as famílias dos alunos), mas já tinham comprado de supermercados. Só em dezembro de 2021 foi que o municipio fez uma compra com a Associação, geralmente ao longo do ano varia de três a quatro compras.

As mudanças nas gestões municipais e estaduais causam impacto na organização dos camponeses, mesmo sendo um programa nacional estabelecido, quando se muda de

²⁶ No segundo semestre de 2021, no decorrer de quase um ano e meio da pandemia, realizou-se a primeira Assembleia Ordinária em tempos de pandemia.

gestão, o diálogo pode mudar, causando uma ansiedade. Atualmente, por exemplo, há um desmonte nacional deste programa por parte do governo Bolsonaro desde sua eleição em 2018, com o advento da pandemia, tem se mostrado mais acirrado ainda este diálogo. Contudo, não para os supermercados, que permanecem lucrando muito mesmo nesse momento de crise (MATIOLI; PERES, 2020).

São desafios estruturais que acometem a Associação. É por este motivo que a Ecovárzea é também um espaço de Educação Popular. A prática dos agricultores que se dispuseram a fazer a feira acontecer acabou desenvolvendo a Educação Popular. Esta consiste em uma educação voltada para grupos desfavorecidos e sua emancipação, tendo como centro uma visão diferenciada do mundo, ela promove a diversidade do ser humano e da sua experiência, partindo desta para que se realize o conhecimento e a organização de grupos humanos a partir de seus interesses.

Consoante José de Melo (2004), a Educação Popular é uma prática educativa que estabelece o diálogo e promove a consciência crítica, voltada para setores sociais como os indígenas, os camponeses, os trabalhadores, os trabalhadores sem-terra, os moradores das periferias das cidades e outros setores marginalizados das políticas públicas. De forma ampla, a Educação Popular promove o intercâmbio cultural a partir do diálogo entre sujeitos e suas experiências com a perspectiva de mudanças.

A exemplo da feira, os agricultores partiram de suas experiências para conhecer mais acerca de processos da produção agroecológica. É preciso, também, que os camponeses e as camponesas reconheçam as desigualdades existente entre eles, quanto a questão de classe, de raça e de gênero. As mulheres camponesas, historicamente oprimidas e colocadas em espaços subalternos, conseguem acessar uma consciência das desigualdades que as cercam (LIMA, 2015). Assim, a Educação Popular potencializa a reflexão, compreensão, elaboração e possibilidade de suas existências. Seu papel com as classes marginalizadas favorece o desenvolvimento da compreensão crítica da sociedade, da percepção do seu lugar no mundo, aliado a conhecimentos técnicos que criam sujeitos coletivos. Ela tem como um de seus objetivos construir uma realidade social mais humanizante, promovendo um processo de justiça social.

Portanto, a Ecovárzea tem a potencialidade de contestar o modelo de educação, produção e comercialização capitalistas desde às bases. Fornecem um espaço educacional, político e produção alternativas que inclui os excluídos, amplia os postos de

trabalho, aumenta as oportunidades das comunidades se desenvolverem e avança no respeito aos limites do meio ambiente. Desta forma, a educação é voltada para gerar uma produtividade totalizante que lide com as relações sociais provenientes dela, voltada para promover o desenvolvimento social e pessoal de quem participa, através da autogestão, da participação e da coletividade.

Destarte, infere-se que a Feira Agroecológica da Ecovárzea consegue abarcar aspectos sociais, econômicos, políticos e ambientais. Estudar seu funcionamento enquanto espaço de comercialização, de cooperação, de educação, de reelaboração das desigualdades sociais e de luta pela sustentabilidade ambiental é caro a Antropologia. Tanto os aspectos sociais quanto ecológicos são parte essencial da vida humana, portanto, devem fazer parte do trabalho do antropológico. Dessa forma, a Ecovárzea se mostra um espaço rico para a análise da conexão destes aspectos e seus desdobramentos.

Alimentar-se, logo, é uma forma do ser humano se relacionar com o meio ambiente. Esta relação ecológica é influenciada pelo sistema global, os aspectos macrossociais interferem nas relações locais cotidianas. Desta forma, Richard Wilk (1984) alerta sobre a importância da antropologia se atentar a esta dimensão. Não adianta olhar aspectos cotidianos, portanto, “locais” como excluídos de interferências globais. Quando se trata de alimentação e ecologia, ainda mais. Portanto, este trabalho concebe a Ecovárzea como ponto de partida para captar seu potencial de resistência enquanto uma Associação de agricultores nordestinos, que produzem e comercializam coletivamente e localmente produtos agroecológicos, estabelecendo uma reação contra as injustiças sociais, econômicas, políticas e ambientais de um sistema global capitalista

CAPÍTULO 2 – DA ALIMENTAÇÃO HEGEMÔNICA À AGROECOLOGIA

Luizinho olha para as árvores ao redor da feira e me pergunta “o que tu tá vendo aqui? Pra tu é só uma árvore? Tem muito mais vida dentro dessa árvore do que a gente pode imaginar olhando assim de fora”. E ele complementa: “É sobre isso a agroecologia, sabe? Sobre respeitar todas as vidas”.

A agroecologia enquanto prática é milenar²⁷, feita por aqueles que vivem na terra, pela terra e para terra desde sempre, a partir de uma agricultura sustentável que é alvo de perseguição nas disputas políticas atuais no meio rural. Antes mesmo da gente ouvir falar de agrotóxicos, melhoramento artificial da produção agrícola, maquinário para o meio rural, a humanidade sabia lidar com a terra que dela colhia sua sobrevivência. Então, antes de mais nada, a agroecologia enquanto prática existe há muito tempo (CANDIOTTO, 2020).

Desde a Revolução Industrial até a Revolução Verde e por aí em diante, muitas coisas ocorreram até chegar no cenário atual que vivemos, no qual a prática agroecológica se tornou secundária.

2.1 O CAMPESINATO E A MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NO BRASIL

No Brasil, as práticas agroecológicas, que resistem desde o período do sistema agrícola colonial, são realizadas por camponeses. O campesinato consiste em um sistema social de produção familiar, voltados para a subsistência dessas pessoas que produzem e corresponde tanto a uma forma de produzir como a um estilo de vida e uma cultura próprias (WANDERLEY, 2014).

É necessário aqui fazer uma contextualização acerca das disputas teóricas sobre o campesinato e explicar como o estou colocando no meu trabalho. Existe uma verdadeira disputa entre quem considera que o campesinato ficou no passado e se refere especificamente a um momento no qual os agricultores viviam exclusivamente de sua subsistência e quem considera que campesinato permanece existindo na agricultura

²⁷ Há uma distinção entre as práticas agroecológicas e a agroecologia enquanto ciência. A primeira são práticas humanas que respeitam o meio ambiente e a diversidade dele, a segunda é a constituição de uma ciência que trabalha com essas práticas.

familiar e se mistura com ela, não o superando completamente, mas criando um campesinato novo.

A grande questão é que a partir da modernização do meio rural por meio do sistema capitalista, os camponeses (que se acreditavam que iria sumir) permaneceram existindo, assim o capitalismo criou um termo novo para englobá-los: agricultores familiares, enquadrando esses camponeses em sistemas de crédito e os inserindo, pelo menos minimamente, no mercado (Boni&Bossett, 2013). Segundo os autores:

Por tudo isso há uma dificuldade em definir o significado de “camponês” no Brasil. Em parte, o que dificulta a afirmação do conceito de campesinato no Brasil procede das análises de alguns autores que consideram como camponeses os agricultores que mantêm uma relação mínima com o mercado, ou os produtores de subsistência. Entretanto, este conceito emerge nos últimos anos tanto através de movimentos que assim se denominam, como o Movimento Camponês Popular (MCP), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) e a Via Campesina, para citar alguns, como em trabalhos acadêmicos. (Boni&Bossett, 2013, p.3)

A partir disso, criou-se este impasse: os camponeses permanecem sendo camponeses ou são agora agricultores familiares? Não há uma resposta definitiva, há escolhas metodológicas.

Aqui escolho por considerar os camponeses e agricultores familiares como termos correspondentes, mas não iguais, por acreditar, diante do que estudei e do que os próprios membros da Ecovárzea colocaram, que o campesinato permanece existindo no Brasil (não da mesma forma de antes, mas de forma híbrida com a agricultura familiar) e há uma luta histórica deste campesinato no país, sendo a Associação fruto dela. Esta escolha, portanto, é também uma escolha política. Segundo Boni&Bossert:

De acordo com Bernardo Mançano Fernandes (2004), a delimitação conceitual de campesinato é, sobretudo, um exercício político. Para ele não há como discutir tal conceito sem levar em conta duas perspectivas, a histórica e a teórica, sendo que a primeira se refere à própria natureza do termo e a segunda à interpretação que se tem feito em relação à existência e perspectivas do campesinato (Boni&Bossett, 2013, p. 7).

Isso acontece, pois mesmo havendo uma modernização no campo, com o camponês se inserindo no mercado e utilizando tecnologias para tal, ele ainda carrega traços do campesinato, que não deixou de existir e de “enfrentar os velhos problemas,

nunca resolvidos, como porque, fragilizado, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças” (WANDERLEY, 2001, p. 52).

Chayanov (1974), por sua vez, pontua que as propriedades camponesas e as unidades de produção familiar são duais, isto é, são ao mesmo tempo voltadas para o consumo interno e para a produção, não sendo nem empresário nem proletário. Assim, Chayanov situa o campesinato como

[...] manifestações da capacidade de os camponeses se constituírem em, ou se afirmarem como, classe no capitalismo – como, de resto, em outros modos de produção, pré e pós capitalistas (COSTA e CARVALHO, 2012, p.114 apud GHIZELINI E ARAGUÃO, 2019, p. 105).

O campesinato brasileiro, portanto, apresenta algumas particularidades interessantes e essenciais de serem analisadas. A história do nosso país é marcada por lutas pela terra desde sua constituição enquanto nação. Assim que os colonizadores pisaram em nossas terras, se auto instituíram donos de territórios que eram ocupados por quem vivia aqui de forma diferente deles: os povos originários.

É a partir desse encontro que se inicia o processo de escravização indígena, a instauração da agricultura exportadora, por meio da implementação de engenhos para a plantação e comercialização da cana-de-açúcar. Para dar conta deste sistema, sequestrados do continente africano, milhões de africanos foram escravizados e trazidos como mercadoria para trabalharem nestas terras tomadas pela Coroa Portuguesa, por meio do trabalho escravo (STEDILE, 2011). Este é o início do que depois veio a ser considerado o Brasil e as disputas políticas, econômicas e sociais provenientes dele.

A fabricação quase que exclusiva de produtos agrícolas (açúcar, tabaco, cacau, café, algodão, gado bovino, pimenta-do-reino etc.) para o abastecimento do mercado europeu, foi denominado pelos historiadores de modelo agroexportador. A organização de tais unidades de produção agrícola foi chamada de *plantation*, termo inglês utilizado para designar um tipo de organização agrícola que consiste em grandes fazendas de área contínua (latifúndios) com a plantação de um único produto destinado a exportação (monoculturas) (STEDILE, 2011). No meio deste modelo agroexportador de recursos naturais, que perdura até hoje de forma atualizada, o campesinato brasileiro é elaborado.

Existiram alguns caminhos que levaram a formação deste campesinato: enquanto trabalhavam sob o regime escravagista, as pessoas escravizadas plantavam alimentos referentes a sua subsistência, principalmente as mulheres com suas hortas caseiras e medicinais (LIMA et al, 2019), tendo em vista que as plantações do engenho eram voltadas para a exportação e consistiam em monoculturas. Além disso, à medida que foram ocorrendo alforrias até a libertação da escravatura, quem não migrou para cidade, migrou para o interior do país, ocupando terras, que eram menos produtivas (por isso não tinham muitas pessoas nela), e vivendo do que plantavam. Com o fim da escravidão, a Coroa portuguesa atraiu camponeses pobres da Europa para trabalhar sob o formato de colonato²⁸ nas plantações (principalmente nas de café), grande parte se concentrou no Sul e no Sudeste. A partir disso, se constituiu efetivamente o campesinato brasileiro.

Com a industrialização tardia e dependente do país, iniciou o processo de modernização da agricultura conjuntamente. A partir disso, a agricultura exportadora ganha mais investimentos ainda, em detrimento da agricultura familiar, responsável pela produção da maior parte da alimentação do país. O advento da Revolução Verde, processo global, intensificou mais o cenário brasileiro e mudou a forma como vemos, compreendemos, produzimos e ingerimos o alimento. A comida que era vinculada a agricultura familiar, a terra, aos ciclos da natureza, passa a ser vinculada às fábricas e aos supermercados. Deixam de ser basicamente alimentos frescos, minimamente processados ou processados, para serem massivamente substituídos por produtos ultra processados que perduram meses, senão anos, em prateleiras e tem valor nutricional muito baixo.

Contextualizada no período da Guerra Fria, em meados do século XX, a Revolução Verde veio como símbolo determinante para a implementação do capitalismo global. No Brasil, ela aconteceu no período da Ditadura Militar (1964-1985) e veio como alternativa a Reforma Agrária, pois ela era uma “ameaça” comunista. Até hoje os movimentos sociais rurais lutam por uma Reforma Agrária efetiva, que leve em conta as necessidades dos trabalhadores rurais e do meio ambiente.

Sob a égide de que iria erradicar a fome no mundo, os países capitalistas erigiram uma argumentação política, social e econômica capaz de implementar este modelo, disseminando-o globalmente (ROSA, 1998). Suas características são: desenvolvimento

²⁸ Colonato é o nome que se dá a um sistema de exploração de grandes propriedades entre diversos colonos ou meeiros, que ficam incumbidos de cultivar uma determinada área e entregar parte da produção ao proprietário, conservando outra parte para seu próprio consumo.

de novas máquinas e técnicas de produção agrícola (tratores, sementes híbridas, fertilizantes e agrotóxicos sintéticos); intensificação da monocultura e aumento da produção em uma escala antes nunca vista, as custas da sustentabilidade do planeta. Doravante, este processo ficou conhecido por se tratar de uma “modernização agrícola conservadora” e tipo de agricultura resultante tornou-se convencional e hegemônica (GONÇALVES NETO, 1997).

Como consequência do pacote da modernização do campo oriunda da Revolução Verde, surge o Agronegócio. Ele manifesta-se como base para tratar a agricultura a partir de uma lógica mercantilista visando a produção em larga escala de poucos produtos para a comercialização internacional. Este sistema se instalou enquanto meio imprescindível para o desenvolvimento do mundo. O que acabou se mostrando um meio para o fortalecimento das grandes corporações em detrimento do pequeno produtor que não possui capacidade de produzir o mesmo que os grandes latifúndios.

Esta industrialização da agricultura, segundo seus defensores, seria encarregada da melhoria na qualidade de vida da população, por meio do provimento mundial de alimentos mais duráveis (que passam por técnicas de salinização, desidratação, enlatamento e congelamento). Estes tipos de alimentos tiveram sua origem na Segunda Guerra Mundial, quando cumpriam o papel de abastecer tropas militares que se encontravam em situações adversas e precisavam que seus mantimentos tivessem o máximo de praticidade e durabilidade possível. Passada a guerra, este setor industrial não queria deixar de vender seus produtos, assim, ampliam suas vendas para o resto da população, fomentando o agronegócio e “formando grandes cadeias de vendas em atacado e varejo, como os supermercados” (MENDONÇA, 2013, p. 92).

A expansão na América Latina se deu nos anos 60, sob a justificativa de que devido aos altos índices demográficos mundiais, uma parte do mundo não teria autonomia para produzir seus próprios alimentos, necessitando da intervenção das indústrias de alimentos estadunidenses para “salvá-los” desta situação. No Brasil, por sua vez, o agronegócio intensificou um cenário já existente, o dos grandes latifúndios que produzem poucas culturas agrícolas, utiliza mão de obra baratíssima e degrada o meio ambiente. Segundo Almeida:

Com isso, o latifúndio perde o foco, este que, num passado recente era no imaginário nacional uma espécie de *persona non grata*, o próprio MST o elegeu como inimigo central no “IV Congresso Nacional”, em 2000, por meio

do lema de luta da época: “Por um Brasil sem Latifúndio!”. O problema é que nesta pseudo transformação em borboleta, acaba-se por produzir uma espécie de blindagem do latifúndio esquecendo que o agronegócio, na essência, não difere deste, logo que sua base de sustentação continua sendo rentista, pois o orgulho da nação (em que se transformou o latifúndio travestido de agronegócio) se nutre de violência, de superexploração do trabalho, do fundo público, para assim se colocar como eficiente economicamente a partir da aliança terra-capital.

Isto é, o agronegócio aparece no Brasil repaginando um sistema antigo fundador destas nações. A modernização que ele propõe é uma maior exploração do meio ambiente para exaurir da terra mais lucros para suas corporações. A degradação ambiental na qual vivemos atualmente tem base no nosso modelo mundial de produção e consumo desenfreado, ávido por mais e mais lucro. Seja na produção alimentícia ou nas demais, o marketing em volta da necessidade insaciável de consumo parece nos deixar dormente para enxergarmos à proporção que esta degradação tem tomado.

Para que a produção seja maior, é necessário que o desmatamento seja maior, incluso nisso a invasão de terras indígenas, a fim de extrair matérias primas sem levar em conta o equilíbrio ambiental. Faz-se necessário também que se utilize mais agrotóxicos que envenenam nossas comidas, nossos corpos e a natureza, para produzir sem levar em conta os ciclos dela. Que existam sementes padronizadas com o objetivo de serem mais resistentes a pragas, sem necessariamente serem boas para consumo, pois são fabricadas em detrimento de enormes variedades das sementes crioulas que tínhamos e estão sendo perdidas nesse processo.

A justificativa de acabar com a fome no mundo se extingue ao analisar as cadeias de distribuição e comercialização, cerca de 1,3 bilhão de toneladas de alimentos são desperdiçados por ano, segundo Bojanic (2014, apud MELO, 2018), representante da FAO (Organização para a Alimentação e Agricultura) no Brasil. Esse número equivale a quantia de US\$ 750 bilhões a cada ano, sendo que a maior parte do desperdício (cerca de 54%) acontece na fase inicial de produção, que consiste no pós-colheita e na armazenagem, o restante (cerca de 46%) acontece na fase de processamento, distribuição e consumo. Isto é, “o planeta produz muito alimentos mais do que consome” (HELENE, 1994, p. 13). E uma consequência direta disto é a provocação (e intensificação) de diversos problemas ligados a produção em grande escala como o empobrecimento dos solos pelas monoculturas, aumento do uso de agrotóxicos, precarização das relações de

trabalho no campo, poluição das águas, entre outras questões. Desde então, temos um processo intenso de produção alimentar que aumentou consideravelmente a quantidade de alimentos que são disponíveis, mas não necessariamente a saúde da população.

Desta forma, o agronegócio contribui para depredar o meio ambiente, destruir as florestas, aumentar a fome e diminuir a autonomia dos países ditos do sul. Há uma pressão para que esses países estejam submetidos em uma logística internacional de mercado que os coloca como altamente dependentes. A variedade alimentícia e do solo brasileiro têm se esgotado, porque o enfoque tem sido em produzir soja, milho, café etc. como commodities para exportar, enquanto se passa a comprar os alimentos básicos da dieta em outros países que antes eram produzidos no Brasil²⁹ (ROS, 2011). A capacidade de uma nação de prover sua população com o que seu território oferece, de acordo com as suas práticas alimentares tradicionais, com participação de seu povo, com o fomento do trabalho coletivo e justo não é cabível no mundo do agronegócio.

Diante disso, é essencial estudar dentro da Antropologia a dimensão política das questões ecológicas. De acordo com Conrad Kottak, “o mundo de hoje está repleto de ações e atitudes neocoloniais; estranhos reivindicam ou assumem o controle local de ecossistemas, realizando ações que os residentes de longa data podem desprezar” (2006, p.3). Esta visão política da ecologia, permite o exame de práticas locais a partir de uma análise de como o global tem incidido sobre elas, com sua lógica de desenvolvimentismo capitalista que visa o ultra industrialismo, ultra “progresso” e consumo desenfreado (Barbour, 1973; Pepper 1984 apud Kottak, 2006).

2.2 A MODERNIZAÇÃO DA CULTURA ALIMENTAR

No seu processo de se relacionar com a comida, o ser humano criou o que poderia ser comido ou não a partir de sua organização social, do seu contato com o meio em que vive (tanto social quanto ambiental) e da sua cultura. Desta forma, comer é também um ato político, pois traduz relações de poder que são constantemente negociadas. Ao observar o surgimento da agricultura no mundo, percebe-se que se estabeleceu uma relação com a comida que ultrapassou o mero ato de se nutrir. É a transformação do ato

²⁹ Alimentos populares como feijão, arroz e até a banana, comumente plantados aqui, estão sendo comprados de países asiáticos e europeus.

de comer em complexas relações socioculturais. A partir de então, esta relação foi se tornando cada vez mais profunda.

Atualmente, a cultura alimentícia tem se modificado abruptamente. Saímos de um espaço no qual o ritmo de vida era mais ameno, para um ritmo de vida que foi se acelerando até chegarmos a um nível nunca visto. O capitalismo e modernidade exacerbaram a relação tempo/espaço que influenciou na relação da produção e do consumo da alimentação, sendo reflexo e refletindo na organização social.

Surgiu então, do século XX em diante, uma nova composição social, elaborada a partir do desenvolvimento de novas tecnologias e da urbanização, responsáveis por modificar os modos de produção e trabalho mundiais. Se pensarmos o Brasil diante deste cenário, vemos o êxodo rural e a implementação da industrialização pesada, o que fez surgir nacionalmente um novo padrão de desenvolvimento econômico (FONSECA et al, 2011).

Segundo Fosenca et al:

A relação com o tempo também se modificou profundamente, se caracterizando por um ritmo de vida acelerado. A incorporação de tecnologias facilita e economiza o tempo dedicado à realização de atividades cotidianas, por outro, a competitividade imposta pelo mercado e a fragilidade dos vínculos de trabalho levam a uma nova organização do tempo e à eleição de prioridades, restringindo o período dedicado à convivência familiar, sobretudo à alimentação. Esse reordenamento solicita uma revisão das atividades que irão ocupar o tempo de obrigação e o tempo de ócio. No Brasil, alguns estudos comprovam o aumento do consumo de alimentos pré-preparados e prontos e, também, o aumento de refeições realizadas fora de casa, o que sugere a redução da prática culinária intradomiciliar (FONSECA et al, 2011, p.7).

O comensal moderno é consequência de seu contexto, sendo este a aceleração do ritmo de vida, mudanças no mundo do trabalho - com a mulher adentrando esse mundo de trabalho -, a industrialização e ampliação da comercialização, que gera novas relações entre indivíduo e coletividade que incidem sobre as formas de produzir e consumir o alimento no mundo moderno. Isto tem acontecido em nível global.

A inserção da mulher no mercado de trabalho e a limitação da sua dedicação as tarefas domésticas são exemplos cruciais desta situação. Com os movimentos feministas dos anos 60 e 70, que incidiam sobre o mundo todo, uma parte das mulheres que eram designadas a dedicar todo seu tempo cuidando de todas as tarefas domésticas, principalmente cozinhar para todos que morassem em sua casa, tiveram que diminuir seu tempo dedicado a esses afazeres. Segundo Fonseca et al:

É possível afirmar que parte das evoluções ocorridas na indústria de alimentos foram impulsionadas por uma tendência social mundial, a qual Fischler chama de feminização da sociedade. Os movimentos sociais das décadas de 1960 e 1970, principalmente o movimento feminista, potencializaram esse fenômeno. Nos anos de 1980, essa tendência se afirmou de forma evidente com a feminização do mundo do trabalho. Essa tendência tem gerado mudanças marcantes na estrutura e nas relações familiares, além de repercutir de forma considerável no conjunto da sociedade. (FONSECA et al, 2011, p.3)

Isto, no entanto, não retirou as mulheres dos espaços domésticos, apenas aumentou sua carga de trabalho. Segundo os autores:

Apesar das conquistas alcançadas no que se refere à equidade entre os gêneros, a mudança na divisão das tarefas domésticas parece ter alterado pouco a vida cotidiana da mulher. A pesquisa Hábitos Alimentares na Sociedade Brasileira encontrou que, com a exceção do lanche, é responsabilidade da mulher o preparo das refeições, além da definição do cardápio, em cerca de 2/3 dos lares pesquisados. (FONSECA et al, 2011, p.3)

Como consequência deste novo cenário, a indústria se apropriou deste espaço doméstico criando produtos práticos para “facilitar a vida da mulher trabalhadora”. Criando assim, um novo estilo: o comensal moderno. Consoante Fonseca et al:

A fim de atender as demandas do comensal moderno, a indústria de alimentos vem se adaptando a essa nova configuração, na qual se verifica uma redução do tempo alimentar. Fischler é enfático ao afirmar que a alimentação se converteu em uma indústria e que os alimentos que comemos estão cada vez mais transformados por ela. A preparação culinária ou pré-culinária se desloca cada vez mais da cozinha para a fábrica: os novos alimentos-serviço incorporam trabalho e tempo, liberando o consumidor desta tarefa. A cozinha se industrializa, tal qual a agricultura e a transformação de seus produtos. Até pouco tempo, em muitos países, a agricultura local proporcionava uma boa

parte da alimentação cotidiana e o repertório culinário se construía a partir do leque de recursos disponíveis. Do exterior, vinha somente um número relativamente pequeno de produtos, na maioria das vezes, valorizados pela população receptora, seja porque só os consumia em casos especiais, ou porque permitiam modificar o sabor da culinária local, a exemplo das especiarias. (FONSECA et al, 2011, p.7)

A industrialização dos alimentos gerou proporções que precisam ser investigadas. Emilio Moran (2010), debate sobre o distanciamento entre a população e o meio ambiente nas sociedades modernas que marca suas relações ecológicas e sociais. Para ele, é necessário compreender como se chegou a esse ponto. Segundo o autor,

“Por outro lado, em culturas mais extensas, complexas e tecnologicamente avançadas, as instituições e a tecnologia criaram um distanciamento entre a população e seu ambiente. Os estudos sobre as sociedades modernas têm de investigar essas instituições e os processos de decisões que afetam a natureza e o homem.” (2010, p.78).

A alimentação é natureza, é fisiológico e é também cultura. O ser humano não só consome o que lhe é disponibilizado pelo meio ambiente, seleciona o que lhe convém comer a partir de suas preferências individuais e coletivas que não correspondem necessariamente ao que será melhor para sua saúde. Além disso, o ser humano criou ferramentas e técnicas para produzir seu próprio alimento e manuseá-lo, como a prática da agricultura (MONTANARI, 2013).

Regras de etiqueta, regras religiosas, classes sociais, divisão de gênero, de raça e de territorialidade ajudam a determinar o que cada grupo vai comer. O ato de cozinhar, pois, é capaz de imbricar os dois polos “opostos” da natureza e da cultura, compreendendo que não o são opostos e sim se relacionam na nossa experiência de mundo. Para compreender a vida e o alimento, o ser humano parte de sua relação com a natureza para transformá-lo. É uma conexão. Erroneamente se estabelece o ato de cozinhar como uma superação da natureza, mas é uma coexistência dela.

Trata-se do que Lévi-Strauss (1964) fala em sua celebre enunciação: a alimentação é capaz de nos fornecer dados acerca das nossas estruturas sociais. Em nossa sociedade, a alimentação é capaz de traduzir as relações de poder existentes. Através da análise de quem a produz, quem e como a consome, quem e como a prepara, quais seus

tipos etc. Todos estes emaranhados de vias levam à análise da alimentação e, portanto, da nossa sociedade.

2.3. A ALIMENTAÇÃO COMO SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA CULTURA/NATUREZA

O nutricionismo tem afastado os indivíduos do campo e da cidade de seus saberes alimentares tradicionais. Falo por nutricionismo a interpretação reducionista dos alimentos pelos nutrientes que o compõe e sua cooptação pela indústria e o marketing para vender seus produtos ultra processados. Segundo Scrins:

O nutricionismo - ou o reducionismo nutricional - é caracterizado por uma ênfase redutiva na composição nutricional dos alimentos como forma de identificar o quanto eles são saudáveis, e por uma interpretação redutora do papel de tais nutrientes na saúde corporal. Também é importante deixar claro que o nutricionismo e o reducionismo nutricional não se referem simplesmente ao estudo ou à compreensão dos alimentos com base em seus nutrientes isolados. Se fosse esse o caso, toda investigação científica sobre nutrientes e todos os conselhos nutricionais com base específica em nutrientes seriam necessariamente reducionistas. Não se trata disso, mas sim das formas como os nutrientes têm sido frequentemente estudados, interpretados e depois aplicados ao desenvolvimento de orientações alimentares, rotulagem nutricional, engenharia e marketing de alimentos, que os descrevem de maneira redutora. Isso sugere que existem outras formas (menos limitantes) de se desenvolver e aplicar o conhecimento nutricional. (SCRINS, 2021, p.25)

O alimento extrapola a simples combinação de seus nutrientes, a redução a um deles ou a sua valoração como “bons” ou ruins” para a saúde. Ainda de acordo com Scrins:

Os últimos 150 anos de pesquisas científicas evidenciam a imensa complexidade das relações entre os alimentos e a saúde corporal. Os alimentos são combinações de muitos nutrientes e componentes em várias quantidades e associações, interagindo entre si dentro do corpo, de maneira que os efeitos de um alimento para a saúde podem também depender de outros alimentos com os quais ele se combine numa refeição. (SCRINS, 2021, p.25)

A sabedoria sobre o que comer provinha tradicionalmente das mulheres. Na sociedade contemporânea, isto tem passado a ser responsabilidade da ciência, da

medicina e da nutrição. A própria criação do nutricionismo é decorrente desde movimento (SCRINIS, 2021).

Não se trata de demonizar a nutrição e a ciência enquanto formuladores de conhecimento sobre os alimentos e enaltecer cegamente os saberes tradicionais. Trata-se de compreender como este processo tem sido cooptado, como uma grande parte da ciência não têm analisado o próprio processo de construção das pesquisas e seu olhar reducionista, e a influência disso na alimentação contemporânea. Consoante Scrins:

A questão não é invalidar as informações valiosas que a ciência produziu sobre as relações entre os nutrientes, os alimentos e o corpo, mas perceber que essas informações foram frequentemente interpretadas de forma reducionista e traduzidas em diretrizes dietéticas igualmente reducionistas, em um processo de descontextualização, simplificação e exagero do papel dos nutrientes como determinantes da saúde corporal. Também é importante deixar claro que o nutricionismo e o reducionismo nutricional não se referem simplesmente ao estudo ou à compreensão dos alimentos com base em seus nutrientes isolados [...] mas sim das formas como os nutrientes têm sido frequentemente estudados, interpretados e depois aplicados ao desenvolvimento de orientações alimentares, rotulagem nutricional, engenharia e marketing de alimentos, que os descrevem de maneira redutora. Isso sugere que existem outras formas (menos limitantes) de se desenvolver e aplicar o conhecimento nutricional. (SCRINS, 2021, p.29)

Este processo é consequência do sistema no qual é inserido. O capitalismo racionaliza as práticas humanas, elencando a ciência como fonte primordial de conhecimento, deixando os saberes tradicionais de lado, principalmente os saberes femininos. O espaço do público, racional e científico é visto como masculino e o do doméstico, tradicional e “ultrapassado” como feminino (FEDERICI, 2017). O movimento é, portanto, o de uniformizar a diversidade de formas de ser humano, que deve se nutrir intelectualmente das fontes científicas que trazem a “verdade”.

De acordo com Scrins:

[...] especialistas em nutrição têm frequentemente elevado sua compreensão limitada (e muitas vezes bastante preliminar) dos nutrientes ao status de certezas ou verdades nutricionais [...] essa arrogância nutricional foi estendida à distribuição de conselhos dietéticos definitivos para reduzir o risco de enfermidades crônicas, como doenças cardíacas, câncer e diabetes. Mais recentemente, especialistas em nutrição afirmam ser possível identificar os

nutrientes e os alimentos capazes não só de manter uma boa saúde como também de otimizá-la, melhorando funções corporais específicas. Esse mito da precisão nutricional envolve uma representação exagerada da compreensão dos cientistas sobre a relação entre os nutrientes, os alimentos e o corpo. Ao mesmo tempo, as discordâncias e as incertezas que existem na comunidade científica tendem a ser ocultadas ou não totalmente apresentadas ao público leigo. Uma característica-chave do reducionismo nutricional é a sistemática descontextualização da compreensão sobre os nutrientes. (SCRINS, 2021, p.30)

Este comportamento do nutricionismo se estende também a outras ciências. Há uma tendência basilar, inclusive na Antropologia, de enaltecer as práticas científicas em detrimento dos conhecimentos tradicionais, pois estes estariam mais próximos da natureza. Jacque aponta que:

Ingold (2000) considera que a divisão entre humanos e natureza no pensamento ocidental deve-se à emergência de uma razão universal abstrata, cujo pleno desenvolvimento ainda demarcaria as fronteiras entre modernidade e tradição, diferenciando os “ocidentais esclarecidos” dos “outros”, “nativos” ou “indígenas”. (JAQUES, 2010, p. 10)

De acordo com Pino, esta visão exclui aspectos do ser humano que “são inatos ou determinados pela genética. Em outros termos, natureza e cultura representam campos distintos que se contrapõem, sendo este último o definidor da especificidade do humano” (PINO, 2005: 71).

Assim, separa-se a humanidade e suas relações culturais, da sua relação com a natureza. A cultura é fundamentada como a capacidade do ser humano ultrapassar o instinto. Esta visão separa a mente do corpo e o humano da natureza. E tende a esquecer que nossas práticas culturais existem a partir da intermediação que fazemos com o meio ambiente no qual estamos inseridos. Isto é, a dicotomia natureza/cultura não existe, pois, a natureza também faz parte da nossa percepção de mundo (INGOLD, 2012).

Ingold, portanto, manifesta a aspiração de ir além da dicotomia, ele propõe estudar os organismos sem desconectá-los abstratamente de seus ambientes:

Aquilo que estamos acostumados a pensar como um ambiente pode ser mais bem compreendido como uma zona de interpenetração. No âmbito desta zona, os organismos crescem para tomar a forma que tomam, incorporando as linhas

de vida de outros organismos ao fazê-lo. Todo organismo é um local de infestação, ele mesmo um vasto ecossistema (INGOLD, 2000, p.11).

Para o autor, não existem dois corpos, no qual um condiz com o aspecto biológico e outro com o aspecto cultural. Esta divisão acaba por nebulizar a nossa compreensão sobre as formas da vida e da existência dos seres. Seria correto, em contrapartida, enxergar o organismo e seu ambiente como um todo, como uma totalidade indivisível. (INGOLD, 2000)

Nossa visão de mundo, nossas relações e nossas conexões acontecem a partir do meio no qual estamos inseridos, porque vivemos nele, que também se movimenta e tem influência sobre nós. Ingold (2012) diz que a vida é composta por vida, não apenas o ser humano se modifica, se cria e se reinventa, mas as coisas ao nosso redor também. O conhecimento, portanto, se realiza através da experiência, do que pode ser vivido. Portanto, só se vive com a natureza, pois o ser humano e ela vão moldando a existência da vida.

Esta dicotomia cultura/natureza é expressa na separação do corpo e da mente que o nutricionismo, o capitalismo e o agronegócio intensificam. As pessoas têm se desconectado mais de seus corpos, se perguntado menos o que é melhor para eles, o que eles querem, respeitando menos seu tempo de funcionamento, de descanso e de nutrição.

Há um processo de esquecimento de que os seres humanos são agentes biológicos, indivíduo e coletivamente. Inclusive, as nossas invenções tecnológicas e cultural causam impacto no nosso próprio corpo e planeta. É o chamado antropoceno, onde as atividades humanas são os principais fatores para as mudanças climáticas (e aqui também podemos incluir as mudanças alimentares) que vêm acontecendo (CHAKRABARTY, 2013).

A alimentação é um caminho para construir um olhar além desta dicotomia, ao compreender que os alimentos são mais do que meros nutrientes, são relações sociais, ecossistemas, sustentabilidade, respeito a todos os seres humanos, prazer, cultura e natureza. Segundo Matioli e Peres:

Algumas reflexões, especialmente no campo das ciências sociais, analisam como o afastamento em relação aos alimentos representa um dos elementos de ruptura do nó fundamental entre a humanidade e a natureza. A partir daí, fingimos não pertencer a ela e, portanto, não precisamos pensar em sua finitude e, conseqüentemente, em nossa própria morte. (2020, p. 15)

Compreender o processo de se nutrir contemporâneo e global, que tem se alastrado numa tentativa de uniformizar a alimentação do planeta, e como grupos locais tem resistido a ele a partir da produção de alimentos agroecológicos, é essencial. Antes do *boom* da industrialização alimentícia, o uso de agrotóxicos e as modificações científicas não existiam, a comida era vista como comida, não existia comida *Light* ou *Diet* ou orgânica. A percepção do ser humano com seu ambiente, lhe proporcionava compreender o que comer, sem que existisse especialistas para isso, e ocorria de acordo com a cultura de cada grupo étnico. Não quer dizer que as pesquisas sobre a alimentação sejam ruins, ou que os saberes tradicionais sejam completamente corretos. Contudo, a forma como o nutricionismo geralmente tem sido executado, sim. Além de reduzir uma complexa relação entre o alimento, o solo, o corpo humano, a energia solar, a organização social e a própria combinação entre os alimentos em si, a ciência nutricional não admite suas dúvidas e se coloca como a “verdade”.

Ao fazer um movimento inverso ao que tinha antes, deixando os saberes tradicionais de lado e contando apenas com as análises científicas sobre o que comer, esquecemos enquanto sociedade que a ciência não é neutra. Ela precede disputas políticas que a situam em determinados contextos que vão ser geridos de acordo com os interesses de quem conseguir angariar melhor a ciência. Ao invés de ser aliada aos saberes e práticas tradicionais a fim de ampliar o conhecimento sobre a alimentação (pois as práticas tradicionais também são regidas por disputas políticas), para melhor oferecer aos seres humanos autoconhecimento sobre nosso corpo, nossa dieta, nosso modo de vida e nos dar autonomia, o que o nutricionismo tem feito é o contrário. Financiamento de pesquisas que ajam em prol dos interesses das grandes corporações, gratificação a formadores de opinião, falta de fiscalização real do estado e autorregulação das empresas, marketing direcionado às ações de responsabilidade social são estratégias amplamente usadas com maestria pela indústria alimentícia (NESTLE, 2019).

Assim o nutricionismo e o marketing da indústria da alimentação (POLLAN, 2008) têm moldado nosso conhecimento sobre o que comer, nos deixando a mercê deles. Se não temos autoconhecimento sobre o que comemos, ficamos a margem de diversas pesquisas elaboradas pelas próprias corporações que vão mudando seu alvo de acordo com o que vender mais em cada momento.

De acordo com Pollan (2008) atualmente, encontramos-nos, enquanto sociedade, em um estado de confusão e ansiedade nutricional, devido a estas disputas acerca do que é certo ou não comer, do que é ou não saudável. Os conselhos dietéticos dos nutricionistas têm mais confundido do que esclarecido os leigos. Além de focarem apenas em nutrientes, negligenciam os processamentos dos alimentos e sua modificação pela indústria, que é apontado por Scrins (2021) como uma das vias reais para compreender a alimentação na sociedade e sua incidência sobre a saúde da população.

Os agricultores da Ecovárzea, por sua vez, sabem de onde vem cada alimento comercializado. Eles podem ter se familiarizado com a agroecologia enquanto ciência somente após a constituição da Associação, no entanto, a agroecologia enquanto prática, mesmo tendo trabalho nas fazendas de cana-de-açúcar, já existia entre eles (ALANE, 2015). As mulheres em sua maioria sempre plantaram hortas em suas casas, na quais colhem a comida que preparam, estabelecendo uma relação mais equilibrada com a natureza.

A Ecovárzea surgiu como alternativa aos agricultores para comercializar seus produtos sem depender da cadeia injusta de comercialização que leva até o supermercado os produtos (que em sua maioria são alimentos com agrotóxicos) para poderem ser vendidos e que dentro dessa cadeia os com menor poder, os que estão embaixo na pirâmide, os agricultores, acabam recebendo muito pouco ou as vezes nem recebendo.

O surgimento dos supermercados faz parte do grande processo da modernização agrícola e do estilo de vida moderno que influenciaram completamente nossa forma de vislumbrar os alimentos. Agrupou diversos itens alimentícios e produtos ligados ao espaço doméstico em um só espaço, facilitando o acesso a eles. No entanto, a feira, os feirantes, a conversa com quem produz ou quem está mais perto do alimento, a pechincha por um preço menor, o frescor dos alimentos, perderam-se neste espaço. Houve também uma mudança na nossa forma de consumir, pois o alimento fresco não é mais o alvo. Refrigerantes, salgadinhos, biscoitos, iogurtes, macarrão instantâneos e “sucos” de caixinha compõe a maior parte das ofertas do varejo e grande parte do consumo da sociedade. Com a implementação destes galpões fechados, milimetricamente pensados para atrair nossa atenção para comprar mais e mais, os alimentos disponíveis, nosso consumo e nossa consciência sobre a comida mudaram.

Atualmente, todos os dias 28 milhões de pessoas entram pelo menos uma vez em uma loja de varejo alimentar no Brasil, segundo a Abras (Associação Brasileira de Supermercados), e 87% dos alimentos consumidos no Brasil provém dos supermercados, com a maior concentração nas mãos de grandes duas corporações: Grupo Pão de Açúcar e Carrefour (MATIOLI; PERES, 2020). Compreender este processo é elementar para compreender como a Ecovárzea existe no cenário atual da produção e comercialização da alimentação, mas também como propõe uma outra forma de lidar com a comida.

Por trás do espaço do supermercado existe um processo intenso de exploração de sistemas produtivos dependentes das leis e regras desses conglomerados que visam o lucro e promovem a degradação do planeta. De acordo com Matioli e Peres:

Com o termo “supermercadismo” descrevemos um modelo de consumo que tem o supermercado como espaço simbólico e prática, mas não só. Trata-se de um sistema ideológico de valores forjado a partir da segunda metade do século passado que acaba por influenciar outras modalidades de varejo alimentar, como feiras, açougues e mercadinhos. E que acaba por influenciar relações e condutas sociais, como o próprio papel do consumo em nossas vidas, a frequência e aquilo que comemos. (2020, p. 18)

Como as feiras conseguem minimamente concorrer com os supermercados? Se levarmos em consideração que existiram, no processo de implementação dos supermercados, campanhas para impedir as feiras de acontecer, dizendo que elas eram ultrapassadas e que o Brasil precisava se modernizar, óbvio, com os supermercados (MATIOLI; PERES, 2020). Como os pequenos agricultores vão competir na comercialização se nosso consumo maior é nos supermercados? A existência das feiras por si só já infere uma certa resistência.

Levando em consideração que nesta crise pandêmica do Coronavírus que estamos vivendo, que a contaminação acontece por aglomeração e contato direto entre as pessoas, o Estado fecha todas as feiras e mercadinhos (sem nenhuma alternativa para os agricultores e pequenos comerciantes se manterem) e deixam os supermercados como único local de comercialização. Um local fechado, sem ventilação (diferente das feiras que geralmente são ao ar livre), sem fiscalização trabalhista devida. As consequências são, portanto, diversas contaminações nestes locais, com trabalhadores sendo substituídos como se fossem mercadorias, sem direitos assegurados, sem acesso a saúde, trabalhos extenuantes sem precauções básicas contra o vírus e, o mais alarmante, os altos índices

de faturamento dos maiores supermercados do Brasil que fecharam o primeiro ano da pandemia com muito lucro enquanto o país voltava ao mapa da fome (MATIOLI; PERES, 2020).

Segundo reportagem do site O Joio e o Trigo, a somatória de todas as operações do grupo Carrefour (Atacadão, Carrefour Varejo e Banco Carrefour) gerou o lucro líquido de R\$ 2,75 bilhões (43% mais do que o obtido em 2019). O Grupo Pão de Açúcar, por sua vez, finalizou o ano de 2020 com receita de R\$ 31 bilhões em suas atividades no Brasil (8% a mais do que a obtido no ano anterior). O rendimento das suas vendas online triplicou de tamanho comparado a 2019 e atingiu R\$ 1,1 bilhão.

Em contraposição a isso, a feira da Ecovárzea foi fechada nos primeiros meses da pandemia. A saída foi o estabelecimento das vendas pelo site que fizeram com que os agricultores não falissem. Porém, foi e é um desafio para eles se colocarem neste espaço, comercializarem online e terem pessoas exclusivamente responsáveis para lidar com esta gestão.

Supermercado e agronegócio atuam com o mesmo propósito, um não existiria sem o outro, uma vez que os supermercados se tornaram a vitrine de uma agricultura industrializada, com alimentos produzidos a partir de commodities (soja, milho e trigo) adicionando muito óleo, produtos químicos para mascarar o gosto e muito açúcar (muito mesmo). Disseminando a ideia de alimento saudável, que será ratificada pela ciência do nutricionismo e disseminada pelo marketing da indústria da alimentação que, por exemplo, coloca no noticiário logo cedo que o Nescau Cereal é imprescindível para a criança ficar muito forte que nem um tigre, mais ainda do que o alimento natural e local (plantado e colhido bem próximo).

2.4. AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA QUE RESPEITA TODAS AS VIDAS

O sistema alimentar hegemônico tem promovido graves problemas de ordem alimentar, social, ambiental e econômica. Com a alta inserção alimentos ultraprocessados, e a desvalorização do alimento in natura, devido a um processo de desinformação patrocinado pelas grandes corporações alimentícias internacionais (aliadas ao agronegócio e ao supermercado) que nos influenciam a consumir muito açúcar, gordura, corante e produtos químicos inimagináveis, tem surgido diversos problemas de saúde como diabetes, pressão alta, distúrbios alimentares e obesidade podem ser vistos

como consequência desse processo. Além disso, contribuem para o fim da diversidade alimentar através do avanço dos monocultivos, da concentração de terra, dos insumos químicos, da artificialização, da perda de espaço para pequenos agricultores (VAN DER PLOEG, 2008 apud LIMA et al, 2019).

A Soberania Alimentar, por sua vez, é uma resposta contra este sistema vigente, tendo como objetivo a garantia efetiva, local e justa da população ao Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA)³⁰. Entende-se por Soberania Alimentar, segundo o Fórum Mundial Sobre Soberania Alimentar (2001):

“o direito dos povos a definir suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e de gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um espaço fundamental”. (apud VALENTE, 2002. Pag.9)

Faz-se necessário que nossa população não só tenha acesso a comida, mas tenha acesso a uma comida de qualidade, que propicia o bem viver de toda essa população. Comida de qualidade, portanto, é “aquela que erradica a fome e promove alimentação saudável, conserva a natureza, promove saúde e paz entre os povos” (LIMA et al, 2019). É uma comida baseada na defesa de um sistema alimentar justo, solidário, equitativo, saudável e sustentável.

A soberania alimentar, pois, está no fato do país fomentar seus recursos e sua população para consumir e produzir alimentos provenientes de sua cultura, que respeitem a diversidade cultural e ambiental deste território, que nutra de saberes de vida de quem consome, que faça sentido, que não promova a desigualdade social, de gênero e de raça, que respeite os outros seres vivos, que seja sustentável para que todos possam viver plenamente e que propicie autonomia.

Tudo isto é resultante de políticas que sejam voltadas para fomentar os alimentos produzidos localmente, pelas pessoas que vivem na terra e se relacionem com ela. Assim

³⁰ Este direito está previsto nos artigos 6º e 227º da Constituição Federal e consiste no direito de cada pessoa ter o acesso físico e econômico, ininterruptamente, à alimentação adequada ou aos meios para obter estes alimentos, sem comprometer os recursos para obter outros direitos fundamentais, como saúde e educação. O direito humano à alimentação adequada significa tanto que as pessoas estão livres da fome e da desnutrição, mas também têm acesso a uma alimentação adequada e saudável.

como a Ecovárzea. Não basta que um alimento não tenha agrotóxicos, é necessário que ele seja agroecológico. Que ele potencialize os agricultores de seus territórios. A vida de um alimento vai se perder à medida que ele se distancia do local que foi plantado, além do maior uso de combustíveis para o grande deslocamento que ele percorre e sua consequente influencia na degradação do meio ambiente. Porque então, ao invés de um alimento fresco que proporciona autonomia a uma família agricultora perto de nós, compramos alimentos que viajam dias e mais dias e que precisam ser embelezados para parecerem frescos? (MATIOLI; PERES, 2020).

A Ecovárzea se apresenta a partir do pressuposto da soberania alimentar. Por meio desta associação, houve um resgate das terras que pertenciam ao latifúndio e que estavam improdutivas. Houve uma divisão para diversas famílias poderem trabalhar e viver do seu trabalho. Houve a implementação de uma agricultura que respeita a sustentabilidade do meio ambiente e todos os seres vivos, com práticas agroecológicas. É uma comercialização que acontece localmente, isto é, próximo de onde as pessoas produzem. Quem compra produtos na feira da Ecovárzea sabe de onde vem. Existe a produção nas parcelas das famílias, com uma dinâmica familiar de divisão de tarefas e autonomia. Depois há um encontro coletivo para estabelecer a comercialização e a continuidade desta produção. E depois a comercialização. Tudo próximo. Sapé se localiza a uma hora de João Pessoa, os alimentos são colhidos no decorrer da semana, o mais próximo que dá do dia da feira, é levado para a UFPB e comercializado. Tudo fresco, tudo sabendo de onde vem, agroecológico, local, sustentável e que promove a soberania alimentar.

Soberania é, pois, participar deste processo, estar consciente, ter autonomia sobre a alimentação de um país, indo de encontro a perspectiva dominante de uma alimentação industrializada, produzida por fábricas distantes, com alimentos que não são comidas de verdade e destruindo a nossa saúde e o meio ambiente. É a reivindicação de estabelecer um sistema agroalimentar democrático e autogestionado pelo povo e não por umas poucas empresas multinacionais. Segundo Valente,

O desenvolvimento local, no contexto da busca de modos-de-vida sustentáveis, é um dos muitos caminhos alternativos em direção à construção de um novo paradigma para a humanidade. É no local onde as pessoas vivem. É no local, que vivem os meninos na e da rua. É no local onde existem pessoas desempregadas, vivendo e sendo sustentadas por suas famílias, sem teto, sem terra e sem comida. É no local, onde os desnutridos e todos os excluídos podem deixar de ser estatísticas e recuperar seus rostos e seus nomes. É no local que

decisões imediatas, sejam individuais ou coletivas, podem salvar ou mudar as vidas de um indivíduo, de uma família e mesmo de uma comunidade. (2002, p. 13)

Respeitar a biodiversidade e a vida são premissas da Soberania Alimentar e da Agroecologia. Essas duas vertentes se complementam, pois para se fazer agroecologia necessita-se que a sociedade tenha soberania alimentar e para se ter soberania é necessário olhar a agricultura para além do aspecto econômico. Assim como foi falado por Luizinho, a agroecologia é sobre respeitar todas as vidas. Alane, camponesa da Ecovárzea e presidente do memorial das Ligas camponesas, diz que a agroecologia é lutar por um mundo justo, e é um processo que vem sendo construído. Alane aponta que:

Para a gente, lutar por um mundo justo é agroecologia. É lutar por qualidade de vida, é lutar por tudo aquilo que oprime, que mata, que explora as vidas, seja a vida humana, a vida vegetal e a vida animal. É a luta pela continuidade na terra com qualidade de vida.

Enquanto ciência, a agroecologia surgiu em 1970, mas já tinha seus princípios delineados desde a década de 30 (CANDIOTTO, 2020). Antes da formulação do conceito de agroecologia, já existiam perspectivas voltadas a reformular a agricultura convencional. Exemplos como o “desenvolvimento rural sustentável” tinham em vista melhorar a vida da população do campo e potencializar seus recursos. Assim, a agroecologia supera a agricultura convencional e reformula a agricultura sustentável, se diferenciando desta última ao destacar os âmbitos sociais e culturais da agricultura (AZEVEDO; NETTO, 2015 apud BOAVENTURA et al, 2018).

Desta forma, o que o agricultor tem para dizer é incorporado como elemento essencial na agroecologia. A experiência individual e coletiva, os “erros e acertos” que os agricultores acumulam antes mesmo da ciência existir é valorizado.

Outra diferenciação é necessária ser feita. A agroecologia, assim como a agricultura familiar, trabalha com o aspecto humano da agricultura e os saberes culturais dos povos. Contudo, se diferencia desta no que tange a inserção da agricultura familiar em uma lógica capitalista de mercado, no qual o uso de agrotóxicos, sementes modificadas e erosão do solo são recorrentes, pois sem isso é difícil individualmente os agricultores competir no mercado. Sendo assim, neste caso, o aspecto ambiental e ecológico é o que difere a agricultura familiar da agroecologia.

O conceito de agroecologia é, portanto, segundo Gliessman:

a integração de pesquisas, educação, ação e mudanças que propiciam sustentabilidade para todas as partes do sistema alimentar: ecológica, econômica e social. Ela é transdisciplinar, pois valoriza diferentes formas de conhecimentos e experiências direcionadas para a transformação do sistema alimentar. Ela é participativa, pois requer envolvimento de todos os sujeitos, de agricultores até consumidores. Ela é orientada por ações, pois confronta estruturas econômicas e políticas do atual sistema alimentar através de estruturas sociais e ações políticas alternativas. Sua abordagem é baseada no pensamento ecológico, onde uma compreensão holística sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares em vários níveis se faz necessária. (2018, p. 599).

A ciência é incorporada à agroecologia para se unir às práticas tradicionais, a fim de resgatá-las, valorizá-las, aprimorá-las e auxiliar na construção de uma alternativa ao modelo agrícola atual, cunhando uma perspectiva científica nova:

[...] os conhecimentos que promovem esta mudança de paradigma, sobre o próprio sentido do saber agroecológico. Porque, mais que poder instrumental, no concerto destes saberes se joga o renascimento do ser: da natureza, da produção, do agrônomo, do cientista, do técnico, do camponês e do indígena; a reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável (LEFF, Enrique, 2002, p.1).

Isto é, a agroecologia consiste nas “bases científicas para uma agricultura alternativa” (ALTIERI, 1987 apud LEFF, 2002, p.16). Esta ciência, que tem suas práticas cunhadas há muito tempo na sabedoria popular histórica, tem caráter multidisciplinar. Ela não é, portanto, apenas uma ciência, pois além de técnica de plantio e produção, ela lida com as relações sociais, culturais, educacionais, políticas e ecológicas do mundo. Seu caráter multidisciplinar é o que a destaca frente a outras ciências. Segundo Leff:

A Agroecologia surge como um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes que incorporam princípios ecológicos e valores culturais às práticas agrícolas que, com o tempo, foram desecologizadas e desculturalizadas pela capitalização e tecnificação da agricultura. A Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma hibridação de ciências e técnicas, para potencializar as capacidades dos agricultores; a uma interdisciplinaridade, para articular os conhecimentos ecológicos e antropológicos, econômicos e tecnológicos, que confluem na dinâmica dos agroecossistemas. (2002, p.7)

É importante destacar que a agroecologia se propõe a construir um modelo de agricultura e de mundo novos. Isto quer dizer que ela não se coloca enquanto um projeto encerrado em si mesmo. Na verdade, compreende que se trata de um processo e isso demonstra que suas perspectivas têm sido formuladas e reformuladas a todo momento pelos sujeitos que a compõe. Assim como Alane (camponesa da Ecovárzea) falou, a agroecologia está acontecendo. Ou seja, ela não é uma definição fechada e nem se interessa em ser. Seu foco é a luta por um mundo justo que respeite todas as vidas.

Enquanto alternativa ao sistema alimentar global, a agroecologia reflete um novo paradigma técnico, científico e social que articula aspectos agrícolas, ecológicos, socioeconômicos e o diálogo de saberes (LIMA et al, 2019). A carta política do IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), efetuado no ano de 2018 em Belo Horizonte, aponta para esta questão:

Os sistemas alimentares que queremos são aqueles que produzem comida de verdade no campo e na cidade, que valorizam a agrobiodiversidade, os alimentos in natura e regionais, com o protagonismo das mulheres, o respeito à ancestralidade negra, indígena e às tradições de todos os povos e comunidades tradicionais, além do resgate das identidades, memórias e culturas alimentares próprias da população brasileira. Comida de verdade não mata nem por veneno, nem por conflito. (ANA, 2018, p. 11).

Desta forma, a agroecologia pode ser vista tanto como ciência quanto como prática e movimento social (VAN DER PLOEG 2011 apud CANDIOTTO, 2020). Estas características fazem com que a agroecologia ultrapasse a categoria do orgânico, o que está em jogo não é apenas não produzir com agrotóxico, mas combater as injustiças, respeitar toda a diversidade e meio ambiente e transformar esse mundo. O capitalismo transformou a alimentação em uma das maiores mercadorias da atualidade. O Walmart, grande corporação de varejo alimentício, é a maior empresa de faturamento do planeta (MATIOLI; PERES, 2020), exatamente porque o lucro está acima da preocupação com a saúde e o meio ambiente. A agroecologia, contudo, contesta a ordem capitalista vigente, mesmo estando inserida em um meio de comercialização, através das feiras, pois vê esta como mais uma etapa da sustentabilidade dos seres vivos e sua autonomia, não como um fim.

Os saberes agroecológicos, de acordo com Leff, são, portanto, “uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições

ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população” (2002, p.2). Isto é, a agroecologia se interessa pela especificidade de cada região, pois cada uma possui clima e um bioma e isso influencia nas formas como os agricultores manejam este ambiente. Além disso, cada local também possui sua cultura e organização política e social. Diante disto, compreender estas peculiaridades dos locais também fazem parte da lógica agroecológica. Este é mais um aspecto que vai de encontro a tendência homogeneizadora do sistema alimentar vigente, pois este investe em alta tecnologia para que alimentos sejam produzidos em abundância mesmo fora da sua sazonalidade.

Outro aspecto importante quanto a perspectiva local da agroecologia, é a aproximação, no momento de comercialização, do produtor com o consumidor. Aquele que se relaciona diretamente com a terra dialoga com quem irá consumir o alimento. Isto visa aproximar extremos do sistema alimentar, que é o oposto do que o capitalismo propõe distanciando estes polos. Ao ir à feira da Ecovárzea, conversar com os agricultores, que também estão comercializando, os consumidores estabelecem esse laço que os une em uma perspectiva de promover a Soberania e Segurança alimentar. Soberania por ser um alimento local que traz a autonomia para quem está no campo e para quem vai consumir, que gera a consciência e segurança pela qualidade da alimentação.

No entanto, a agroecologia tem como objetivo não se findar apenas à comercialização, pois acabaria reforçando lógicas econômicas capitalistas. O que é se torna um dos grandes desafios, tendo em vista que estando em um modelo capitalista, a comercialização se torna um ponto latente. Sendo o meio de estabelecer a agroecologia enquanto via possível, mas também um empecilho caso o foco se detenha nela. Assim, a finalidade é não se findar na via economia da agroecologia, uma vez que as práticas comerciais fazem parte, no entanto, as trocas de saberes e a capacidade dos agricultores de produzir seus próprios alimentos ultrapassam esta lógica.

Há uma tentativa de cooptação por meio do próprio capitalismo da agroecologia, na tentativa de trazer este debate que tem acontecido nos últimos anos como nicho de mercado, através do capitalismo verde. Produtos orgânicos são os representantes dessa tentativa, por isso é extremamente importante pontuar que a agroecologia se difere da produção orgânica, ela a supera. Não basta se pensar a agroecologia por uma questão técnica, de não utilização de insumos químicos e venenos. Ela se traduz no respeito a todas as vidas.

Renato, agricultor jovem da Ecovárzea, pontua esta questão:

O orgânico presa só para não usar insumos, mas pode degradar uma terra, por conta do uso repetitivo da mesma cultura do mesmo local. Pode acabar devastando uma área de mata ciliar, isso não é agroecológico. O agroecológico além de ser orgânico presa pelo meio ambiente e por todas as vidas. Acredito que seja a maneira mais harmônica do ser humano conviver com a natureza.

Contudo, vale ressaltar que há uma limitação nesta oposição agroecológica na prática, pois mesmo sendo uma construção que se coloca enquanto oposição ao capitalismo, este é o sistema vigente no mundo. Qualquer perspectiva contrária ao capitalismo tem que compreender que sua crítica é feita dentro do sistema, estando sujeito a reproduzir, na prática, algumas lógicas e contradições deste sistema. Porém, isso não anula o caráter de resistência da agroecologia, muito menos seu percurso. Faz parte da sua trajetória e lhe permite criar ferramentas para lidar com essas questões.

Uma dessas ferramentas é a conscientização acerca das desigualdades sociais. Estar ciente do contexto no qual se insere permite que se lute contra isso. Segundo Prévost, “para Guzmán, a equidade na agroecologia é uma questão de ‘consciência agroecológica’ que se baseia na consciência de classe, gênero e identidade resultante das formas da ação coletiva da sociedade civil” (SEVILLA GUZMÁN, 2011 apud PRÉVOST, 2019, p. 26).

2.5 AS MULHERES CAMPONESAS NA AGROECOLOGIA

Diante do tema da Agroecologia, é imprescindível pontuar a importância das mulheres camponesas na construção deste processo. Geralmente são as mulheres que estabelecem práticas agroecológicas, por meio dos seus quintais (hortas, pequenos animais, manejo das sementes, plantas medicinais), e iniciam esta transição no seu meio, pois, muitas vezes, são elas as responsáveis pela alimentação e se preocupam com a questão da saúde de sua família, com a conservação da biodiversidade e a resistência ao agronegócio (LIMA et al, 2019). Fica evidente tal questão quando se visualiza o forte envolvimento das mulheres agroecológicas nas lutas em defesa dos territórios, das sementes e nas campanhas de enfrentamento ao agronegócio.

Na Associação, há um grupo que produz produtos naturais, composto somente por mulheres que desde 2016. Elas fabricam produtos que resgatam o saber medicinal das plantas, que foi sendo deixado de lado pelo cientificismo, principalmente com o

capitalismo. Acompanhadas por uma médica referência nesse assunto, junto com saberes que já possuem, essas mulheres reelaboram o papel que lhe é incumbido de cuidado, passando a valorizá-lo, uma vez que é vendido. Destarte, elas transformam a alimentação em cura.

Por ter essa ligação direta com a alimentação, as mulheres acabam estabelecendo uma conexão com a prática agroecológica, que é pauta no próprio movimento para que este reconhecimento seja evidenciado, pois muitas vezes se pensa o espaço da família como núcleo produtivo no campo sem discutir as relações de poder que geram as desigualdades de gênero nesse espaço.

A Ecovárzea possui muitas agricultoras mulheres, que sempre plantaram sua horta e tiveram em seu quintal este contato com o alimento. Jácia, atual presidente da Ecovárzea, produz juntamente com sua mãe. Segundo ela, desde sempre sua mãe é agricultora, sozinha, plantando em sua horta, capinando juntamente com seu marido, cuidando de seus animais, suas galinhas. Elas agora estão fazendo sua casa de farinha, construindo do zero, por elas mesmas, para poder comercializar a farinha de mandioca.

Seu marido, no entanto, não quer se envolver nesse processo, ele não se identifica e tem uma visão negativa do campo. Ele não gostava que ela estivesse nesse meio, queria proibi-la de estar na Associação e vender na feira. Para ela foi uma discussão árdua com ele que teve que enfrentar para estar ocupando este espaço. A história dela não é uma exceção, é uma regra. Agora ele entende que é o espaço dela e mesmo não concordando, teve que lidar.

É preciso que o debate de gênero seja pleno quando se trata de compreender a agroecologia. Quando não se discute isso, oculta-se a própria prática agroecológica. pois somos nós mulheres, principalmente no meio rural, que garantimos a segurança alimentar, preservamos o rico patrimônio alimentar do nosso território, lutamos por ele, pela sua biodiversidade, salvaguardamos as memórias, os saberes e as identidades dele:

Através da produção em pequena escala, dedicada à família e às trocas com a vizinhança, as mulheres agricultoras têm enfrentado a ampliação do agronegócio, seus venenos e transgênicos, tendo por base a preservação de saberes tradicionais, trabalhando como guardiãs de sementes (LIMA et al, 2019, p. 40).

Ainda existe um longo caminho de luta para que as desigualdades de gênero sejam dissolvidas na sociedade, inclusive dentro da própria agroecologia. As dimensões teóricas são essenciais para que a prática se renove e busque melhorar, porém é incorreto afirmar que estas desigualdades se extinguíram da agroecologia por ela propor uma visão.

Prévost (2019) alerta sobre essa questão. Segundo ela, há uma ausência de representação das teóricas mulheres que produzem sobre agroecologia na literatura científica. Essa ausência se estende também a representação das camponesas nos relatos masculinos acerca da agroecologia. Assim, ela percebe que os autores que são acionados como representantes da teoria agroecológica são homens e que eles não citam (ou citam pouco). Segundo a autora:

Apesar do seu objetivo transformador para a ordem social, a agroecologia corre o risco de ser uma ciência "norma(l)cho" nas suas práticas científicas e nas representações das mulheres veiculadas nos seus escritos. Com base numa análise da literatura científica dos principais autores, identificamos a prevalência de um "efeito Mathilda" que reifica alguns autores masculinos como sujeitos legítimos da agroecologia, ao mesmo tempo que invisibiliza o trabalho das mulheres cientistas. (PRÉVOST, 2019, p.24)

As mulheres camponesas, por sua vez, sofrem um silenciamento enquanto seu protagonismo e importância nas lutas. Segundo Altieri e Rosset:

Mais recentemente, muitos autores observaram que as mulheres camponesas e agricultoras são frequentemente as protagonistas visíveis ou invisíveis dos processos de transformação agroecológica, participando num autêntico "feminismo camponês e popular", como afirma La Via Campesina (Siliprandi 2015; Siliprandi y Zuluaga 2014). As mulheres assumem papéis de liderança pública numa série de processos de movimentos sociais, embora estejam frequentemente subrepresentadas em comparação com os seus companheiros masculinos. No entanto, mesmo quando o seu papel não é visível, olhando para trás dos processos de transformação agroecológica bem sucedidos, são geralmente as mulheres das famílias camponesas que têm incentivado a cessação do uso de pesticidas perigosos e promovido a produção de alimentos saudáveis: as mulheres preocupam-se com a saúde e a nutrição das suas famílias.²² (ALTIERI E ROSSET, 2018, p.98)

No entanto, isto não ocorre somente no meio acadêmico. Há ainda desigualdade de gênero no meio rural, pois ele é ainda muito machista. Mesmo tendo um número

elevado de mulheres que engendram a agroecologia e são lideranças, o local do doméstico é várias vezes acionado para discriminá-las. Muitos maridos não invalidam a autonomia dessas mulheres, relegando o cuidado dos filhos e das tarefas domésticas a elas (LIMA et al., 2019).

É um desafio diário para a agroecologia e para a Ecovárzea discutir as questões que atravessam as mulheres camponesas. De acordo com Alane:

Antes de nosso processo de empoderamento coletivo [a construção da Ecovárzea], apenas os homens podiam ir, poderiam ocupar os cargos de poder, e as mulheres deveriam ficar por conta da casa e dos filhos e filhas. Isso ainda acontece de uma forma mais sutil, ainda está presente, seja nos momentos que nos sentamos para discutir a Eco Várzea como diretoria, nas assembleias mensais, nos espaços de representações, nos momentos de decisões, de colocarmos nossas opiniões e defendê-las, nos momentos das vendas e negociações. São desafios que buscamos superar diariamente dentro deste coletivo, o que nos lembra da importância de reconhecermos as desigualdades de gênero e lutarmos contra elas, pois nos oprimem, nos secundarizam, nos invisibilizam. (LIMA, 2019, p. 40)

Alane pontua que a construção do empoderamento coletivo dos camponeses, a formação da Ecovárzea e a perspectiva agroecológica auxiliaram o debate sobre as desigualdades de gênero. Mesmo assim, ainda acontecem sutilezas do machismo na Associação. Ela continua:

Um fator que vem contribuindo para reforçar o lugar tradicionalmente designado para as mulheres também no coletivo da Eco Várzea é a abertura da associação para novos membros. Ao longo do processo da feira, as famílias que foram entrando não tiveram as mesmas oportunidades de formação que as fundadoras e isso reflete diretamente nas suas participações dentro do grupo. Os homens mantêm posturas tradicionais, querendo ocupar os espaços de poder, sem perceberem contexto organizativo e Agroecológico, que busca lutar contra todas as formas de opressão, entre as quais, as de gênero. (LIMA, 2019, p.40)

Contudo, a Ecovárzea busca estratégias para manter o debate acerca da igualdade de gênero. Uma dessas estratégias é os espaços de formação coletivos específicos para tratar do tema. Segundo Alane:

Para tentar amenizar esta problemática, buscamos sempre nos envolver em espaços formativos oferecidos por instituições parceiras, a exemplo da

Incubadora de Empreendimento Solidário (Incubes), a Rede de Feiras agroecológicas, o Memorial das Ligas e Lutas Camponesas, a Associação Centro Rural de Formação (ACRF), a Cooperativa de Sociólogos Solidários (COOPSSOL) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Acredito que apenas pelos processos educativos [...] podemos enfrentar as desigualdades de gênero que constituem nossa sociedade e que também se refletem em espaços como a Eco Várzea. Nossa luta, nessa perspectiva, deve ser diária e continuada. (LIMA, 2019, p.41)

Isso nos mostra como a Ecovárzea tenta superar suas limitações. Estar inserido em um sistema machista, racista e classista torna impossível que os membros da Associação não reproduzam estas desigualdades. Contudo, é possível inferir que a concepção de um panorama agroecológico possibilita, a partir de seus fundamentos igualitários a tentativa de modificar este sistema.

Desta forma, compreender as múltiplas relações que a agroecologia estabelece é essencial. O meio rural brasileiro é um local de graves disputas, permeado por um passado escravocrata e colonizador que estabelece graves desigualdades sociais que ressoam até os dias atuais, mesmo que mascarado com outros nomes. Este passado colonizador, racista e patriarcal marca a população rural e não só, mas toda a população do Brasil, pois o alimento vem de lá e a natureza também. Vem de lá também a capacidade de tentar construir uma resistência a esses modelos, com práticas tradicionais que trazem uma relação entre os seres humanos e a natureza baseado em sustentabilidade e em harmonia, a agroecologia. Esta compreende que a luta por uma vida digna na qual as pessoas possam ter condições de viver bem de forma plena, perpassa por uma luta para que as relações entre todos os seres vivos sejam pautadas no respeito a vida, seja entre os seres humanos e os outros seres vivos ou entre os próprios seres humanos e suas diversas formas de ser.

CAPÍTULO 3 – AS TRAJETÓRIAS DA MALHA DA ECOVÁRZEA

Durante este tempo frequentando a feira da Ecovárzea até o momento presente, decorrente tanto da minha ida como cliente quanto como pesquisadora, eu presenciei algumas nuances que acredito serem essenciais para a coleta de dados sobre a Associação e a sua feira.

Acho interessante começar pela diferença entre a feira antes e durante a pandemia e sua eventual mudança no decurso deste período, quando as medidas de isolamento foram diminuindo. Vale retomar alguns dados já falados anteriormente: a redução da quantidade de barracas, a fita envolvendo e delimitando o espaço no qual a feira acontece, a necessidade de se utilizar máscara, o medo e a aflição do contato com os outros, o uso de álcool frequentemente etc. Esta estrutura nova, montada devido a uma situação excepcional, que fez a Associação correr atrás de novas formas de comercialização, foi se diferenciando com o passar do tempo na pandemia. Algumas medidas foram se afrouxando, retomando um pouco o ritmo anterior.

Antes, a feira não tinha estas delimitações. Depois de mudar tanto de lugar e se fixar ao lado do centro de convivência, mesmo de tamanho pequeno, ela se mostrava bem movimentada. As barracas de tapioca chamavam os consumidores, dando ao local um ar de convívio e comunidade. Assim que a Covid-19 ganhou grandes proporções, a feira foi fechada. A gestão da pandemia feita pelos governantes foi fechar locais arejados, aglomerando pessoas em locais fechados como os supermercados, não assistindo financeiramente aqueles que tiveram que parar de funcionar. Coube a eles, então, repensar, dentro de sua rede de apoio, como prosseguir. Assim, se fez a comercialização a partir do site da Ecovárzea e uma campanha de compra em seu Instagram.

Depois de um tempo, a feira reabriu. Diferente, menor, com medidas de segurança ministradas pelos próprios agricultores a fim de conseguir se estabelecer neste local. Isto ocorreu no meio de 2020. De lá para cá, a feira vem retomando um ritmo de antes, com marcas da pandemia, com aprendizados, uma nova forma de comercialização e com uma renovação no seu estilo.

Um dos objetivos deste capítulo, portanto, é compreender um elemento que aparece bastante na feira quando se começa a frequentá-la: seu estilo. Comercializar

produtos agroecológicos não é fácil. O meio rural em si não o é. Pegar na enxada, capinar seu terreno e trabalhar de sol a sol é uma tarefa árdua. Tornar este trabalho valioso e um meio de permanecer nele, de forma justa e com soberania também não é simples. É o que os agricultores da Ecovárzea me falam com palavras, mas também nas suas marcas de sol no rosto e no corpo, marcas de cansaço, de tempo e de trabalho pesado. Geralmente, depois dessas falas, vem, contudo, o agradecimento pela Ecovárzea. Segundo Jácia, agricultora e atual presidente, a Associação “é como uma mãe”, pois deu um outro fôlego para aqueles que vivem diretamente da terra. Este fôlego produz uma feira com um estilo próprio, pois há um estilo próprio em ir contra a maré das formas de produção e comercialização predominantes.

Desta forma, quando eu venho analisar o estilo da Ecovárzea levo em consideração o que faz dela especial para conseguir permanecer diante do sistema alimentar hegemônico. Para tanto, creio que seja necessário começar um exame pelos seus locais de comercialização.

A Ecovárzea possui duas feiras na cidade de João Pessoa, que são os carros chefes da sua comercialização. Ambas são ligadas a institutos federais de educação: A UFPB e o IFPB. Esta aproximação não é por acaso, estes institutos permitem que os agricultores se situem em um local propício para clientes que, em sua maioria, são conscientes em relação ao sistema mundial de produção agrícola e a desigualdade existente nele. Além disso, são desejosos de modificar esta situação, investindo seu dinheiro e tempo consumindo na feira. A Ecovárzea é construída também por esta relação.

A feira do IFPB não faz parte do meu foco de trabalho, portanto, não posso falar sobre ela. No entanto, um dado é importante: na pandemia, por causa da paralisação das aulas presenciais e de movimentação próximo ao local, esta feira anda dando mais gastos do que retorno. Tem sido discutido entre os agricultores a possibilidade de fechar a feira e permanecer apenas com a da UFPB. De acordo com Tânia, a Universidade, mesmo sem aulas presenciais, consegue ser um espaço de referência que faz com que as pessoas permaneçam indo lá independente do funcionamento interno das aulas. Demonstrando, portanto, a consolidação deste estilo próprio que esta feira apresenta.

A feira na UFPB é o carro chefe da consolidação da Ecovárzea. Em um local arejado, rodeado de árvores, ao lado do centro de convivência que possuía, antes da pandemia, aula de yoga gratuitas também as sextas pela manhã, é onde ela acontece. Cada

horário que você for, vai ter uma especificidade. Existem os grupos que madrugam com os agricultores e os esperam arrumar as frutas e verduras para garantir as melhores para si, por volta das 4 às 5 horas da manhã. As 7, o fluxo é bem grande, sendo um horário mais intermediário, ainda é cedo, mas não tanto. Esse horário intermediário até quase 8 horas, que é onde pude perceber um fluxo maior. É comum também a circulação de funcionários da UFPB que vão a feira atrás de tapioca feita na hora e consomem apenas neste local, sendo um momento mais passageiro. Este fluxo pode ocorrer em qualquer horário. Depois das 8 horas, as pessoas que vão mais tarde, se achegam.

Algumas, passam lá porque garantem na semana passada que seu legume/vegetal foi guardado por algum feirante para que ela não tivesse que madrugar. Outros, passam só para tomar um café, dar um tempo, conversar com os agricultores. Por volta das 9, quase 10 horas, é o momento que militantes do Partido da Causa Operária fazem alguma fala para as pessoas que estão na feira sobre as problemáticas da sociedade, mais especificamente agora sobre o Governo Bolsonaro. Ao lado, no centro de convivência, durante todo o momento que a feira está acontecendo, vão chegando pessoas para retirar os pedidos que fizeram online no site, é um espaço separado do momento da feira, o que não impede de alguém também visitá-la, se quiser acrescentar algo as suas compras.

Esta feira não se limita apenas a comercialização. Como dito no capítulo 1, há uma divisão entre a parte da venda de frutas, legumes e verduras e um “antes” da feira, termo designado assim tanto pela minha observação quanto por meio da conversa com alguns agricultores e consumidores. Este antes é composto por pessoas que comercializam produtos que geralmente não existe (ou tem menos oferta) dentro da feira. Há comercialização dos produtos alimentícios, de roupas e de plantas. Há discussões políticas, distribuição de jornais e até celebração de datas importantes como o Dia da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, entre outros. Esta socialização transforma esse espaço em um processo de estetização da feira.

Todos estes elementos se formam e compõe um espaço total da feira. É como se um puxasse o outro. Procurar saber, comprar e consumir uma alimentação agroecológica pressupõe ingressar em pelo menos uma mínima conscientização política acerca da comida que ingerimos na sociedade e querer, portanto, modificar o que tem sido determinado a nós. É o que eu analiso em minha pesquisa. É, portanto, o que compõe este estilo da Ecovárzea. O que não quer dizer que não há elementos conflitantes e dissonantes neste espaço. Ou que todos os clientes são extremamente conscientes politicamente. São

elementos que compõe um “estilo de vida” que a feira da Ecovárzea pressupõe e que vai ser vivenciada diferentemente pelos agentes que compõe este espaço.

Alguns clientes podem ser militantes da causa agroecológica, outros militantes que querem mudar o mundo, alguns podem vir por indicação médica, outros podem ser por uma busca individual pelo que é mais saudável, outros porque viram na televisão, outros podem ser pessoas que querem investir melhor na saúde da família, outros porque moram perto e viram a feira e por aí vai. Contudo, há um elemento em comum que é a dissonância da alimentação predominante e uma procura por algo “melhor”, que compõe o estilo da feira. O melhor se mostrou no alimento orgânico, que é produzido de uma forma mais “natural”, menos industrializada, com químicos. Este é o melhor que alguns clientes relataram.

Torna-se, portanto, imprescindível compreender o que quero dizer por estetização da feira da Ecovárzea, discussão importante para a compreensão dos dados que trago neste capítulo. Por estetização me refiro ao processo de trazer uma estética e um estilo a um determinado espaço. Segundo Fatherstone (1995), a estetização da vida cotidiana é o “projeto de transformar a vida em uma obra de arte” (p. 99). A pós-modernidade ampliou as fronteiras da arte, que se tornou parte da vivência cotidiana das pessoas. Anteriormente, a arte era algo visto como superior, destinado a determinados espaços privilegiados. Desta forma, não se podia ver arte “em qualquer coisa”. A partir da quebra dessas barreiras, na pós-modernidade, a estética passou a ser atribuída a espaços da vida cotidiana. Assim, é possível analisar a feira a partir de sua estética, sua cara, seu jeito e seu estilo próprio.

Segundo Tânia, integrante da CPT, “a Ecovárzea tem um estilo próprio ao ponto de ser uma alternativa de vida”. É extremamente importante atinar para estas nuances. Principalmente as que são capazes de nos fazer compreender como a Ecovárzea se estrutura e seu papel de resistência ao modelo hegemônico de produção e consumo de alimentos.

Quando observo a feira da Ecovárzea, percebo uma movimentação de grupos que se misturam para fazê-la acontecer toda sexta feira. Como dito, a relação com a Universidade Federal estabelece um vínculo diferenciado. Por se tratar de uma instituição de ensino e pesquisa federal, os debates socio políticos acerca da alimentação fazem parte do cotidiano da instituição. Não obstante, o próprio estabelecimento da feira nela se deu pelo diálogo entre grupos de pesquisa e extensão da Universidade, a CPT e a reitoria. Este

ambiente é, portanto, propício para receber a feira. Obviamente, quando falo da UFPB eu falo de setores dela e de alguns professores, não é homogêneo o debate político sobre alimentação. A própria Universidade é uma arena de disputas políticas sobre sua organização. O que não invalida a abertura que ela oferece a experiências alternativas.

Analisar esta dinâmica dentro da UFPB é interessante. É a partir dela que se compõe também a dinâmica dentro da Ecovárzea, não só por ser o local da feira, mas por ter grupos pertencentes a Universidade que colaboram com a Associação. Para isso, é necessária uma troca entre ambas. Há uma correlação de estilos que faz com que a feira da Ecovárzea ecoe no estilo da Universidade e vice-versa. Lembrando que o estilo é construído diariamente, a partir das disputas políticas discursivas acerca da legitimidade desta troca. Assim, analisando que a Ecovárzea sai de uma tentativa frustrada em Mangabeira para se estabelecer na UFPB durante os últimos 20 anos, esta troca teve algum êxito.

Este êxito, portanto, não pressupõe que a relação seja maravilhosa em todos os momentos e que ela não precise estar constantemente sendo reafirmada. Vanderson, membro da INCUBES, que acompanhou a Ecovárzea por um tempo, afirma que a permissão para a feira acontecer dentro da Universidade sempre passa por oscilações a depender do gestor vigente. E é sempre necessário que a Ecovárzea, junto com os grupos que a auxiliam, reafirmem a quem está na reitoria a importância da feira para a Instituição. Um dos discursos utilizados para reafirmar a importância da feira para a Universidade é de que ela se trata de um laboratório para a UFPB, pois proporciona inúmeros trabalhos de extensão e pós-graduação dentro do espaço da instituição. Ou nas palavras de Tânia da CPT:

a feira é um laboratório. Quantos alunos já não veio aqui que faz estudo sobre a Ecovárzea? Estudo sobre a produção agroecológica? Sei lá... tem vários temas que podem ser estudados a partir da feira. Então, ele é um laboratório dentro da universidade. Então, esse é um elemento interessante.

Vanderson também partilha desta mesma visão, nas palavras dele “a Ecovárzea é um laboratório disponível no quintal da UFPB”. Os alunos da UFPB utilizam a feira para suas pesquisas e os agricultores se utilizam do espaço e do prestígio da Universidade.

Esta relação de co-dependência entre a Ecovárzea e a UFPB se explica quando analisamos este estilo da feira. Ser uma feira agroecológica já é optar por uma alternativa

a comercialização de alimentos convencionais. Não obstante, o grupo alvo desta feira são pessoas que se conscientizam cada vez mais do alimento que consomem.

A Universidade, portanto, é um local propício para que a feira aconteça, com estudantes e professores debatendo sobre este processo que tem sido implementado na sociedade e tem na instituição uma ênfase maior. Um exemplo disso, é a falar de Tânia da CPT, quando eu perguntei se o local da feira ser na UFPB influenciava o êxito dela. Ela me respondeu: “Influencia. [...] tem um status também, né? Como a gente diz, na UFPB todo mundo pega a ideia. De certa forma, a Universidade também dá uma credibilidade.”

Em contrapartida, os grupos de estudos e extensão da Universidade pesquisam sobre agroecologia e a feira, utilizando a Ecovárzea como objeto de pesquisa. Como troca, proporcionam a ela formações e melhorias como por exemplo, auxílio para ingressar em programas governamentais ou também auxílio para fazer um site de comercialização. Ultimamente, o LABOAA tem dialogado com a Associação para implementar um cultivo ecológico de peixes no território dos agricultores e derivado disso comercializar hamburques de peixe.

É possível observar o estilo da feira também em outras nuances. A agricultora Tina, em sua barraca de tapioca e outros quitutes, me contou que por demanda de vários clientes que procuravam alimentos sem ingredientes de origem animal (veganos), sem carne (vegetarianos), sem leite (intolerante ou alérgico a lactose) e sem farinha de trigo (intolerante ou alérgico ao glúten), começou a procurar na internet receitas de bolos e tortas salgadas adaptadas a este público. Agora, sua barraca possui vários bolos, pasteis de forno e tortas salgadas sem leite, sem glúten, vegetariano ou vegano.

Isso me chamou bastante a atenção. Ao chegar a primeira vez em sua barraca, eu só encontrei alimentos ou tipicamente nordestinos ou que correspondesse a algum grupo com restrição alimentar. É muito interessante ela ter recebido uma demanda e ter procurado na internet como fazer receitas para se adaptar. Inclusive, ela consome em sua casa essas receitas. Conversando com ela, ela me disse que depois de fazer para vender, começou a fazer em casa e que adora. Falou-me inclusive como faz algumas dessas receitas e eu comecei a fazer na minha casa também.

Outra coisa que também me chamou atenção, além do cuidado para alcançar este público (do qual também faço parte, pois sou intolerante a lactose), foi a disponibilidade

de café com e sem açúcar. Pela minha própria experiência em feiras e lanchonetes populares que ficam no centro da cidade, o café vendido geralmente já é adoçado. É o clássico café garapa, que todos chamam, porque geralmente é bem doce.

Segundo os vendedores que indaguei o porque de não fazerem sem açúcar e deixar que cada um adoce a seu gosto, os clientes preferem assim, dizem que o gosto muda se adoçar depois. Como eu sou uma pessoa que tomo café sem açúcar, observo este movimento, pois apresento dificuldades de encontrar. Quando me deparei com esta opção na feira da Ecovárzea, fiquei surpresa. Assim como os alimentos sem glúten, lactose e origem animal, o café também foi requisitado pelos clientes e considerado por Tina para agradar este público. Isso me mostra que o perfil dos clientes da feira apresenta uma diferenciação.

Então, por que este público requer estes tipos de alimentos? Não tenho como trazer uma resposta definitiva, apresento apenas apontamentos. Mundialmente, ao passo que os produtos ultraprocessados têm entrado cada vez mais nas casas das pessoas (embalados de comidas que trarão realizações de sonhos, mas que na verdade carregam bastante açúcar, óleo e farinha), há uma contracorrente de pessoas que analisam estes fenômenos e se opõe. Há uma perspectiva, portanto, de alimentar-se com consciência, de uma forma mais saudável, na qual o alimento cumpra seu papel de nutrir o corpo, não só a mente (POULAIN, 2013). De acordo com Poulain:

A globalização dos mercados, a massificação e a industrialização da produção, o aparecimento, no setor de alimentação coletiva, de cozinhas centrais cada vez mais importantes, capazes de produzir 10.000,15.000 e até 30.000 refeições por dia (Poulain e Larrose, 1995), tendem a reduzir os traços gustativos próprios a certas culturas ao homogeneizar os gostos. A partir disso, os particularismos culinários e os gostos específicos que os acompanham não desempenham mais sua função de identificação com a mesma força. As mutações das práticas alimentares cotidianas (a simplificação das refeições, as novas formas da alimentação fora de hora..., a transferência de um conjunto de decisões para o indivíduo) são vividas frequentemente como sendo a degradação de uma “desestruturação” dos princípios de uma “boa alimentação” (POULAIN, 2013, p. 107).

Por exemplo, há o movimento *Slow Food*, que critica a vida acelerada que o capitalismo impõe aos indivíduos, de trabalho árduo, consumo constante de alimentos

processador e absurdo dos recursos naturais para se sentir feliz e pouco tempo para si.

Segundo Pollan:

Parece um clube elitista para fissurados em comida (o que, infelizmente, às vezes pode ser), mas, no que tem de mais sério, o movimento Slow Food oferece um protesto consistentemente lógico contra a dieta e os hábitos alimentares ocidentais, e uma alternativa a isso, na verdade a todo o modo de vida ocidental cada vez mais desesperado. O Slow Food visa aumentar a qualidade em detrimento da quantidade e acha que fazer isso depende do cultivo de nosso sentido do paladar, bem como da reconstrução das relações entre produtores e consumidores que a industrialização de nossos alimentos destruiu. (POLLAN, 2014, p.153)

Além de uma preocupação com o ritmo e a inserção de alimentos industrializados, há também, em decorrência desta alimentação hiperindustrializada, o surgimento de doenças alimentares como diabetes, obesidade, intolerância/alergia a lactose e ao glúten. Muitas pessoas começam a observar a alimentação que tem e repensado sobre ela após se descobrir com essas doenças. Eu sou um desses casos. Consoante Pollan:

Todas as nossas incertezas sobre nutrição não deveriam esconder o simples fato de que as doenças crônicas que agora matam a maioria de nós começaram com a industrialização de nossa comida: com o surgimento de alimentos altamente processados e grãos altamente refinados; o uso de produtos químicos para cultivar plantas e criar animais em enormes monoculturas; a superabundância de calorias baratas provenientes de açúcar e gordura produzidos pela agricultura moderna e a redução da diversidade biológica da dieta humana a alguns alimentos básicos, notadamente trigo, milho e soja. Essas mudanças nos deram a dieta ocidental que achamos natural: montes de alimentos e carne processados, montes de gordura e açúcar adicionados, montes de tudo — exceto hortaliças, frutas e grãos integrais. (POLLAN, 2014, p. 15)

Esses movimentos que repensam a alimentação e propõe um novo estilo de vida podem ser correlacionados com a agroecologia. Esta ciência, que não se finda na definição de ciência como conhecemos tradicionalmente, abarca movimentos sociais que enxergam a dimensão multifacetada da alimentação. Incluindo seu caráter político. Em um mundo acelerado, no qual a alternativa para alimentar a população tem adoecido mais do que nutrido, juntamente ao trabalho excessivo, a falta de tempo para viver propriamente e ao desastre ambiental no qual estamos vivenciando, a agroecologia vem como alternativa a este modelo.

O estilo da feira não se encontra somente ao estilo da UFPB, é necessário compreender como a sociedade tem manejado este assunto. Estilo tem sido um debate sobre as sociedades contemporâneas. Com a popularização da noção de estilo de vida, seu significado saiu de uma designação baseado somente na classe social para se expandir para uma análise das experiências fluidas dos indivíduos que se tornam capazes de construir seu próprio estilo de vida (Featherstone 1995). A partir de uma construção individual de suas experiências, alguns grupos, especialmente jovens de classe média, assumem uma postura mais ativa ao estilo de vida, se dedicando a esta “estilização” e tomando consciência do mundo ao seu redor. Assim, noções mais totalizantes da vida, guiadas por grupos mais fechados, tendem a deixar de guiar estes indivíduos, que vão buscar em suas experiências símbolos que agreguem seu estilo.

É um assunto no qual podemos analisar por dois prismas complementares: há uma tendência mundial de acelerar a vida e atribuir ao estilo das pessoas a quantidade de experiências e coisas que elas podem consumir. Atrelado a isso, há também uma tendência de dismantelar noções preconcebidas de totalidade, de sociedade e de cultura. Segue-se uma predisposição ao consumo generalizado e universalizante, no entanto, há uma necessidade de construção particular de suas jornadas, mesmo que seja em uma “hiper-realidade” (Featherstone, 1995).

Ao trazermos para uma análise sobre a alimentação moderna, há um vislumbre deste estilo através do consumo cada vez mais exacerbado da alimentação (cada vez mais “prática” e distante de alimentos *in natura*³¹), a partir de uma demonstração do poder de compra destes alimentos e do que ele vai agregar a sua personalidade. Comer certos salgadinhos, beber certa cerveja, tais refrigerantes etc. vão definindo quem você é. Não os consumir, também. Ir à feira e ver diretamente o que você irá consumindo é um outro lado desta mesma moeda.

A partir de uma linguagem de contraposição a este consumo exacerbado, o “consumo consciente”, isto é, um consumo que atrelado a conscientização política acerca da realidade de produção e consumo alimentar mundial, vem como elementos constituintes de estilos de vida dos consumidores. Aqui a delimitação do consumo,

³¹ São alimentos obtidos diretamente de plantas ou de animais para o consumo sem que tenham sofrido qualquer alteração.

mediante um mundo que exacerba o consumo, pode ser visto como uma resposta a este paradigma. Estes elementos formam o estilo e a estética da Ecovárzea.

3.1 É DANDO QUE SE RECEBE

Como já mencionado anteriormente, a relação entre a UFPB e a Ecovárzea é crucial para o estabelecimento da feira e seu posterior sucesso. A UFPB não é apenas o local no qual a feira acontece, é a partir desta parceria que muitas formações e organizações internas da Associação acontece. Há, portanto, uma relação de codependência entre estes dois sujeitos. Isto já não é novidade, já que tenho citado esta relação durante todo o texto. No entanto, há um aspecto que chamou atenção. Foi possível observar durante este tempo de pesquisa que o estilo da feira é formulado também através do estilo da Universidade e que este elo pode ser analisado a luz da teoria da dádiva de Marcel Mauss.

Segundo Mauss (2003), a dádiva consiste em um troca diferente da troca comercial, pois ela se baseia em laços de reciprocidade, nos quais os personagens inseridos na troca não evidenciam sua intenção de troca. Trata-se de depositar uma intencionalidade em um presente que se diz desprezioso. No entanto, se estabelece um laço com regras morais que fixam os parceiros de troca em responsabilidades. De acordo com o autor:

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem "respeitos" - podemos dizer igualmente, "cortêsias". Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se "devem" - elas e seus bens - aos outros (Mauss, 2003, p. 263).

Fica implícito, portanto, que ao dar algo a alguém, esta pessoa irá retribuir por educação, assim, há um retorno para esta pessoa por algo “dado”. E não é qualquer retribuição, deve-se ser algo no nível do presente.

Esta lógica consegue ser empregada na relação entre a Ecovárzea e a UFPB, pois existe uma lógica implícita de “eu ajudo você e você me ajuda”. Se observarmos superficialmente, podemos achar que a grande beneficiada nesta relação seria a Ecovárzea, no entanto, como citado por Wanderson da INCUBES e Tânia da CPT, a Ecovárzea é um laboratório da UFPB. Ao mesmo tempo que é interessante para a Associação ter formações e projetos oriundos de grupos da universidade, é um dos objetivos desses grupos ter algum local para realizar seus projetos de pesquisa.

Foi uma das coisas que me chamaram logo atenção quando estabeleci contato com alguns agricultores. Eu já mencionei anteriormente, assim que cheguei e me apresentei como professora da rede estadual da Paraíba (que não tem a ver com a UFPB), por ser mestranda da instituição, me colocaram num patamar parecido com a dos professores que estabelecem um vínculo de projeto com a Associação. Logo que me apresentei, me perguntaram se eu vinha da parte dos professores do LABOAA ou do NEDET. Perguntaram-me também qual era o professor que estava “por trás de mim”, isto é, me orientando. Mostra como há um conhecimento mínimo desta relação acadêmica. Isto ocorreu por parte do presidente da Associação na Época e por parte dos responsáveis pelas cestas que são vendidas online.

Assim, foi possível perceber também uma abertura muito grande para realizar minha pesquisa. Eu me senti como se já fosse próxima dos agricultores há muito tempo. Depois dessa minha impressão, troquei mensagens com uma amiga que já tinha feito uma pesquisa com a Ecovárzea para o seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) e ela me relatou sobre essa amistosidade. Inclusive, me alertou para o fato de o discurso de alguns agricultores que de tanto ser repetido para vários pesquisadores e professores que procuram a Ecovárzea, nesses mais de 20 anos de relação com a UFPB, pode ser mecânico e muitas vezes não apresentar logo uma profundidade da realidade.

Esta é uma questão que estará para sempre no meu trabalho e acredito que em todos os trabalhos de pesquisa no campo da Antropologia. Os discursos são produzidos pelas pessoas e não correspondem necessariamente a toda a realidade. Quando se há uma relação de troca baseada nessa reciprocidade com interesse entre a UFPB e a Ecovárzea, ter cautela na análise dos discursos dos agricultores é essencial.

Lembro-me também da facilidade com que o presidente da Associação (na época de entrevista), falou sobre toda a história da formação da Ecovárzea como se já tivesse repetido esse discurso muitas outras vezes. O professor de biologia Felipe, da NEDET, me confessou que os agricultores da Ecovárzea eram muito abertos a estranhos que chegam colhendo informações, por conta da sua “gratidão” com a UFPB e dessa codependência estabelecida com a instituição. Assim, acabam muitas vezes sendo solícitos com “qualquer” pessoa que chegue, pois acaba a associando a universidade. Segundo ele, outras feiras agroecológicas da Paraíba que ele também auxiliava (feiras da rede da Borborema) não apresentavam esta mesma característica. Por já possuírem uma

rede fechada e esquematizada de parceiros que contribuía com a manutenção das feiras, elas não eram tão amistosas com “estranhos”.

À primeira vista, essa facilidade em estabelecer contato com os agricultores poderia me levar a cair em uma “armadilha” de estereotipá-los em uma posição de sujeitos que estão ali dispostos a me dar conteúdo sobre suas vidas abertamente, somente por bondade. Não que não haja também bondade, mas é exatamente o ponto que Mauss traz. Há um interesse e, certamente, vamos ser sinceros, quem iria perder seu tempo disponibilizando informações se não vislumbrasse um retorno? Seria uma visão muito mecanicista achar que os “nativos” dos locais onde nós antropólogos chegamos, estão lá parados a espera de nós para estudá-los. Eles não estão, há um interesse nessa troca e há também a necessidade de compreender que ela existe e que é comum. Principalmente se tratarmos desta questão da Antropologia. Isso não faz da pesquisa uma “farsa”, mas a deixa realística. É possível depreender muita informação dessa relação, mesmo que ela seja pautada nessa dádiva.

Compreender meu papel enquanto pesquisadora desta instituição me coloca a par do meu lugar nesta relação de poder enquanto pesquisadora da UFPB. A análise da dádiva aqui apresentada no texto, dispõe também da análise das relações de poder existentes nestes elos estabelecidos para o funcionamento da Ecovárzea. Há uma dependência da feira a UFPB, mas há também uma dependência da UFPB para com a feira, pois ela é seu laboratório. Que é sempre acionada como justificativa quando alguma nova gestão da Universidade questiona a existência da feira dentro da instituição sem pagar para utilizar o espaço. As relações de poder não pressupõem que um lado da moeda não possui nenhuma influência e outro lado possui completamente, na verdade é uma barganha que é constantemente discutida e negociada.

3.2 UM EMARANHADO DE PESSOAS PARA QUE A ECOVÁRZEA ACONTEÇA

Seria errôneo da minha parte explicar apenas a relação da Ecovárzea com a UFPB como indispensáveis ao funcionamento da feira e da Associação. Pelo contrário, o que pude observar durante este tempo de pesquisa foi de que se trata, na verdade, de uma série de sujeitos que com suas vivências múltiplas se entrelaçam constituindo uma malha (Ingold, 2018). Esta malha se opera e se organiza a fim de que este projeto/estilo de vida, que é constituído e almejado por todos eles, seja implementado e se mantenha. É um dos

pontos-chaves da estrutura da Ecovárzea e, por que não, da própria lógica da Agroecologia.

Um dos objetivos deste capítulo, portanto, é compreender como que este emaranhado de pessoas, grupos e instituições (que eu chamo por agentes) trabalham em conjunto para que a Associação dê certo. Pretendo, assim, analisar os agentes que compõem esta malha a fim de apontar como suas vivências alimentam e formam a Associação e este seu projeto de vida que ela apresenta.

Utilizo-me da categoria malha para designar este emaranhado de grupos que formam esta vivência que é a Ecovárzea. Aqui eu compreendo que ela ultrapassa o sentido de ser apenas uma feira, ela é na verdade um espaço de vivência, no qual pessoas e grupos estão experienciando e dando sentido a uma perspectiva que é construída por eles. Não é uma percepção apenas minha, foi uma expressão utilizada por Tânia da CPT ao se referir a importância da feira da Ecovárzea para a UFPB, os clientes e os agricultores. Segundo ela:

A feira não é apenas um espaço de comercialização, é um espaço de vivência, as pessoas chegam nessa mesa conversam com os produtores e produtoras, conversam entre eles. Tem gente que vem tomar café aqui nas mesas e é papos longos e nesses papos vão muitas coisas importantes, então a gente chama um espaço de vivência. Tanto clientes entre clientes, como clientes e trabalhadores/comerciantes. Isso pra mim é um elemento importante.

Desta forma, a feira é um acontecimento que a ultrapassa, ela une os trajetos de várias pessoas, grupos e instituições constituindo este espaço. Dela saem conversas, trocas e experiências entre clientes/clientes, agricultores/agricultores e clientes/agricultores que extrapolam o sentido comercial da feira. Diante disso, analiso este espaço de (com)vivência a luz da teoria da malha de Ingold (2018).

Antes de falar propriamente da teoria da malha, é preciso adentrar um pouco no pensamento do autor. Tim Ingold foi um autor essencial na crítica à perspectiva dualista da Antropologia, que considera a natureza separada da cultura e, também, a que considera o(a) antropólogo(a) um observador separado do seu objeto de pesquisa que é “o outro”. Este protótipo de antropólogo clássico traduz a vivência de outros povos e sua visão de mundo através de representações. Para Ingold, no entanto, a Antropologia se trata do

estudo da vida, que é feita de movimentos e de fluxos, sendo papel da disciplina, então, compreender a estabilidade desses fluxos e não sua representação. Nessa perspectiva, não há várias visões de mundo sendo representadas, há mundos distintos. A partir disso, Ingold (2000) propõe um novo paradigma antropológico: “A Ecologia da Vida”.

Alicerçado nisso, pode-se compreender o que Tim Ingold considera por malha. Para ele, a vida é composta por linhas que se movimentam e vão além da conexão pontual que liga diferentes atores que a compõe, sendo, na verdade, produzida nas relações e nos descolamentos destas linhas que se entrelaçam. Assim, os itinerários das relações existentes na vida produzem deslocamentos que resultam nas malhas. Portanto, a vida não consiste em “pontos” (pessoas, instituições etc.) parados que se conectam, mas sim em linhas que se movimentam e formam malhas.

Isto é, o que pode ser representado é este movimento entre organismo e ambiente, que são um só, pois são constituintes desta linha. Todos os seres humanos são linhas e fios e a vida é um tecido de trilhas dessas linhas e fios que se relacionam, formando um emaranhado.

Segundo o autor,

Nesta representação, não há dentro nem fora, nem limite que separa os dois domínios. Pelo contrário, há uma trilha de movimento ou crescimento. Cada trilha desse tipo traça uma relação. Mas a relação não está entre uma coisa e outra - entre o organismo ‘aqui’ e o meio ambiente ‘lá’. É um caminho ao longo do qual a vida é vivida: um fio em um tecido de trilhas que juntas formam a textura do mundo da vida. Essa textura é o que quero dizer quando falo de organismos sendo constituídos dentro de um campo relacional. É um campo não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas, não uma rede, mas uma malha (INGOLD, 2006, p.13, apud AZEVEDO, 2020).

O foco da análise é no processo, no acontecimento e na relação dos fenômenos e dos organismos. Ingold (2012) critica a visão de que os organismos são apresentados em suas formas finais, como objetos. Para ele “habitar o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação. E o mundo que se abre aos habitantes é fundamentalmente um ambiente sem objetos – numa palavra, ASO” (INGOLD, 2012, p.31). É, portanto, a partir desta visão que analiso este emaranhado de agentes que em seus movimentos fluem para a construção desta malha que é a retratada pela Ecovárzea.

Os agentes que foram percebidos e elencados para esta pesquisa como essenciais para a constituição desta malha são: a UFPB (a reitoria, o espaço físico da Instituição e os grupos e núcleos de pesquisa envolvidos diretamente com a Ecovárzea); a Comissão Pastoral da Terra (CPT); os agricultores; os vendedores que ficam na parte de “fora” da feira, outras feiras agroecológicas e os clientes. Como eu já discuti bastante sobre os agricultores, a figura da UFPB (em suas diversas nuances) e os comerciantes que ficam fora da feira, a partir de agora vou focar na CPT, nas outras feiras agroecológicas e nos clientes. Vamos começar, portanto, com a CPT.

A Comissão Pastoral da Terra é um movimento que tem ligação com a Igreja Católica, com um histórico muito grande de envolvimento com os direitos dos trabalhadores rurais aqui no Brasil. Segundo o site da própria CPT, na aba “Quem Somos Nós”, a pastoral surgiu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Ela veio como resposta a grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, principalmente na Amazônia, durante a Ditadura Militar. Mesmo tendo nascido ligada a Igreja Católica, a pastoral não se restringe a ela, tendo também participantes de outras igrejas. Ainda segundo o site, o objetivo da criação da CPT foi para que ela desempenhe um serviço de apoio aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, ajudando-os a se organizarem. Assim, ela se destacou pela luta ao acesso a terra pelos trabalhadores rurais, sobretudo posseiros e sem-terra. Desta forma, ela se envolveu diretamente com as diversas lutas e manifestações em favor da Reforma Agrária.

Como pode ser visto, a atuação da CPT não é uma especificidade de João Pessoa, muito menos da Ecovárzea. No final da década de 90, a CPT estava promovendo várias movimentações pela região da Zona da Mata, dentre elas, a dos trabalhadores das Usinas Dona Helena e Madalena, que após a falência das usinas ficaram desempregados e sem amparo. Esta situação foi propícia para que a CPT junto com a Cáritas, estimulasse os trabalhadores a lutarem pelos seus direitos a uma vida digna.

A CPT tinha a missão de auxiliar esses trabalhadores na luta pela divisão dos territórios que deveriam também ser deles, para que eles pudessem produzir seus próprios alimentos e depois vendê-los. A questão da Agroecologia e da feira propriamente dita, não foi uma preocupação inicial da pastoral, foi algo que foi construído organicamente

com os parceiros deste movimento, principalmente pelos professores da UFPB que trouxeram esta ideia.

A priori, era uma questão geral do meio rural lidar com o escoamento da produção, procurando fugir dos atravessadores. Esta era uma questão que não permeava apenas a Ecovárzea, mas todos os agricultores de uma forma geral. Para lidar com isto, a CPT iniciou o contato com alguns órgãos estatais (EMATER, INCRA, etc).

De acordo com Tânia da CPT:

Então a gente chegou ali no final dos anos 90, com um nível muito alto de produção (geral da CPT), sem preço, sem mercado pra esses produtos, então. Havia muitas reuniões pela região geral com os agricultores e o problema era a perda de produtos por falta de comércio e de preços. Havia muito testemunho, pessoas que chegavam com carrada de melancia e não vendia, chega no rio Gramame soltava pra não se estragar. Inhame, manga, vários produtos. Isso foi causando uma preocupação e provocando a atenção específica da CEASA pra dialogar.

Após reuniões com esses representantes do Estado, chegou-se à resolução de fazer uma grande feira na beira da estrada da BR 101. Essa ideia foi bem recebida, mas não andou para frente. Diante disso, através das Cáritas e do padre da paróquia Cristo Rei, fez-se a feira de Mangabeira. E depois de tentativas frustradas, passou-se para a feira da UFPB, com produção orgânica e posterior criação da Associação Ecovárzea.

A disputa por um diálogo com o Estado que visualizasse os trabalhadores rurais que estavam abandonados sem perspectiva de vida, pois não possuíam nem o trabalho árduo que tinham antes, foi feita arduamente pela CPT e Cáritas. Esta tensão e pressão mostrou-se importante para o estabelecimento da feira. Mostrando, que este apoio foi primordial para o estabelecimento de um debate unindo os agricultores e o Estado a fim de realizar soluções para os problemas deles. A CPT, portanto, faz o papel de mediação entre os grupos não valorizados pelo estado, que tem seus direitos relegados e o Estado. Mesmo a feira na Br 101 não tendo sido realizada, a busca por parcerias que ajudassem os agricultores e a ideia da feira foram impulsionadoras neste processo.

Sendo assim, a CPT não apenas mediou, já que destes encontros com setores do Estado não se consolidou uma solução que realmente resolvesse a questão dos

agricultores, foi ela quem buscou um diálogo com a UFPB e com um padre da Igreja Católica para assim conseguir estabelecer uma feira

De acordo com Tânia da CPT:

Então, quando deu 99, aí a Arquidiocese era uma parceria muito forte (ainda é, mas naquela época era mais). Começamos a discutir e fizemos, com apoio do padre da paróquia Cristo Rei, em Mangabeira, cedeu a praça da matriz, a Cáritas fez as barracas, essas barracas foram as Cáritas. E a gente mobilizou os trabalhadores e fomos pra praça, ainda fizemos umas três feiras.

Quando deu errado essa feira, foi necessária outra intermediação com estes setores para conseguir estabelecer a feira no espaço da UFPB. Este momento, no entanto, não se deu a partir de um diálogo direto com setores do Estado, mas de forma autônoma, com parceiros que fizeram esta outra via acontecer. Ainda segundo Tânia:

Como em Mangabeira tinha assim muita participação de professores e alunos da UFPB, alguns ficaram antenados em diálogo com a gente. Aí início do ano seguinte, que já era 2000, eles começaram a provocar a gente, discutimos, discutimos, quando foi em maio reiniciamos e já foi aqui no campos da Universidade que foi dialogado com a PRAC (Pro reitoria de assuntos comunitários), se não me engano foi a PRAC. Professora Lúcia Guerra, mais o reitor da universidade da época [...] tem também o pessoal da INCUBES e pessoal do departamento de geografia. Aí a gente começou aqui... foi no espaço da biblioteca, passou muito tempo lá. Aí mudou pra aquele estacionamento no centro de educação... aí tinha toda ideia de fazer uma construção, um galpão grande para alojar contra o sol, mas não avançou. Aí finalmente depois desse empasse, viemos para cá e tamo aqui até hoje.

Diante disso, a intermediação da CPT (que é um movimento social desvinculado ao Estado) foi o que resultou na solução de problemas dos agricultores tanto na Várzea Paraibana quanto no litoral Sul da Paraíba. Esta movimentação deste movimento social traçou caminhos que criaram outros caminhos para que os agricultores escoassem sua produção. Diante de um cenário brasileiro no qual o agricultor é pouco considerado pelos órgãos que deveriam criar políticas públicas que os contemplassem, a interlocução entre CPT, UFPB e agricultores foi o que fez estes camponeses criarem seus próprios movimentos.

A pastoral não deixou de acompanhar a Ecovárzea, mesmo a feira da UFPB tendo se estabelecido e até outras feiras tendo sido criadas. No entanto, com o passar do tempo a Associação foi construindo cada vez mais sua autonomia, trilhando seu caminho com independência, não sendo uma parte da CPT (algo que a pastoral deixou bem claro), ela ajudou a construir as condições para que os produtores tenham sua autonomia.

A experiência da Ecovárzea foi precursora e tem sido bem-sucedida. Logo, sua trajetória permitiu ajudar outros agricultores a realizarem este movimento. Outras feiras agroecológicas, também apoiadas pela CPT e com o exemplo e apoio da Ecovárzea, foram se ramificando na Paraíba (principalmente pelo seu sucesso na UFPB). A feira da Ecosul, que acontece no Bessa, surgiu a partir de alguns agricultores da Ecovárzea que são do Litoral Sul de João Pessoa que migraram para lá e formaram outra associação. De acordo com Tânia da CPT:

Outra coisa interessante também como laboratório, não só pra universidade, mas também para os camponeses. Nós começamos essa daqui (Ecovárzea) em maio daquele ano e em novembro do mesmo ano começou o do Bessa: a Ecosul. Alguns já tavam aqui, depois aos poucos foram saindo se organizando e foram para o Bessa. [...] . Ai depois da Ecosul, surgiram outras: a dos Bancários, a do Ponto de Cem Réis. Tem a Bodega em Jacaraú, que lá era uma feira também, mas eles depois já instalaram um espaço físico e se instalaram lá dentro. É uma bodega mesmo. Ai já veio o pessoal de Alagoas conversar com eles, pra ver as feiras e criar as feiras lá. Pessoal do Rio Grande do Norte já veio pra cá também. Mas outras feiras do estado (da Paraíba), se não me engano são 48 feiras agroecológicas todas as elas vieram pra cá, porque essa feira (A Ecovárzea) foi a primeira iniciativa no geral, na Paraíba. E daqui então fomos oferecendo elementos e ideias que foram ajudando as outras.

A importância da Associação se mostra para além de seu espaço “individual”, de sua feira por si só. Como primeira iniciativa de contramão de uma logística que prejudica os agricultores, a Ecovárzea disseminou sua semente em outros lugares. Sua resistência existe e transpassa, alimentando esta malha.

Isto mostra que a trajetória da Ecovárzea e seus fluxos, com seus parceiros que a compõe e fizeram acontecer, resultaram não só no êxito da Associação como em outras feiras, aumentando a malha que compõe a Associação. Além de ajudar a outras feiras a serem feitas desde o começo, a Ecovárzea também troca experiências com feiras já existentes de outros estados. Esta troca permite manter refrescado a agroecologia.

Uma das coisas que se mostraram importantes na trajetória da Ecovárzea, é a necessidade de manter nos agricultores o sentido do que eles fazem. Principalmente, para além de uma perspectiva econômica. A agroecologia não almeja apenas que os trabalhadores rurais possam sobreviver do que produzem, é uma teoria-prática que se constitui através de um projeto de vida. Um projeto que abarca diversas demandas da vida. Segundo Caporal e Costabeber (2002), a agroecologia tem um caráter multidimensional. Ela se diferencia de outros tipos de agricultura de base ecológica ao assumir a perspectiva da transformação em diferentes dimensões. De acordo com os autores, a agroecologia se baseia em seis dimensões:

entendemos que as estratégias orientadas à promoção da agricultura e do desenvolvimento rural sustentáveis devem ter em conta seis dimensões relacionadas entre si, quais sejam: ecológica, econômica, social (primeiro nível), cultural, política (segundo nível) e ética (terceiro nível) (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p.76)

Desta forma, manter este projeto vivo é um dos desafios da Ecovárzea. Segundo Tânia:

Nesse processo muitas coisas foram acontecendo e melhorando. Primeiro, a consciência. Porque a gente não começou como feira agroecológica, isso era produto avulso, vinha de todo jeito. Mas como a CPT, os seus princípios já no final dos anos 90, início dos anos 2000 vinha focando muito na prática agroecológica, em respeito ao meio ambiente, a saúde... ela já adotou nos seus princípios, nas linhas de ação a potencialização das práticas agroecológicas. Então a gente foi fomentando com o pessoal pra... Esse grupo (Ecovárzea) foi que primeiro incorporou na gente a ideia da agroecologia, antes não tinha... eles foram se apropriando... Luizinho foi das pessoas a que mais absorveu a questão da agroecologia... tanto que já levamos ele pra fazer debate em vários espaços (alagoas), pra fazer palestra pra outros agricultores, porque é agricultor convencendo agricultor. Agora eu acho que ele é uma pessoa que pode orientar qualquer feira.

Dentro desta grande malha da qual é constituída, as trocas com outras experiências e a troca diária entre os produtores faz com que os ideais agroecológicos se renovem de certa forma. Como Tânia mostra em sua fala, a agroecologia é um movimento que foi se construindo no grupo do zero, tanto na Ecovárzea quanto na CPT. Esta construção fez com que os dois movimentos crescessem conjuntamente, essas linhas foram se ligando e formando caminhos. Luizinho é renomado e é chamado para dar palestras em outros

estados para falar da agroecologia. Um agricultor que se formou neste processo e agora impulsiona outras experiências, emaranhando ainda mais esta malha.

Isso faz parte da lógica da agroecologia, fortalecer os agricultores que lidam com suas produções, com o meio ambiente, com a lógica de mercado, com as disputas por territórios rurais para que compreendam a importância do que fazem e desse fortalecimento eles conversarem com outros agricultores de igual para igual demonstrando suas experiências e disso resultando em outras. O produto agroecológico não é apenas um produto, abarca diversos significados: políticos, sociais, ambientais etc. Conforme Tânia:

No nosso ponto de vista, a gente entende que a agroecologia é um princípio de vida, então a pessoa tem que lutar por ela, não é assim qualquer coisa... E, nosso produto é de elite. Porque não dá pra ir disputar com o mercado e os preços de produtos de mercados normais. Por exemplo, a feira do oitizeiro, na feira de cruz das armas. Por que? Pq é um produto que tem custo barato. O nosso é os agricultores mesmo que cuidam, que produzem... Ele tem esse específico.

É preciso compreender esta especificidade da agroecologia. E um dos papéis dos produtores é também passar isso para seus clientes. Dentro desta malha, todos os componentes ajudam nesta conscientização. Ainda segundo Tânia:

No início assim a gente preparava o povo pra dar aula pros clientes que chegavam para poder convencê-los da qualidade do produto. Por isso não dá pra disputar com o mercado livre, pq nosso produto é o nobre, é o melhor... não só, mas é pq ele tem uma função social muito grande. Essa feira tem uma função social muito grande.

A partir dessa fala se compreende a relevância da conscientização sobre a agroecologia. Não se trata apenas de um produto orgânico sendo vendido sem agrotóxico. Trata-se de um produto local, feito por pessoas que moram nas terras paraibanas próximas a João Pessoa, que vivem disso, que lutam pelo seu pedaço de terra há muito tempo, que tem uma história e que tratam o meio ambiente com respeito. Trata-se de um produto que tem uma função social, que traz uma soberania alimentar e uma resistência aos produtos provenientes do agronegócio.

3.3 OS CLIENTES

Os camponeses são parte essencial da Associação. Nos capítulos anteriores eu já descrevi a história de luta pela terra que eles enfrentaram, como eles formaram a feira, como eles enfrentaram as dificuldades para estarem onde estão hoje e como vão enfrentar mais dificuldades ainda para permanecer este processo que é a agroecologia e a Ecovárzea. Eles compõem um elo nesta malha que tento descrever nesta dissertação. Um grande elo, pode-se dizer. É sobre este elo que escrevo. Pois é a partir dele que há uma conexão com todas as outras partes inclusas na malha. É a partir da relação com os agricultores que analiso os outros agentes. UFPB com agricultores, CPT com agricultores e por aí vai.

Agora vou falar de uma outra parte bem importante deste elo e que está diretamente ligada aos produtores: os clientes. Para finalizar minha análise da malha, venho falar daqueles que fazem a feira acontecer toda sexta. Aqueles para os quais os agricultores produzem, transportam e vendem os produtos.

Toda feira precisa de clientes para acontecer. Não adianta só ter a ideia da agroecologia e da feira livre, é necessário, literalmente, que alguém compre esta ideia. Neste caso, várias pessoas. Eu sou uma cliente da Ecovárzea, portanto, não falarei apenas do que observei ou conversei, mas do que vivi nesta posição.

De início, preciso deixar claro que não obtive nenhuma entrevista direta e gravada com algum cliente, o que não quer dizer que não os observei, pois tive várias conversas informais com eles que resultaram em vários momentos importantes para esta pesquisa. Conversei com vários clientes, trocamos informações, dicas de produtos e desabafos sobre a vida. Estando também nesse papel, me aproximar de outros clientes acaba, às vezes, sendo natural, pois estamos do mesmo lado da barraca: olhando as frutas, os legumes e as verduras, perguntando o preço, analisando a qualidade, pechinchando e pagando pelos produtos que escolhemos.

Toda sexta feira eu percorro a feira, vendo se tem tudo que está na minha lista, feita previamente em casa, e vou de barraca em barraca comprar o que preciso, como uma cliente. Depois, vou a barraca de tapioca de Tina, peço meu café da manhã e me sento na mesinha ao lado da barraca, ao lado de outros clientes. Narro isto, pois é preciso diferenciar duas tipologias de clientes: os que vão a feira para comprar e o que vão para

tomar café. Muitos clientes acabam sendo os dois ao mesmo tempo, como eu. Mas outros não.

De modo geral, não se tem um levantamento oficial de onde vem a maioria dos clientes da feira, mas há uma ideia geral. Vários agricultores me disseram que a maioria dos clientes era professores da universidade ou pessoas ligadas a elas. Até onde pude presenciar, confirmei este dado, pois a maioria com quem conversei me relataram algum vínculo com a UFPB, seja professor, ex-professor, aluno ou ex-aluno.

O público varia de idades, frequentam a feira tanto pessoas idosas e de meia-idade, quanto jovens de 20 e poucos anos. Devido ao fato de os comerciantes na frente em sua maioria serem jovens, o número de jovens é bem grande. Pode-se dizer que é uma feira que tem uma variedade etária. Também vão muitas famílias com filhos. Há também funcionários da limpeza da universidade que passam lá uniformizados. Quanto a questão de gênero, pelo que pude observar, mas sem dados oficiais, vão mais mulheres do que homens. Não quer dizer, contudo, que o número de homens, inclusive sozinhos, seja baixo, encontrei vários deles escolhendo frutas ao meu lado. Quanto a questão de renda, não tive como fazer um levantamento, então seria mais uma especulação, mas pelo que Tânia da CPT e alguns agricultores falaram, além do fato do perfil da feira demandar, dá para se ter uma ideia de que a maioria das pessoas são de classe média.

O clima na feira é muito receptivo. Os agricultores são amáveis. A feira é pequenininha e você já entra nela vendo seu fim, o que acabou me dando uma sensação de acolhimento. Muitos clientes já conhecem os agricultores de anos, cumprimentam, fazem uma piada. Seu Luiz, por exemplo, conhece quase todos há muito tempo. O clima é bem familiar, se assim posso falar. Conhecidos que se encontram rotineiramente toda sexta feira. Ari, por exemplo, disse que conhece clientes desde que era pequeno quando acompanhava seu pai na barraca, antes de ter a sua própria.

É um verdadeiro laço que une as pessoas que compram e as que vendem. Tem a ver com a lógica da agroecologia. Assim como Tânia falou, os produtores de início tiveram que ensinar os clientes a importância de seus produtos, o porquê do preço mais alto do que os dos supermercados e o porquê daquela feira. Olhar para a mercadoria não apenas enquanto mercadoria, mas como fato social, nutritivo, ambiental, político. Os laços estabelecidos por conta desta relação perduraram pelos anos, fazendo com que a feira se tornasse realmente um estilo.

Trata-se de um estilo de vida e de um espaço de convivência. Retomando o que Vanderson, Fernando, Luizinho e Tânia disseram, é muito mais do que um feira. É um espaço de sociabilidade. Entendendo por sociabilidade, uma rede de afetos e interações entre pessoas que pertencem a mesmos segmentos sociais ou parecidos que se igualam e formulam estratégias de lidar com a realidade (Simmel, 1983). Nesta feira, contudo, o segmento social ao qual as pessoas envolvidas pertencem se trata mais da perspectiva social pelas quais elas lutam. No entanto, é necessário fazer um adendo, não se pode romantizar esta relação cliente/produtor/feira e achar que todos os clientes são conscientes e estão engajados em construir a agroecologia, falo de um panorama bem geral e me refiro aos que constroem esta relação com os produtores há anos. Há uma rotatividade na feira e não tive como dar conta de todas as relações freguês/produtor.

Contudo, isto não interfere na lógica da feira enquanto um espaço de (com)vivência, eu pude percebê-la enquanto freguesa e ao conviver com outros clientes. É a partir disto, inclusive, que estabeleço a minha análise sobre como os clientes pertencem a esta malha.

Tive contato com muitas pessoas que vão diretamente para a tapioca e não percorrem a feira para comprar coisas. Eu deixava para tomar café toda sexta feira na barraca da tapioca não só por gostar de comer, mas para aproveitar este momento de sociabilidade e troca. Depois de escolher meus produtos, eu me demorava mais de uma hora conversando. Este espaço que me pareceu ao mesmo tempo que pertencente a feira, ser distante dela, me chamou bastante atenção. Acredito que ele comprove mais ainda a justificativa da feira ser este espaço de convivência.

Todos os clientes com esse perfil, que conversei diretamente, eram homens. Ao todo conversei com mais frequência, por semanas, com quatro. Vou relatar um pouco da história deles. Para não falar seus nomes, irei listá-los de 1 a 4.

O freguês número 1 é um homem na faixa etária dos 60 anos, branco, solteiro (autodeclarações dele) e ex-professor aposentado da Universidade. Segundo ele, começou a frequentar a feira quando estava na Universidade há muitos anos e, inclusive, trouxera alunos seus para visitá-la, pois desde essa época acha que todos na Universidade deveriam desfrutar do privilégio de ter esse espaço tão perto. Ele foi um dos primeiros fregueses, dos listados, que tive contato e conversei. Eu o vi praticamente em todas as feiras, estavam lá em torno das 8 horas da manhã até umas 9 horas.

Em uma de nossas conversas, falou sobre suas raízes sertanejas, sua mãe que lhe fazia comidas deliciosas, das feiras que frequentava no sertão e aquele espaço da Ecovárzea lhe trazia esta memória. Ali estivera em vários momentos seus enquanto professor e mesmo depois de aposentado, vai praticamente toda sexta, porque ama a tapioca de Tina e ir ficar conversando com outras pessoas.

O freguês número 2 é um homem também na faixa dos 60/70 anos, mora em um sítio nos arredores de João Pessoa. Tem uma paixão pela cozinha e adora cozinhar pratos típicos nordestinos (galinha, bode, picado, carneiro etc.). Chegou a fazer curso de gastronomia e tem contato direto com a curso de gastronomia da UFPB, ministrando algumas aulas na Universidade mesmo sem ser professor oficial, mas como ajudante. Ele tem um projeto de fazer marmitas para os alunos que dependem da assistência estudantil e estão sem acesso ao Restaurante Universitário por causa da pandemia. Segundo ele, toda sexta ele faz várias marmitas e muito estudantes só comem isso durante o dia.

Não o via toda sexta feira, mas ele vai com frequência. Em seu sítio, ele produz cachaça artesanal. Na primeira vez que o vi, ele chegou na barraca da tapioca, se sentou em um banco, colocou um litro de cachaça na mesa e pediu picadinho de bode e macaxeira. Picadinho é uma comida pesada (de difícil digestão), considerada forte, mas bastante gordurosa. Ao redor dele, alguns produtores e outros clientes se serviram de doses de cachaça. Ele começou a contar que ele mesmo produzia artesanalmente. Muitos elogiaram o sabor da cachaça e se serviram de outras doses. Aqui na Paraíba há uma cultura grande de beber e produzir cachaça, então as pessoas são conhecedoras da qualidade de uma cachaça. Eu estava sentada na mesa comendo minha tapioca e vendo aquilo acontecer. O freguês me perguntou se eu não ia beber uma dose e eu indaguei sobre o horário, pois achava muito cedo para começar a beber (eram 9:30/10h). Ele disse que nas feiras no interior da Paraíba era essa hora que as pessoas começavam a beber, pois já haviam se levantado desde muito cedo para trabalhar e essa hora já era tarde e como era sexta feira, já era hora de “começar os trabalhos” (se referindo a começar a beber).

Foi a partir daí que começamos a conversar e ele me contou sua história. Eu disse que adoraria provar sua cachaça, pois eu apreciava algumas, mas estava pilotando e tinha coisas para fazer. Ele disse que iria trazer uma pequena para me presentear. Falou que seu produto é feito por ele e por sua esposa no seu Sítio e que já cozinhou para muitas pessoas aqui em João Pessoa. Tinha um apressado por aquela feira e por fazer que nem nas feiras do interior, fazer a cachaça e comer o picadinho de bode que ele adorava. No final daquele

dia que nos conhecemos ele me deu a garrafa de cachaça que ele tinha trazido e tinha ficado pela metade, para que eu pudesse provar, eu a levei para casa.

O freguês número 3 tem em torno de 40/50 anos, cabelos grisalhos e usa óculos de grau. No dia que nos conhecemos ele estava usando uma blusa de alguma banda rasgada sem manga e uma calça preta apertada (estilo cantor de rock) e se sentou do meu lado em uma das vezes que eu estava esperando minha tapioca. Pedi molho de pimenta e eu pedi para que me passasse também para eu colocar na minha tapioca. O molho de pimenta é artesanal, feito também por Tina. Começamos a conversar sobre isso e me disse que era músico, estava comendo uma tapioca para seguir estrada, porque ele ia dirigir por algumas horas para levar um cantor a um show (ele é músico e motorista de uma banda). Perguntei se ele estava ali pela primeira vez, ele me disse que conhecia a feira há anos, a acompanhou em vários momentos e ama aquele espaço. Sempre que está em João Pessoa ele vai para lá. Costuma de vez em quando chegar bem cedo, antes mesmo dos agricultores chegar, pegar seu saxofone e tocar, esperando os agricultores chegar no caminhão e o sol nascer. Segundo ele, ele toca enquanto os agricultores descarregam os produtos, montam as barracas, tomam café e se organizam. É uma forma dele “etnografar a universidade”, palavras dele.

Mesmo não sendo antropólogo de formação, ele afirma que durante este tempo frequentando a universidade e a feira, as etnografa. Ele tem uma relação de proximidade com a Universidade mesmo que não tenha estudado lá, pois frequenta o espaço há muito tempo e tem várias amizades. Inclusive, ajuda muitos alunos que dependem de assistência estudantil quando eles precisam. Alguns já moraram com ele em sua casa e é considerado pelo mesmo como seus filhos. Segundo ele, tem vários filhos por aí na Universidade. Foi o que eu vi com menos frequência na feira, acredito que pelo seu trabalho de motorista e músico que o coloca para andar por muitos cantos.

O 4 e último freguês é mais jovem que os demais, na faixa de 30 anos. Tem uma barba comprida e cabelos pretos e é professor de meditação e yoga. Esse foi quem eu mais vi depois do freguês número 1. Ainda quando não tinha voltado as duas barracas de tapioca, nos sentávamos em bancos de plástico tentando manter uma distância da feira, por conta da Covid-19, para comemos nossas comidas.

Vimo-nos várias vezes até termos conversas. Mas em uma dessas vezes, sentados em bancos de plásticos esperando nossas tapiocas, em um dia que a feira não estava muito

movimentada comecei a contar a ele sobre minha pesquisa na feira. Falei de alimentação, de alimentação industrializada e de como aquela feira me oferecia uma outra alimentação e perspectiva. Foi assim que ele falou que aquela feira era um espaço de tranquilidade para ele. Assim como eu, ele buscava uma alimentação que nutria seu corpo, que lhe servia como medicina e não que lhe fizesse mal. Para ele, nós estávamos conectados com a natureza e precisávamos dar mais atenção a ela, parar de desrespeitá-la e passar a dar o seu devido valor. Os ideais agroecológicos fazem parte da sua jornada e, ainda segundo ele, aquela feira reafirmava esses valores para ele, além de estar consumindo alimentos produzidos por pessoas que respeitavam a natureza.

O que esses fregueses que descrevi acima têm em comum é que suas histórias são atravessadas pelo espaço da feira. É ali que eles têm projetos, trocam experiências com outras pessoas, etnografam o local, compartilham sua cachaça e reafirmam seus ideais. Essas histórias comprovam para minha pesquisa este espaço de sociabilidade, de vivência e convivência que a feira carrega. Um espaço de troca e de trajetórias que conjuntamente com todos os que fazem a feira acontecer constroem esta malha.

Escolhi falar desses fregueses porque eles não precisam comprar os produtos nas barracas de hortaliça para fazerem parte da feira. Para mostrar também como esta feira vai além da venda e compra de mercadoria, seu sentido agroecológico está também em vive-la. O homem que vem do sertão e se encontra na feira, nos seus. Outro homem que lembra de sua história, de sua mãe que é do sertão. Outro que vive a feira através da música e de seu estudo. E outro que vê na feira a correlação com seu trabalho e seu corpo.

Estas trajetórias se esbarram com as trajetórias dos agricultores, que se esbarram com as da universidade e seus projetos de extensão e com a CPT e os movimentos sociais. Com os comerciantes alternativos que ficam do lado de fora. Tudo isso forma esta malha que descrevi durante este capítulo e que eu pude observar que consiste exatamente na forma como a Ecovárzea resiste e existe em um mundo capitalista que supervaloriza a alimentação industrializada e não incentiva os projetos agroecológicos.

3.4 SE A ASSOCIAÇÃO NÃO TIVESSE CONFLITOS, NÃO TINHA GENTE.

Durante esses meses fazendo a pesquisa, pude observar alguns pontos latentes. E acredito ser importante trazê-los aqui tanto para mostrar a realidade da Associação e suas

relações com os demais grupos e instituições, como para demonstrar como a construção de algo passa por situações difíceis.

As dificuldades, na verdade, estiveram presente desde o começo. Adentrar em uma disputa por terras em um país extremamente desigual como o Brasil já é algo impactante. No entanto, com o passar das fases da Ecovárzea, as dificuldades e os conflitos também vão mudando. No início era arranjar um local para comercializar, depois foi como produzir e como planejar. Agora a Associação apresenta conflitos de um grupo organizado, que tem que lidar com várias pessoas, com seu futuro e com seus ideais ativos.

Em entrevista com Jácia, ela me falou sobre a existência de conflitos na Associação, pois gerir seres humanos conseqüentemente é lidar com conflitos. Segundo ela: “Eu sei que em toda Associação tem uns conflitos, umas conversas. Que isso é uma Associação, se não tivesse não era Associação, porque não tinha gente.”

No começo, os conflitos eram com situações externas, para poder se firmar enquanto feira, enquanto Associação, já agora é mais sobre lidar uns com os outros enquanto parceiros de Associação. Conforme Jácia disse:

só que quando a gente começou a Ecovárzea não tinha essa briga, num tinha arenga [entre os agricultores], num tinha negócio de quem recebeu mais dinheiro ou reclamar que a feira tinha sido ruim, não tinha isso não. A feira sempre era boa, nem que voltasse com as caixas cheias. Hoje que você ganha mais dinheiro de que antigamente, você ganha muito mais, uma feira dessa é ruim? De dizer que a feira é muito ruim. Antes se ajudava quem tava doente, agora o povo ta com mais dificuldade de ajudar.

Com o passar do tempo e com o estabelecimento da feira na UFPB e a estabilidade dos produtores, os conflitos se estendem para o dia a dia entre eles mesmos. Disputa por quem está vendendo mais ou por que algum dia a feira não rendeu tanto quanto esperavam.

Outro elemento que gerou divergência foi a logística do site quando ele foi implementado, quando a feira estava proibida de acontecer em decorrência do decreto por conta da pandemia. Como Jácia disse:

Com o site mesmo que teve gente que não quis participar. No começo a gente não dava prioridade a ninguém, porque ninguém tava vindo pra feira. Só que eu não podia colocar vinte pé de alface pra uma pessoa porque eu não posso

colocar vinte pé de alface pra todos os produtores. Ai teve esses dilemas, também por causa de cinquenta centavos que ficava faltando. Uns pediram pra sair [do site], tudo bem. Todo mundo se fala. Na reunião do mesmo jeito, todo mundo começa a discutir, depois sai e ta rindo, brincando.

A distribuição dos produtos na venda do site e desconfiança de que teria seu produto garantido causaram algumas divergências. No entanto, isso não compromete definitivamente as relações, pois os produtores depois estão “rindo e brincando” novamente. Contudo, Jácia reclama que é necessário que todos estejam mais próximos e mais dispostos a se reunir, ter mais respeito pelos outros, procurar estarem mais unidos em prol do mantimento da feira. Conforme ela:

Por isso que eu digo pro povo que essa feira é uma mãe. Eu tento dizer pro povo vamo se reunir mais, vamos buscar mais respeito com as pessoas de dentro da feira. Mais conversa. Porque se hoje a gente perde essa feira, vai sofrer, porque eu, por exemplo, não tenho estudo pra arrumar um emprego. E pra quem tem não tá fácil, imagine pra quem não tem.

Ademais, tiveram outras dificuldades que pude observar quando visitei o assentamento. Em decorrência da covid-19, eu não achei sensato ir até os assentamentos, durante minha pesquisa, ver como os agricultores viviam em suas parcelas de terra, nem como era a produção, nem conversar com as mulheres em suas casas, como eu havia planejado. Achei, portanto, que esta parte da metodologia estaria descartada da minha pesquisa.

No entanto, após decorrido mais de um ano de pandemia, com aumentos e diminuição de infecções pelo vírus e com flexibilização das medidas de segurança, o grupo do professor Fernando, do LABOAA, resolveu iniciar presencialmente as oficinas para a construção de viveiros sustentáveis de peixes no assentamento. Eles deram início a essas oficinas ainda na pandemia de forma remota, com conversas online, a partir da plataforma do Zoom³². Com a flexibilização que estava acometendo nesta época, Fernando e a professora Jane, bióloga do DSE-CCEN, juntamente com um de seus bolsistas resolveram marcar uma ida a Sapé.

Eu soube desse projeto em conversa com Fernando nos momentos nos quais nos encontramos nas feiras. Apresentei meu desejo de ir acompanhar por causa da minha

³² A Zoom Video Communications, ou comente "Zoom", é uma empresa americana de serviços de conferência remota que combina videoconferência, reuniões online, bate-papo e colaboração móvel.

pesquisa e ofereci meus ensinamentos de antropóloga caso ele precisasse em alguma oficina, nesta em específico ou em outro projeto. Quando ele estabeleceu a volta, em uma das vezes que nos encontramos na feira, afirmou que eu poderia ir. No dia anterior (dia 09 de novembro), pela manhã, quando procurei confirmar, Fernando me afirmou que eu não teria como ir, pois a UFPB não conseguiu disponibilizar um carro, e o seu carro, o único que iria, estava lotado. Agradei o convite e já me auto convidei para a outra ida. Na noite desse dia, Fernando me liga dizendo que uma pessoa que ia desistiu e teria uma vaga. As 7 da manhã do dia 10 de novembro, nos encontramos em frente a Reitoria da UFPB e fomos o seu carro, junto com a professora Jane e seu bolsista. Foi a oportunidade perfeita para realizar essa parte da minha pesquisa (a ida aos assentamentos) e ela pudesse ser feita com a segurança de encontrar os agricultores em um local arejado e com o uso de máscaras, em um encontro do LABOAA.

A viagem durou cerca de uma hora e meia. O itinerário do dia era ir para o assentamento Padre Gino, tomar café da manhã na sede da Associação, repassar a parte teórica da oficina que já havia sido iniciada, depois visitar a parcela de um produtor, seu Diomedio, que já havia iniciado a construção de um viveiro e fazer a parte prática lá. Houve atrasos e uma confusão nas informações. Algumas pessoas foram para o Memorial das Ligas Camponesas, em Barra de Antas-Sapé, achando que seria lá e tivemos que esperar mais de uma hora para servir o café e começar a programação, o que acabou atrasando o cronograma e tendo que modificá-lo. Depois do café, portanto, partimos logo para a parte prática: fomos ver o viveiro em construção de seu Diomedio.

Figura 12: Muro com o nome “Assentamento Padre Gino”



Fonte: Acervo da autora

Figura 13 : Foto de algumas casas do Assentamento Padre Gino.



Fonte: Acervo da autora

Nesse momento, a professora Jane explicou as condições necessárias da água para que os peixes pudessem viver no viveiro e como não a desperdiçar, que poderia ser utilizada para irrigar as plantações dos agricultores, pois além de ser água, ela estaria cheia de nutrientes que as plantas adoram, como a amônia, tornando o viveiro um projeto sustentável, sem desperdício e muito mais barato. Foi neste momento que alguns agricultores me reclamaram da falta de água no assentamento. O território da Várzea, em geral, tem sofrido bastante com a falta de água, o que acaba afetando os assentamentos.

Para o assentamento Padre Gino, por exemplo, de onde grande parte dos agricultores da Ecovárzea vêm, tem apenas um lago para todos, que não abarca todo o território. Quem mora distante do lago, não tem muito acesso a água, estando à mercê de perder parte da sua colheita.

Figura 14: o bolsista da professora Jane conversando com Diomedio em frete ao seu viveiro.



Fonte: Acervo da autora

Muitos agricultores relataram que estavam ali para aprender, mas que as chances de conseguirem fazer seus viveiros era muito escassa, pois eles as vezes não estavam conseguindo água nem para a plantação.

Figura 15: Foto do único lago que abastece o assentamento.



Fonte: Acervo da autora

Zefinha uma das agricultoras da Ecovárzea, me relatou que quase não tem conseguido produzir e, conseqüentemente, vender, em decorrência disso. Depois desse encontro, me lembrei que realmente ela não estava montando sua barraca em todas as feiras. Tinha semana que ela ia, tinha semana que não. Para ajudá-la, Jácia, Jonas e Renato (os responsáveis pelo site) têm colocado seus poucos produtos para vender somente no site, para que ela não tenha que pagar a taxa do transporte para vir a feira vender pouca coisa. A situação hídrica foi bastante pontuada enquanto estive lá e achei necessário pautar, mesmo que brevemente.

Figura 16: foto da professora Jane conversando com os agricultores



Fonte: Acervo da autora

Depois desse “tour” pelo viveiro, voltamos para a sede da Associação para almoçarmos. De comida tinha galinha torrada, arroz da graxa da galinha, batata doce, macaxeira, farinha, peixe frito, peixe cozido, salada, arroz e macarrão. Um verdadeiro banquete. Uma das minhas partes preferidas do dia. Enquanto almoçamos, eu, Fernando e Luizinho conversamos. Uma das coisas levantada por eles, que trago aqui para análise como um dos conflitos que ocorrem na Associação, foi sobre a parca quantidade de agricultores presentes nas reuniões e oficinas.

Figura 17: Foto do meu prato com galinha, arroz da graxa, peixe frito, salada, macaxeira, batata doce e caldo de peixe.



Fonte: Acervo da autora.

De acordo com eles, é difícil fazer com que todos os produtores se mantenham assíduos nas reuniões. Depois de terem se estabelecido, alguns produtores tendem a se acomodar com o dinheiro que recebem na feira e acabam deixando de lado a necessidade de manutenção dos ideais agroecológicos: das oficinas, das reuniões etc. Quando perguntei a Luizinho do porquê disso acontecer, ele me respondeu:

professora, o capitalismo, né? A lógica capitalista e individual que faz com que algumas pessoas não pensem no coletivo. A pessoa pensa assim, já to faturando o meu, eu já to feito. E tem também outros fatores né, tem uma falta de incentivo pessoal, né? Eu digo pra eles, que eles têm que ter vontade de fazer as coisas, deixar de ficar parados, têm que ter determinação. Eles têm que levantar, buscar conhecimento, porque alguns acham que já conseguiram o que tinha que conseguir. Não pensa muito no coletivo, sabe?

A lógica capitalista individualista é apontada por Luizinho como uma das causas. Alguns produtores acabam não pensando mais no coletivo, pois já passaram pelas

dificuldades e agora estão em um momento estável. Acabam não vislumbrando que foi do coletivo que surgiu a Associação e que é necessário permanecer pensando coletivamente para mantê-la e renová-la. Além disso, Luizinho também aponta a falta de incentivo pessoal, a falta de perspectiva de que pode aprender mais, por já estarem mais velhos, por acharem que já atingiram um limite de conhecimento. Esse desincentivo também é apontado por Luizinho como uma causa do capitalismo e da falta de interesse pessoal em “crescer”.

Estes fatos vêm acometendo os produtores no momento de estabilidade da Ecovárzea, pois, segundo Luizinho não era sempre assim:

No começo não era assim. Quando a gente tava lutando pela terra, tava todo mundo junto, todo mundo unido. Todo mundo se reunia, pensava no coletivo, sabe? Tinha a oração que a gente fazia e unia todo mundo, todo mundo ia. Era bonito de se ver. Agora a gente perdeu um pouco dessa união, porque algumas não querem ir pras reuniões. Tem que ficar chamando, esperando e quando a gente vê, não tá todo mundo.

A oração e a comunhão, momento de mística, unem os produtores nos momentos de dificuldade, principalmente no começo quando todos estavam juntos lutando pelo mesmo objetivo, sem trabalho, tentando vencer os obstáculos. Segundo aponta Luizinho, neste começo da luta pela terra, todos estavam dispostos e unidos.

A questão da mística é uma ferramenta de análise recorrente quando se fala de movimentos camponeses. A oração, a crença em um propósito foram essenciais para manter os agricultores unidos por uma causa. Esta mística, entanto, não se perdeu da Associação. Consoante Silva (2006) ela é considerada parte integrante da Ecovárzea, sendo, inclusive, um dos aspectos constituintes da organização coletiva dos agricultores, uma vez que os agricultores e agricultoras junto com a assessoria da CPT refletem as dimensões da vida e as relacionam com a espiritualidade, baseado na Teologia da Libertação³³. A oração, a leitura e a reflexão da bíblia fazem parte constituinte da Ecovárzea. Mesmo agora, permanece presentes nas reuniões, como forma de agradecimento pela produção e comercialização.

³³ A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã nascida na América Latina que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais.

O que a fala de Luizinho pode nos mostrar é a necessidade constante de se manter este sentimento de pertencimento que um movimento apresenta. Em alguns momentos vai ser mais forte, em outros momentos, vai ser menos forte. Fazer a manutenção dos ideais de coletividade, inclusive através da mística, é essencial, pois mantém a sensação de pertencimento.

O MST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra), outro movimento do campo, por exemplo, é conhecido por juntar a religião com a luta em sua famosa mística. Sendo a mística, portanto, a sensação de pertencimento a uma identidade, a uma terra e a um espaço. É a junção da espiritualidade com a luta e, não por menos, o sentido de estar lutando. Segundo Indursky (2014), a mística é uma prática político-ritualística que acompanha as ações do MST levando ao sujeito se identificar com a proposta do movimento e se sentir pertencente. A religião está presente em todo o decorrer da produção, da comercialização e da organização.

Utilizar dessas ferramentas, a mística e a conscientização, são vias para manter essa resistência contra a perspectiva capitalista individualista. Junto com isso, é necessário também fomentar nos produtores a determinação de seguir com os ideais agroecológicos.

Conjuntamente com esta situação, vem a sobrecarga de Luizinho. Por ser um dos agricultores que mais tem desenvoltura para se colocar nos espaços para falar, ele acaba sendo a referência da Ecovárzea. O que não é algo ruim, mas desgastante, tendo em vista que muitas pessoas colocam para ele esta responsabilidade em vez de outros produtores se desafiarem a isto. Não quer dizer que só Luizinho faz isso dentro da Associação, mas ele acaba sendo o mais cogitado. Este ponto tem a ver com a falta de incentivo de alguns camponeses que não se dispõem mais a participar das reuniões e, também, tomar partido das coisas. Uma coisa acaba sendo consequência da outra.

Ainda nesta conversa que tivemos na sede da Associação em Sapé, tanto Fernando quanto Luizinho demonstraram preocupação com a questão da juventude na Ecovárzea. Isto é, como incorporar os jovens a Associação, tanto os filhos de produtores da Ecovárzea quanto os do assentamento que não fazem parte da Associação. Muitos produtores são da Associação desde que ela foi criada, há 20 anos. Na verdade, vários estão desde que lutaram por seu pedaço de terra. À medida que ficam velhos, seus filhos não os substituem na mesma proporção e a entrada de outros membros jovens também

não é alta. Não quer dizer que não há jovens. Enquanto eu circulei pela feira, várias crianças e jovens estavam nas barracas ajudando seus pais. Algumas crianças de oito, dez anos. Outros de quinze anos. Conversei com alguns. Muitos estão ali ajudando os pais pontualmente, seu objetivo é estudar e encontrar um outro emprego que não seja no roçado.

É um ponto que percebi durante toda pesquisa. É, na verdade, uma questão latente e antiga. E abarca várias nuances. A exemplo de Jácia, que fala da Ecovárzea, sugerindo que ela é como uma mãe, pois deu muitas oportunidades aos camponeses, quando perguntei se suas filhas iriam seguir com a produção de alimentos, ela disse que não era o objetivo, que suas filhas estavam estudando para seguir outro rumo:

Não trago muito minhas meninas não pra feira. Quero não, quero não minhas filhas no roçado. Elas estão estudando pra tentar outra coisa. É gratificante aqui na Ecovárzea, mas é difícil demais, isso aqui deixa pra mim que num estudei, pra elas eu quero outra coisa mesmo.

Mas isso não ocorre apenas na Ecovárzea. A falta de incentivo dos jovens para permanecerem no meio rural é antiga. Com o contraste sempre acentuado entre meio rural e a cidade, muitos jovens acabam querendo sair de onde nasceram e migrar para a cidade em busca de oportunidades.

De acordo com Barcellos (2015), há uma tendência a diminuição dos números de jovem na agricultura familiar. O autor demonstrou que em uma década cerca de 1 milhão de jovens entre 15 e 29 anos deixaram de pertencer à meio rural. Em 2000, havia cerca de 9 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de um total de 31.835.143 pessoas; já, em 2010, para 29.830.007 habitantes, 8 milhões eram jovens.

Apesar de ser uma decisão individual permanecer ou não em um local, ela é influenciada pelo contexto social (Savian, 2014 *apud* Oliveira; Mendes; van Herk Vasconcelos, 2021). Diante de uma realidade na qual faltam empregos no meio rural e um acesso maior a educação no meio urbano, os jovens cresceram pensando em ir para as cidades, inclusive com o apoio dos pais. Mesmo depois, quando houve melhoras no incentivo a agricultura familiar, a juventude ainda carece de políticas públicas que sejam voltadas diretamente para elas e para suas ambições (Castro, 2009 *apud* Oliveira; Mendes; van Herk Vasconcelos, 2021).

Mesmo a Ecovárzea apresentando-se como um caminho diferente ao agronegócio e seus empregos instáveis e exaustivos do meio rural, o medo de que seus filhos não consigam vencer na vida e acabem tendo a mesma vida sofrida que os pais ou avós tiveram pode permanecer em alguns pais.

No entanto, isso não necessariamente condiz com a realidade. As redes sociais e a tecnologia já chegaram no meio rural, proporcionando outras vias de emprego que façam com que os jovens se satisfaçam e se encontrem. A exemplo mesmo da Ecovárzea, quando os produtos foram colocados para vender no site, foram os jovens que iniciaram esta tarefa e são eles que a mantêm até hoje. Mexendo nas redes sociais, eles estão garantindo a venda dos produtos em paralelo com a feira e fazendo outro tipo de trabalho. Viver no campo nem sempre vai ser sinônimo de trabalho braçal e pode ser aberto a outros caminhos.

Acho importante trazer esta temática, pois a própria Ecovárzea apresenta um panorama interessante para investigá-la. É um espaço que permite outras vivências do meio rural e diminui os estigmas relacionados a ele, especialmente quando se trata de campesinato e agricultura familiar.

Por exemplo, ao mesmo tempo que Jácia não quer suas filhas produzindo como ela, Renato, Jonas, Ari e Lucas, quatro jovens produtores da Ecovárzea mostram sua juventude mantendo a Associação renovada. Jonas, Ari e Lucas estudam sobre agroecologia e trazem seus conhecimentos para a Associação. Jonas e Ari fizeram curso técnico (Jonas em agronomia em Bananeira/PB e Ari em agroecologia no sertão de Pernambuco), Lucas estuda por si só. Todos os três são pessoas requisitadas para repassar seus conhecimentos técnicos sobre agroecologia. Renato e Jonas, por outro lado, cuidam do site e trazem seus conhecimentos em tecnologia para auxiliar a Associação.

Neste último capítulo, é possível ver como a Ecovárzea se organiza e transborda para fazer com que a agroecologia aconteça na prática. Faz-se necessário, portanto, a existência de uma malha que é composta por vários agentes que contribuem para que a associação exista. Esta malha e as trajetórias desses sujeitos que a compõe se emaranham formando a própria Ecovárzea e dando vida a ela. Este processo acontece atravessado por desafios. Mesmo estando há 20 anos dando certo na UFPB, há sempre questões a serem resolvidas. É importante, portanto, compreender esta realidade para que não haja, inclusive da minha parte que estou pesquisando, uma romantização desse processo, como

se ele já estivesse finalizado e perfeito. Pelo contrário, ainda há muito caminho pela frente na construção dessa nova perspectiva de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma antropologia feita em um país periférico (Brasil), no que concerne a divisão geopolítica do globo, em uma região periférica (Nordeste) dentro deste país, acerca de vozes que têm um histórico de serem silenciadas. Desta forma, este trabalho também pode ser visto por uma perspectiva decolonial ³⁴ sobre a construção do saber científico, tanto sobre quem está escrevendo este trabalho como pelo conteúdo ao qual ele se trata. É uma ferramenta de análise que coloco como possibilidade acerca deste tema que apresentei, devido as adversidades que todo trabalho de campo apresenta e a impossibilidade de suprir todos os caminhos de análise possíveis que um objeto de pesquisa apresenta, coloco apenas como indicativo. Assim, apresento a perspectiva decolonial como um viés analítico, pois acredito que este trabalho também objetivou a deconolização dos saberes, da própria antropologia, dos poderes, dos seres e da natureza. Através da contestação da visão eurocêntrica de ciência (que é a referência de ciência no mundo) que tem como premissa científica de observar o seu estudo através da dicotomia pesquisador/objeto; da análise da alimentação como superação da dicotomia natureza/cultura; da valorização de vozes camponesas que são constantemente subalternizadas; e da valorização dos seus conhecimentos que são pouco considerados pela ciência convencional.

Desta forma, esta pesquisa, por meio do estudo da Associação (colocar o nome todo da associação): a Ecovárzea, com o enfoque no seu viés agroecológico, buscou compreender como a Associação existe e disputa espaço na produção e consumo de alimentos no Brasil.

Diante de um cenário mundial no qual a Revolução Verde, o Agronegócio, os Supermercados, o capitalismo, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o ritmo de vida acelerado no qual a população se encontra têm afastado os saberes coletivos e tradicionais acerca da alimentação da população, passando a ser responsabilidade do nutricionismo e da indústria alimentícia, a figura da Ecovárzea se mostra como necessária para compreender este cenário.

³⁴ o pensamento decolonial tem como objetivo libertar a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica. Criticando a suposta universalidade atribuída ao conhecimento ocidental e o predomínio da cultura ocidental. As perspectivas decoloniais veem essa hegemonia como sendo a base do imperialismo ocidental.

Para isso, fiz uma análise da história da Ecovárzea; da disputa histórica, social e política pela terra no Brasil e no Nordeste; do contexto do sistema hegemônico alimentar; das ferramentas científicas de análise da alimentação; da superação da dicotomia natureza/cultura para analisar a Ecovárzea; da degradação ambiental; dos participantes da Associação, com enfoque no gênero; do estilo que compõe a Associação e seu local de comercialização e a troca que isso proporciona; dos parceiros da associação e da história e do conceito da agroecologia.

Conclui, portanto, que a CPT, a UFPB, os clientes, os comerciantes que não fazem parte da Associação, os agricultores, os professores da UFPB que fazem parte dos projetos que auxiliam a Ecovárzea e as outras feiras agroecológicas, juntos forma uma malha (INGOLD, 2000) que constitui a Ecovárzea como uma possível resistência ao sistema hegemônico alimentar e sua degradação ambiental e social. Essa resistência se dá exatamente pelo emaranhado desses sujeitos que em suas trajetórias se conectam com a Ecovárzea e a constituem, sendo fundamentais para seu funcionamento.

Esse caminho, contudo, não é feito sem desafios. Desafio para se constituir enquanto Associação, para se manter enquanto processo agroecológico, para lidar com as desigualdades sociais que atravessam os sujeitos da associação, para lidar com a diferença de seus próprios produtos diante do mercado convencional e para atrair a juventude do campo para este projeto, a fim de mantê-lo vivo. Tudo isso compõe a Ecovárzea.

Diante disso, este trabalho constata a importância da Ecovárzea não só enquanto produtora de produtos agroecológicos, mas também como contestadora de uma ciência convencional, de um sistema agrícola e alimentício tradicional. E, principalmente, pela sua luta pela construção de uma nova perspectiva de mundo. Assim, a Ecovárzea se propõe diariamente a valorizar os saberes tradicionais dos camponeses e os sujeitos do campo, com suas especificidades, propor uma soberania alimentar através da agroecologia e lutar contra as injustiças sociais e ambientais.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ADAMS, Carol J. **A política sexual da carne**. Alaúde, 2012.

ALTIERI, Miguel e Peter ROSSET. **Agroecologia ciencia y politica**. 3e ed. Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología -SOCLA, 2018.

ALVES, Juliana Ferreira. **Luta e resistência na Paraíba: a liga camponesa de sapé** in: 2017.

ARAGUÃO, Lucas; GHIZELINI, André A. Michelato. **Campesinato e Agricultura Familiar**: divergências e convergências para o reconhecimento e fortalecimento da agricultura de base familiar. Sinais n. 23/1. Vitória – Brasil. Jan-Jun 2019.

ARAÚJO, Anna Paula Balbino de. **Ligas camponesas**: A importância das Ligas Camponesas no Currículo Escolar na Escola Estadual de Ensino Fundamental Boa Vista (Sapé-PB) João Pessoa-PB. 2016.

AZEVEDO, Leonardo Francisco de. **Desvendando relações**: redes, atores e malhas. Temáticas, Campinas, 28, (55): 343-365, fev./jun. 2020. Acesso em: DOI 10.20396/temáticas.v28i55.13428

BARCELLOS, S. B. (2015). **A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil e os elementos constitutivos desse processo social**. Mundo Agrário, 16(32), 1-32.

BATISTA, Marcela Peixoto; DUBEUX, Ana. **Agroecologia e Economia Solidária**: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. Redes - Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 2, maio-agosto, 2017

BONI, Valdete; BOSETT, Cleber José Bosett. **Agricultura familiar e campesinato**: qual desenvolvimento rural? Simposio de Estudios del Desarrollo. Nuevas rutas hacia el

bienestar social, económico y ambiental. Universidad de Santiago de Chile, Chile, del 7 al 10 de enero de 2013.

BORSATTO, Ricardo Serra; CARMO, Maristela Simões do. **A Agroecologia como um campo científico**. Piracicaba-SP. RESR Vol. 51, Nº 4, p. 645-660, Out/Dez 2013 – Impressa em Fevereiro de 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. 2014.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Agroecologia: Conceitos, princípios e sua multidimensionalidade**. In: AMBIENTES. Volume 2, Número 2, pp. 25-75. 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A natureza em pessoa: sobre outras práticas de conhecimento**. Encontro “Visões do Rio Babel. Conversas sobre o futuro da bacia do Rio Negro”. Manaus: Instituto Socioambiental/Fundação Vitória Amazônica, 2007.

CASTRO, J. **Geopolítica da Fome**. 3.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade, uma história da alimentação**. São Paulo, Editora Campus, 2003.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre, **L’invention du quotidien: 2. Habiter, cuisiner**. Paris, Gallimard, 1980 (Trad. Bras. Ephrain F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 2014).

CHAKRABARTY, Dipesh. **O Clima da História: Quatro Teses**. SOPRO 91, julho/2013.

COSTA, Mariana. **Quando a fome vira negócio**. In: O Joio E O Trigo, 2021. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2021/05/quando-a-fome-vira-negocio/>. Acesso em: 21/07/2021.

FAVRET-SAADA, Jeanne. (2005). **Ser afetado**. Cadernos de Campo, 13, 155- 161.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós-Modernismo**. Editora: Studio Nobel. 1995

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FERRAZ, Claudia Pereira. **A Etnografia Digital e os fundamentos da Antropologia**. In: Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set. 2019.

FONSECA, A. B. et al. **Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições sócio-antropológicas para a pesquisa em nutrição**. In: Ciência & Saúde Coletiva, 16(9):3853-3862, 2011

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil**. Política agrícola e modernização econômica brasileira (1960-1980). São Paulo: HUCITEC, 1997.

HELENE, Maria Elisa M.; MARCONDES Beatriz; NUNES, Edelci. **A fome na atualidade**. Scipione: São Paulo, 1994.

INDURSKY, Freda. **O ritual da mística no processo de identificação e resistência**. Revista Rua. Campinas. Edição Especial – 20 anos. 2014

INGOLD, T. **Culture, nature, environment: steps to an ecology of life**. In Ingold, T. (org.) The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York: Routledge. 2000.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge. 2000.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais**”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LA VIA CAMPESINA. **Documento da V Conferência Int. de Via Campesina**. 2008. Disponível em: http://www.movimientos.org/cloc/5cviacampesina/show_text.php3?key=13343. Acesso em: 23/05/2021.

LATOUR, Bruno (2012). **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede.

Salvador: EDUFBA-EDUSC.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. In: Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent., Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002

LIMA, Alane. **PROTAGONISMO E EMPODERAMENTO FEMININO**: a eco várzea como espaço educativo para (e entre) mulheres. TCC. Pedagogia. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa 2019. 52 p.

LIMA, A. A. et al. **Mulheres e soberania alimentar**: sementes de mundos possíveis – Rio de Janeiro: Instituto Políticas e Alternativas para o Cone Sul (PACS), 2019.

LIMA, Joselita Ferreira. **A dimensão educativa da mística na luta política do MST**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2003.

MATIOLI, Victor; PERES, João. **Donos do Mercado**: como os grandes supermercados exploram trabalhadores, fornecedores e a sociedade. 1ª ed. São Paulo: editora Elefante, 2020.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular**: enunciados teóricos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

MELO, Thiago da Silva. **A ideologia por trás do termo agronegócio**. In: Revista Pegada – vol. 19. n.2. p. 84-113. Maio-Agosto/2018

MENDONÇA, Maria Luisa. **Modo capitalista de produção e agricultura**: a construção do conceito de agronegócio. 2013. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NESTLE, Marion. **Uma Verdade Indigesta**. Editora Elefante. 2019.

OLIVEIRA, M. F., MENDES, L., & VAN HERK VASCONCELOS, A. C. (2021). **Desafios à permanência do jovem no meio rural**: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. Revista de Economia e Sociologia Rural, 59(2), e222727. <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.222727>

OLIVEIRA, Rosângela Alves. **A Feira Agroecológica da Várzea Paraibana: Práticas educativas para uma economia popular solidária.** Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2004.

PADUA, José Augusto. **As bases teóricas da história ambiental.** Estud. av., São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PARAIBA. **Estatuto da associação dos agricultores e agricultoras agroecológicos da várzea paraibana.** Sapé, 2005.

PETRO, G. **Deserto Alimentar.** São Paulo, SP: UOL; 2017. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/deserto-comida/>

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski.** São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO, Ana Regina. **Desenvolvimento local: desenvolvimento não se espera, se faz.** 2010. Trabalho final de disciplina de Especialização em Economia Solidária e Autogestão pela UFCG. Campina Grande – PB, 2010.

POLLAN, Michael. **Cozinhar: uma história natural da transformação/ tradução Cláudio Figueiredo.** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca. 2014.

_____. **Em Defesa da Comida.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

POULAIN, Jean P. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar.** 2ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC; 2013.

PRÉVOST, Héloïse. **Agroecologia, uma ciência “norma(al)cho”? Sobre as escrituras científicas, o androcentrismo.** In: Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE. Ano VIII, volume II, número 15 – Jul – Dez, 2019

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte e Esperança de vida: uma história das ligas camponesas na Paraíba.** Campina: Dissertação de mestrado em História/ Universidade Estadual de Campina, 2000.

ROS, BRUNO. **Brasil importa cada vez mais alimentos.** Em Pratos Limpos, 2011. Disponível em: <http://pratoslimpos.org.br/?p=3450>. Acessado em: 04/08/2021.

ROSA, Antônio Vitor. **Agricultura e meio ambiente**. São Paulo: Atual, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2011), "**Epistemologías del Sur**", **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Año 16, Nº 54 (Julio-Septiembre) 17-39.

SANTOS, TFR., and OLIVEIRA, RV. **A Economia Solidária e a experiência da EcoVárzea: o trabalho como realização?** In: OLIVEIRA, RV., org. *Dinâmicas atuais do trabalho na Paraíba: leituras sociológicas* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 309-341.

SILVA, Nelsânia Batista da. **Educação popular e subjetividade na feira agroecológica**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. 142 p.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SIQUEIRA, Ana Elizabeth Souza Silveira de. **Empoderamento de Mulheres Agricultoras: Possibilidades e Limites de um Projeto de Desenvolvimento Rural no Semiárido Baiano – Salvador, 2014** disponível: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2015%20mestrado%20UFBA%20Ana%20Elizabeth%20Siqueira.pdf> acessado em 16 de abr. de 2019.

VALENTE, F.L.S. "**Segurança Alimentar e Nutricional: transformando natureza em gente**" in: VALENTE, F. L. S. *Direito Humano à Alimentação desafios e conquistas*. 1ª ed. São Paulo, Cortez Editora, 2002. p. 103-136.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O campesinato brasileiro: uma história de resistência**. Rev. Econ. Sociol. Rural 52 (suppl 1) • 2014.

ZAMBERLAN, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. **Agricultura ecológica: preservação do pequeno agricultor e o meio ambiente**. Petrópolis: Vozes, 2001.